

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL  
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA AUTOLESÃO PARA JOVENS ESCOLARES  
DE CAMPO GRANDE/MS: O CORPO EM QUESTÃO**

**CAMPO GRANDE – MS  
2024**

**AMANDA FERREIRA DE ANDREA**

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA AUTOLESÃO PARA JOVENS ESCOLARES  
DE CAMPO GRANDE/MS: O CORPO EM QUESTÃO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, na Linha de Pesquisa de Processos Psicológicos e suas dimensões socioculturais, sob orientação do professor Dr. Alberto Mesaque Martins.

**CAMPO GRANDE- MS  
2024**

## DEDICATÓRIA

Ao meu querido tio Fabrício (*in memoriam*),  
por todo amor e cuidado que me  
proporcionou em vida.

## AGRADECIMENTOS

Inicialmente, reconheço, com orgulho e humildade, o meu esforço e dedicação para que esse trabalho acontecesse. Mas, ainda assim, para que eu tivesse as condições materiais e emocionais para fazê-lo, tive muito suporte da minha família, amigos e pessoas queridas. Sendo assim, todo o meu agradecimento...

À minha mãe, **Fabiana** e aos meus avós, **Deuza e Mário**, por todo o amor, incentivo e esforço investido na minha formação, que serviram de alicerce para as minhas realizações. Foi por meio da minha mãe e avó que eu aprendi a amar a educação, ainda que ela seja extremamente desafiadora. Sua paixão, carinho e dedicação com a aprendizagem dos seus alunos me inspiraram profundamente. Agradeço também por compreenderem a minha ausência, para que eu me dedicasse ao mestrado.

Agradeço imensamente ao meu esposo, **Rômulo**, que esteve ao meu lado, sonhou comigo e me apoiou durante todo o percurso desta pesquisa e na vida conjunta. Sua confiança incondicional em mim e sua certeza de que eu alçarei voos ainda maiores, me inspira cotidianamente.

À **Lucy Nunes Ratier** (*in memoriam*), que me afetou profundamente durante a graduação em Psicologia, a quem dedico toda a minha paixão pela Psicologia Escolar e Educacional. Sob sua orientação, pude sentir o mesmo carinho com os processos educativos, o qual via na minha mãe e avó.

Um agradecimento especial também à **Paola Lopes** e **Valquiria Redua**, com quem divido a satisfação de exercer a magnífica profissão da Psicologia Escolar e Educacional, enfrentando juntas os desafios da sua consolidação no cenário sul-mato-grossense.

Agradeço aos jovens, pelo interesse em contribuir com a pesquisa, assim como as unidades escolares, por compreender a importância da temática e abrirem suas portas para mim. Tal colaboração foi essencial para que eu realizasse esse trabalho.

Agradeço também aos membros da banca: **Profa. Dra. Maria Isabel Antunes Rocha**, **Prof. Dr. Hugo Monteiro Ferreira** e **Profa. Dra. Alexandra Ayach Anache**, pela disponibilidade e todas as ricas contribuições para o desenvolvimento do meu trabalho. Não é à toa que escolhi uma banca da qual irá me instigar a caminhos melhores enquanto pesquisadora.

E minha gratidão ao meu orientador, Prof. Dr. **Alberto Mesaque Martins**, por seus direcionamentos e orientações. A sua paciência e o seu carinho fizeram que a minha

trajetória no mestrado fosse de uma leveza indescritível. Obrigada por toda a confiança em mim depositada.

## RESUMO

Na esteira das práticas corporais, a ação de provocar marcas intencionais no próprio corpo com o objetivo de promover alívio do sofrimento psicológico é entendida como um fenômeno social e contemporâneo. A autolesão, uma das terminologias utilizadas para nomear esse fenômeno, a qual será adotada nesse trabalho, apresenta duas características centrais: as lesões não possuem intenção suicida e não são validadas socialmente. Diversos autores consideram que a autolesão é praticada principalmente por jovens, sendo a prática, por vezes, reforçada entre os adolescentes. Observa-se, dentre outros aspectos, que a hiperconectividade, marcante dos dias atuais tem refletido na subjetividade dos jovens, principalmente nas meninas e mulheres, na sua relação com seus corpos, saúde e bem-estar, sendo impactados pelas normativas de beleza e moda que circulam socialmente, na busca do *corpo ideal*, magro e saudável. O corpo aparece, para os jovens, como objeto de importância social. Dito isso, essa pesquisa teve como objetivo geral analisar as representações sociais de jovens escolares em relação a autolesão. Nos objetivos específicos, buscou-se analisar as atitudes, comportamentos e hábitos relacionados às práticas corporais ou cuidados com o corpo entre os jovens e analisar os aspectos estruturais das representações sociais de autolesão para os jovens participantes da pesquisa. Para o desenvolvimento da pesquisa, utilizou-se da perspectiva teórica da Teoria das Representações Sociais, por meio da abordagem estrutural do Núcleo Central. A pesquisa foi do tipo qualitativa, realizada por meio da aplicação de um formulário online, composto pela Técnica de Associação Livre de Palavras (TALP), além de questões sobre caracterização sociodemográfica, percepção de saúde mental, satisfação corporal, práticas corporais e experiências de autolesão. A aplicação se deu em três escolas públicas da rede estadual de ensino, localizadas no município de Campo Grande – Mato Grosso do Sul. Participaram 83 jovens, sendo uma maior parte meninas e a mesma proporção de jovens brancos e negros. Por meio dos resultados, foi possível constatar que as meninas são as que mais indicam insatisfação corporal e autopercepção negativa da saúde mental, em que a internet parece ter significativa relação, uma vez que a maioria dos jovens relatou uso constante das redes sociais, relação também apontada por outras pesquisas. Em relação às representações sociais (RS) da autolesão para este grupo de jovens, o núcleo central é composto pelos elementos dor e corte, enquanto elementos organizativos e normativos. O sistema periférico está organizado por categorias das causas para a autolesão, das funções e dos métodos e instrumentos, significados a partir do núcleo central. Por fim, constatou-se a necessidade de construir espaços de expressão e acolhimento à juventude, possibilitando outros meios de assimilação e ressignificação dos sofrimentos vivenciados.

**Palavras-chave:** corporeidade; comportamento autodestrutivo; representação social; jovens; psicologia social.

## ABSTRACT

Stemming from bodily practices, the intentional act of marking one's own body to relieve psychological distress is understood as a contemporary social phenomenon. Self-injury, one of the terms used to describe this phenomenon, which will be adopted in this study, has two central characteristics: injuries are not suicidal intent and are not socially validated. Several authors consider self-injury to be predominantly practiced by young people, often reinforced among adolescents. Among other aspects, the hyperconnectivity characteristic of contemporary times has influenced young people's subjectivity, particularly girls and women, in their relationship with their bodies, health, and well-being. This affected prevailing beauty and fashion norms circulating socially, driving the pursuit of an *ideal*, slim, and healthy body. Among the youth, the body holds a prominent place in social dynamics. That said, this research aimed to analyze the social representations of self-injury among school-aged youth. The specific objectives included analyzing the attitudes, behaviors, and habits concerning bodily practices or body care among youth and analyzing the structural aspects of social representations of self-injury among the participants. The study employed the theoretical perspective of Social Representation Theory using the structural approach of the Central Nucleus Theory. This qualitative study was conducted through the application of an online questionnaire, which included the Free Word Association Technique (FWAT) and questions about sociodemographic characterization, mental health perceptions, body satisfaction, bodily practices, and self-injury experiences. The survey was carried out in three public schools in the state education network in Campo Grande, Mato Grosso do Sul. A total of 83 young individuals participated, most of whom were girls, with an equal proportion of White and Black youth. The results revealed that girls reported greater dissatisfaction with their bodies and a more negative self-perception of mental health, in which the internet seems to have a significant relationship, as most participants reported frequent social media use. This relationship has also been identified in other studies. Regarding the social representations (SR) of self-injury for this group, the central nucleus was composed of the elements "pain" and "cut," which serve as organizational and normative components. The peripheral system was structured around categories such as the causes of self-injury, its functions, and the methods and instruments, which derive meaning from the central nucleus. Finally, the study established the need to create spaces for youth expression and support to enable alternative ways of processing and reframing their experiences of suffering.

**Keywords:** corporeality; self-destructive behavior; social representation; youth; social psychology.

## LISTA DE TABELAS E FIGURAS

<b>Tabela 1</b> - Características sociodemográficas.....	54
<b>Tabela 2</b> - Autopercepção de Saúde mental.....	60
<b>Tabela 3</b> - Autopercepção de Saúde mental por gênero.....	61
<b>Tabela 4</b> - Autopercepção da Saúde Mental por cor/etnia.....	62
<b>Tabela 5</b> - Satisfação corporal.....	63
<b>Tabela 6</b> - Práticas corporais e cotidianas.....	67
<b>Tabela 7</b> - Experiências de autolesão.....	71
<b>Tabela 8</b> – Determinantes para a autolesão.....	73
<b>Tabela 9</b> – Formas de ajuda à jovens que se autolesionam.....	76
<b>Tabela 10</b> - Frequência e ordem de evocação (OME) para o termo indutor “autolesão”.....	79
<b>Tabela 11</b> - Frequência e ordem de evocação (OME) para o termo indutor “autolesão”, zona muda.....	81
<b>Figura 1</b> - Análise de Similitude dos evocadores, a partir do termo indutor “autolesão”.....	82
<b>Figura 2</b> - Análise de Similitude dos evocadores, a partir do termo indutor “autolesão”, zona muda.....	84
<b>Figura 3</b> - Estrutura das representações sociais da autolesão para os jovens.....	88

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2. BREVE HISTÓRIA DO CORPO: FENÔMENO HISTÓRICO E SOCIAL, DE PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES .....</b>	<b>15</b>
2.1 O corpo na história: da Antiguidade ao Contemporâneo.....	16
2.2 Práticas, técnicas e cuidados com o corpo .....	22
<b>3. AUTOLESÃO E SOFRIMENTO PSÍQUICO: O CORPO EM QUESTÃO .....</b>	<b>24</b>
<b>4. A CONSTITUIÇÃO HISTÓRICA DAS JUVENTUDES E A SITUAÇÃO JUVENIL</b>	<b>33</b>
<b>5. A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS COMO FUNDAMENTO TEÓRICO-METODOLÓGICO .....</b>	<b>42</b>
<b>6. OBJETIVOS.....</b>	<b>46</b>
6.1 Objetivo geral .....	46
6.2 Objetivos específicos.....	46
<b>7. MÉTODO.....</b>	<b>46</b>
7.1 Tipo de pesquisa .....	46
7.2 Delineamento do estudo.....	47
7.3 Local da pesquisa .....	47
7.4 Participantes.....	48
7.5 Procedimentos para a coleta e análise de dados .....	49
7.6 Aspectos éticos .....	52
<b>8. RESULTADOS E DISCUSSÃO .....</b>	<b>52</b>
8.1 Características sociodemográficas.....	53
8.2 Autopercepção da saúde mental.....	59
8.3 Concepção sobre satisfação corporal e práticas corporais .....	63
8.4 Experiências com a autolesão.....	71
8.5 Determinantes para a prática da autolesão.....	73
8.6 O que fazer para ajudar jovens que praticam autolesão? Concepções a partir deles mesmos .....	76
8.7 Análise prototípica das evocações de autolesão.....	79
8.8 Análise de similitude das evocações de autolesão .....	82
<b>9. RS DA AUTOLESÃO PARA OS JOVENS .....</b>	<b>86</b>
<b>10. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>89</b>
<b>11. REFERÊNCIAS.....</b>	<b>92</b>
<b>APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE .....</b>	<b>101</b>

<b>APÊNDICE B – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido – TALE.....</b>	<b>103</b>
<b>APÊNDICE C – Formulário online .....</b>	<b>105</b>
<b>ANEXO A – Autorização da Secretaria de Estado de Educação – SED/MS .....</b>	<b>111</b>
<b>ANEXO B – Parecer Consubstanciado do CEP .....</b>	<b>113</b>

## 1. INTRODUÇÃO

O corpo humano, para além da sua dimensão biológica, é constituído por representações individuais e sociais a ele associadas, resultantes de um contexto sociocultural que constitui hábitos, saberes e linguagens sobre a materialidade do ser (Camargo, Justos, Alves, 2011). Enquanto aspecto concreto e material, o corpo também se constitui como elemento da identidade pessoal e social, em que produz e é produzido por discursos sociais e culturais (Jodelet, 2000). Com isso, toda e qualquer atividade corporal é realizada a partir de um conjunto de sistemas simbólicos, formados pelas representações e imaginários sociais, assim como pelos sentidos pessoais a eles atribuídos (Jodelet, 2000).

Camargo, Justos e Alves (2011) destacam três funções que o corpo assume na relação do sujeito com o meio: ação, cognição e afetividade. A primeira está relacionada às práticas corporais realizadas com vistas à pertença social. A segunda função, diz respeito a noções morais, normas sociais que ditam as funções cognitivas que deve possuir o sujeito, como, por exemplo, ser disciplinado, ser respeitoso, entre outros, noções que são refletidas na postura corporal, por exemplo. Na perspectiva da *afetividade*, as práticas corporais visam o prazer e a afeição de si e do outro (Camargo, Justos e Alves, 2011).

Na esteira das práticas corporais, uma delas é a ação de provocar marcas no corpo. Tais práticas assumem ora papel de inclusão, servindo como mecanismo para inserir e integrar o sujeito à sociedade e grupos sociais, como é o caso da tatuagem, ora revela as marcas de exclusão (Pires, 2019). A título de exemplo, rememora-se o emblemático caso do jovem Ruan, de 17 anos, que teve a testa tatuada à força por dois homens com os dizeres “*sou ladrão e vacilão*”, em decorrência de uma suposta tentativa de furto de uma bicicleta (Patriarca, 2022). O caso, que à época repercutiu por todo o Brasil, marcou na pele do jovem os processos de exclusão que o mesmo vivenciava até então: jovem, pobre, com transtornos psicológicos e dependente químico.

No fenômeno da autolesão, no entanto, tais marcas assumem uma outra função: a de promover alívio do sofrimento psicológico (Aragão Neto, 2019; Dettmer, 2018; Gonçalves, 2016, Le Breton, 2010; Walsh, 2006). Nessa prática, o sujeito, intencionalmente, provoca as marcas/lesões no próprio corpo, em uma tentativa de representar, na materialidade corporal do sujeito, uma linguagem a qual se vê impossibilitado de dizer por meio da palavra (Le Breton, 2010). O ferimento na pele

possibilita ao sujeito manter, no corpo, as suas sensações, enquanto, na angústia emocional, o sujeito não encontra recursos psíquicos na linguagem e no pensamento para a elaboração do sofrimento (Le Breton, 2010).

A autolesão, como fenômeno social, apresenta duas características centrais: lesões sem intenção suicida e que não são validadas socialmente. Assim, as manifestações sociais e modificações corporais, como tatuagens e piercings, assim como os ritos de passagem, socialmente aceitos, validados e endossados nas culturas, não se constituem enquanto o fenômeno da autolesão aqui discutido, uma vez que assumem um status social que é, por vezes, incentivado, tanto na perspectiva estética, de saúde ou de tradição (Aragão Neto, 2019; Dettmer, 2018; Gonçalves, 2016; Le Breton, 2012; Walsh, 2006). Quanto a isso, Walsh (2006) considera que o comportamento autolesivo pode ser socialmente reforçado entre adolescentes, mas isso não o leva a ser considerado culturalmente reconhecido. Da mesma forma, as lesões autoprovocadas não possuem no cerne no seu objetivo a intenção suicida, por mais que, por vezes, o discurso suicida apareça transversalmente (Walsh, 2006).

Dutra e Maran (2022) consideram que há um movimento de expansão da autolesão na juventude, sendo necessário um olhar para o fenômeno para além de questões individuais, mas considerando o contexto histórico e social em que se apresenta. Dettmer (2018) evidencia também que o ato de se cortar é um fenômeno social mais frequente no período da adolescência. Compreende-se que, apesar de haver registros históricos de autolesão, a relação que se estabelece nas últimas décadas com o corpo coloca em evidência o fenômeno, sendo necessário o direcionamento de pesquisas sobre o tema (Dettmer, 2018; Dutra, Maran, 2022).

A juventude, enquanto conceito é compreendida como uma categoria histórica e socialmente construída e produzida na Modernidade, a partir dos diferentes elementos culturais, históricos e sociais acerca do período da vida entre a infância e a vida adulta (Abramovay, Castro, 2015; Aquino, 2009; Esteves, Abramovay, 2008; Groppo, 2017; Pappámikail, 2010; UNESCO, 2004; Souza, Paiva, 2012). Com isso, a juventude é constituída, na contemporaneidade, por transformações sociais substanciais decorrentes dos rápidos avanços científicos, tecnológicos e sociais, próprios da era da hiperconectividade, assim como pela intensificação das ideias capitalistas, como a de liberdade, individualidade e meritocracia (Bispo, 2020; Barbosa, 2021; Souza, Paiva, 2012).

Nessa perspectiva, a hiperconectividade marcante dos dias atuais tem refletido na subjetividade dos jovens, na sua relação com seus corpos, saúde e bem-estar (Neto, Mota, 2021; Passarelli, 2020). Da mesma forma, as normativas de beleza e moda que circulam socialmente, seja por meio de influenciadores digitais nas redes sociais, publicidades atrativas e/ou nas informações falsas, impactam principalmente meninas e mulheres na busca do *corpo ideal*, magro e saudável (Bispo, 2020; Neto, Mota, 2021). Na pesquisa de Camargo, Justo e Alves (2011), o corpo aparece, para os jovens, como objeto de importância social.

Se propondo a identificar as representações sociais do corpo em adolescentes do nono ano em Portugal, Santiago *et al.* (2012) observaram que esses jovens percebem o corpo apenas como um instrumento para realizar as atividades pensadas pela mente. No mais, os autores observam “estar perante um corpo que se encontra em crise consigo e com o mundo, lutando todos os dias pela edificação de uma identidade própria conduzida por valores corporais éticos e ao mesmo tempo estéticos” (Santiago *et al.*, 2012, p. 639). O corpo é, então, impactado pelos discursos sociais que circulam e se propagam principalmente no mundo virtual, com extrema rapidez, resultando na construção da identidade e subjetividade dos jovens, por vezes permeada de uma série de conflitos (Bispo, 2020; Santos, 2017).

Dito isso, convém compreender como os jovens, matriculados no Ensino Médio de duas escolas públicas da capital sul-mato-grossense tem representado a autolesão, enquanto prática corporal. Para o desenvolvimento da pesquisa, foi assumido como perspectiva teórica a Teoria das Representações Sociais (TRS). No âmbito da teoria, Denise Jodelet (2000) conduziu diversos estudos sobre as representações sociais do corpo, em que sinaliza a importância de pesquisas nesse sentido, uma vez que o corpo possui importante papel nas relações interpessoais e na percepção social de si e do outro, que irão estar presentes na construção das representações (Jodelet, 2000).

A Teoria das Representações Sociais surge na segunda metade do século XX nas discussões desenvolvidas por Serge Moscovici, psicólogo social romeno que se mudou para Paris, em 1948 (Marková, 2017; Moscovici, 1978; Rêses, 2003). O psicólogo, por meio da sua pesquisa sobre como a psicanálise havia se difundido e estava sendo entendida por alguns grupos sociais naquele período, demonstrou o quanto o saber científico se incorpora e se modifica no saber cotidiano. Com isso, ele elucida o papel do senso comum na construção dos modos de ser e viver, retirando

deste saber a noção de “inferior”, até então compartilhada por diferentes teóricos (Camargo, Schlösser, Giacomozzi, 2018; Marková, 2017).

Na Teoria das Representações Sociais, as representações sociais são formas de conhecimento socialmente elaboradas e compartilhadas, que irão fornecer subsídios para a constituição de modos de ser e agir dos indivíduos (Jodelet, 2000). Assim, na pesquisa, os fenômenos que estão presentes no universo consensual de pensamento, regidos pelo senso comum, são simplificados teórica e metodologicamente, com vistas a se tornar um problema do universo reificado da ciência, passando a ser regidos pela lógica científica (Sá, 1998).

No âmbito da teoria das representações sociais, a presente pesquisa utilizará da abordagem complementar de Jean-Claude Abric, o qual sistematiza grande parte da grande teoria de Moscovici, mas complementa-a por meio da Teoria do Núcleo Central, a qual compreende as representações sociais a partir de dois sistemas, o núcleo central e o sistema periférico (Wachelke, Wolter, 2011). O núcleo central seria caracterizado por aspectos mais estáveis, com conteúdo históricos e sociais da representação social. O sistema periférico é constituído por elementos que surgem a partir das vivências individuais e são mais instáveis, com vistas a possibilitar a adaptação do sujeito à realidade concreta (Sá, 1996). Com isso, pretende-se conhecer não somente o conteúdo, mas também a estrutura das representações sociais (Sá, 1996; 1998).

Situa-se que o interesse no tema é decorrente das vivências profissionais da autora que, no decorrer da pesquisa, esteve como psicóloga educacional da Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul, atuando mediante as queixas escolares, dentre elas, a prática da autolesão. O aprofundamento no conhecimento sobre o fenômeno, tendo como perspectiva as vivências dos jovens inseridos no contexto escolar, advém, principalmente, do desejo de contribuir com a prevenção e a intervenção nessas situações que, por fugir do escopo pedagógico ao qual os atores e atrizes escolares estão habituados a desenvolver, gera o estranhamento e o afastamento dessas situações.

Com isso, compreende-se que a Teoria das Representações Sociais possibilita conhecer o saber que existe entre os jovens escolares acerca da autolesão, permitindo identificar elementos que se tornaram cotidianos e familiares sobre esses fenômenos e que podem se relacionar com a prática. Com esta pesquisa, espera-se também produzir conhecimento que possibilite ao leitor pensar em possibilidades de

prevenção e intervenção diante do fenômeno da autolesão, tendo como base os modos de pensar, sentir e agir dos jovens participantes da pesquisa.

O texto está estruturado em dois segmentos, o primeiro com a pesquisa bibliográfica, com quatro capítulos e o segundo com os resultados e discussões da investigação. O capítulo 1 trata acerca da história do corpo, apresentando elementos históricos que impactam a constituição da representação sobre o corpo na trajetória da humanidade, até os dias atuais, no Brasil. No segundo capítulo, discorre sobre a autolesão como uma prática corporal e um fenômeno social e contemporâneo. O terceiro capítulo traça um caminho sobre como se constitui as concepções sobre as juventudes contemporâneas, em que a instituição escolar possui um papel fundamental. No quarto, será apresentada a Teoria das Representações Sociais (TRS), como o direcionamento teórico-metodológico que será adotado nesse trabalho. O segundo segmento é composto pelo método utilizado na investigação, assim como os resultados e discussões.

## **2. BREVE HISTÓRIA DO CORPO: FENÔMENO HISTÓRICO E SOCIAL, DE PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES**

Diversos teóricos compartilham a compreensão de que o corpo é um fenômeno histórico e social (Le Breton, 2012; Jodelet, 2000; Sant'anna, 2022, 1995; Porter, 1992). Essa ideia compreende o corpo humano para além da sua dimensão biológica, sendo também constituído por representações individuais e sociais, resultantes de um contexto sociocultural que constitui hábitos, saberes e linguagens sobre a materialidade do ser, em relação com a sua subjetividade (Camargo, Justos, Alves, 2011; Sant'anna, 1995). É através do corpo que o sujeito se relaciona com o mundo, seja por meio da sua atividade perceptiva, seja por meio da produção de significações sociais (Le Breton, 2012). No decorrer da história da humanidade, nas diferentes sociedades e culturas, as concepções sobre o corpo assumem representações, sentidos e significados diversos (Pires, 2019). Recorrer à história das sociedades ocidentais na relação com o corpo possibilita compreender aquilo que Le Breton (2012) e Haesbaert (2020) dizem sobre múltiplos corpos, uma vez que tanto no sentido social e histórico, quanto a partir do olhar sobre a história do indivíduo, observa-se a multiplicidade de significados e sentidos atribuídos ao corpo.

O conjunto de simbologias e significações sobre o corpo vão, no processo de desenvolvimento humano, modulando o comportamento desde a criança até o adulto, de acordo com seu contexto social, por meio da aprendizagem dos gestos, posturas,

expressões corporais e atividades a ele relacionadas (Le Breton, 2012). Pode-se compreender o corpo, então, como um elemento constitutivo da subjetividade, em que produz e é produzido por discursos sociais e culturais (Jodelet, 2000). Nesse primeiro capítulo serão apresentados, ainda que recorrendo a uma simplificação, alguns dos principais aspectos dessas concepções a partir da Antiguidade e, em seguida, discorrer sobre as práticas e cuidados corporais na contemporaneidade. Ao discorrer sobre a história do corpo neste capítulo, parte da compreensão do corpo como unidade entre físico/material e mental, em que “as representações do corpo são representações da pessoa” (Le Breton, 2012, p. 26). Por essa razão, as discussões apresentadas aqui revelam-se também como elementos que se imbricam na constituição da subjetividade e identidade das pessoas.

### 2.1 O corpo na história: da Antiguidade ao Contemporâneo

Mesmo que de forma sintetizada, o olhar para a história do corpo contribui para conhecer os diferentes estudos, discursos e práticas sociais que buscavam tornar o corpo objeto de conhecimento e de controle, seja pela ciência, arte ou religião (Sant’anna, 2022). Na história da humanidade, em particular a ocidental, considera-se importante destacar alguns marcadores que vão constituir as representações sociais sobre o corpo e a corporeidade em cada período, trazendo luz aos hábitos e práticas corporais contemporâneas, que vão encontrar sua constituição na história das sociedades (Sant’anna, 1995). Cada cultura explora de forma indistinguível a relação entre a mente e o corpo, quase sempre como instâncias separadas e privilegiando a primeira (Porter, 1992).

Iniciando pelo Egito Antigo, esse período foi marcado pela figura do Faraó como uma divindade na terra e, por essa razão, ocupava a posição social mais alta do Egito (Lima Filho, 2009). Seu corpo, assim como dos sacerdotes, era tido como sagrado por ser guardião para a alma e, em razão disso, são desenvolvidas, nesse período, técnicas de embalsamação e mumificação, para a preservação do corpo após a morte, e de esculturas e pinturas, para representar a imortalidade da múmia por meio da arte (Pires, 2019). O dualismo corpo-alma se fazia presente nesse período, ainda que em um viés mágico de alma (Porter, 1992).

Na Grécia Antiga, se observa uma valorização ao corpo em vida, em especial do corpo masculino (Pires, 2019). Nesse sentido, o corpo desnudo era sinônimo de vitalidade, sendo o uso das vestimentas uma opção aos homens (Barbosa, Matos,

Costa, 2011). Às mulheres, escravos e doentes, considerados de menos valia na sociedade, não era permitido usar poucas roupas, devendo o corpo permanecer coberto (Pires, 2019). No âmbito da arte, em especial a escultura, o corpo era apresentado de forma que mais se aproximasse do real, com expressões e movimentos (Pires, 2019). Apesar da valorização do corpo nesse período, estava presente o dualismo mente e corpo, este último agora subjugado ao intelecto (Barbosa, Matos, Costa, 2011; Porter, 1992).

Na passagem da Antiguidade para a Idade Média, o cristianismo se expande e as relações com o corpo começam a mudar de tom (Pires, 2019). A religião, em especial o cristianismo, tem um papel importante na consolidação de novas noções sobre a concretude do sujeito (Barbosa, Matos, Costa, 2011). Assim, o corpo, que antes era adorado e admirado, símbolo de vitalidade, a partir dos ideais cristãos, se tornou o inimigo da salvação eterna (Pires, 2019; Sant'anna, 2022), por ser o templo dos vícios e outros pecados. Sendo assim, para garantir a salvação, eram realizadas práticas de autoflagelo e jejum, por exemplo, baseados na devoção ao sofrimento de Cristo na cruz (Barbosa, Matos, Costa, 2011; Pires, 2019). Nesse período, na relação mente-corpo, este último era relegado, punido e controlado, enquanto o primeiro era adorado por sua capacidade de conectar-se com a santidade (Barbosa, Matos, Costa, 2011; Sant'anna, 1995).

Esses aspectos, somados a expansão e fortalecimento do cristianismo, produziram estratégias de controle e dominação do corpo que reverberam até os dias atuais, implementando maneiras de controle do corpo – e sobre a mente - que se difundiram também para a educação das crianças, na política e moral das sociedades (Barbosa, Matos, Costa, 2011; Le Breton, 2012; Porter, 1992; Pires, 2019; Sant'anna, 2022;). Essas estratégias impactam sobremaneira as mulheres, pois, por meio da linguagem, em especial a oralidade, a religião constroem uma educação religiosa sobre os corpos femininos, ditando gestos e comportamentos que buscam reprimir qualquer expressão da sexualidade e do prazer (Luckow, 2022; Rigoni, 2016).

Na transição da Idade Média para a Modernidade, além da religião, a ciência também ocupa um espaço importante na construção de ideias sobre o corpo humano, a partir do desenvolvimento de estudos científicos, pautados nas ciências da vida e da natureza, que se debruçavam sobre o seu funcionamento (Pires, 2019; Sant'anna, 2022). A medicina hipocrática, que surge na Antiguidade, por exemplo, contribuiu para enfraquecer algumas das superstições que circulavam no período, em direção a uma

condução mais científica do corpo e do adoecimento (Gottschall, 2007). Com isso, a relação do indivíduo com a natureza passa a ter relevância, tanto para promover saúde quanto para tratar enfermidades, na sua relação com o ar puro, com a água limpa e com as ervas, por exemplo (Gottschall, 2007; Sant'anna, 2022). Também se desenvolve a noção de que os fluídos corporais tinham correlação com os estados emocionais (Gottschall, 2007), assim, mente e corpo começam a ser compreendidos como correlacionados.

Outro exemplo de estratégia de controle nesse período foi a obra *A civilidade pueril*, de Erasmo, apresentada às sociedades europeias, em 1530, em que delimitou regras de etiqueta sobre como se comportar, se portar à mesa e como satisfazer as necessidades naturais, como as flatulências, em especial à elite, impactando também a educação das crianças nesse quesito (Le Breton, 2012; Sant'anna, 1995). A partir da difusão dessa obra, aquilo que era costumeiro passa a representar um comportamento de selvageria (Sant'anna, 1995).

Os séculos XVI e XVII são caracterizados pela produção de conhecimento da biomedicina e anatomofisiologia, os quais se debruçaram sobre a dissecação anatômica para compreender a anatomia e funcionamento do corpo, com contribuições de Leonardo da Vinci e Miguel Ângelo, no âmbito das artes (Pires, 2019; Sant'anna, 1995) e William Harvey, com estudos sobre o movimento mecânico (Le Breton, 2012; Sant'anna, 1995). Os estudos de Harvey sobre o movimento mecânico colocam o coração como órgão responsável pelo calor corporal, calor que era valorizado no período grego (Le Breton, 2012). A partir desse entendimento, a noção de que a alma seria a responsável pelo funcionamento corporal se dissipa, fazendo com que o discurso cristão perca força (Le Breton, 2012).

Com isso e, concomitante com as epidemias que assolaram a Europa no século XVII, foram disseminadas práticas de higiene, bem-estar e saúde, como o banho, o uso de tecidos mais leves, o tratamento do esgoto e os cuidados com o lixo, a partir dos conhecimentos biomédicos desenvolvidos no período (Miranda, 2017; Pires, 2019; Porter, 1992; Sant'anna, 1995). Para Porter (1992), o discurso de manutenção da saúde da época constrói novas formas de controle do corpo no âmbito da saúde pública. Desse modo, uma concepção de responsabilidade individual sobre a manutenção da sua própria saúde e vida vão se consolidando (Le Breton, 2012; Pires, 2019).

A partir do século XVIII a sociedade assiste mudanças acontecendo em uma velocidade maior que a habitual, principalmente a partir da Revolução Francesa, que exige mudanças radicais na organização daquela sociedade, mas também das demais sociedades europeias (Esteves, Abramovay, 2008; Pires, 2019;). Para Pires (2019), o fortalecimento do capitalismo, em decorrência da vitória sobre o absolutismo monárquico, transforma a concepção social acerca do corpo, que deixa de ser compreendido apenas como dimensão humana e torna-se instrumento de trabalho. Assim, o individualismo e a força de trabalho caracterizam as relações com o corpo tanto no século XVIII, mas com mais força no século XIX (Pires, 2019). Os conhecimentos científicos do período são desenvolvidos para colaborar com a construção de forças de trabalho, tendo no corpo uma representação de força e virilidade (Porter, 1992).

No século XX, o desenvolvimento da psicanálise trouxe contribuições para as discussões de um corpo histórico e social, ao colocá-lo como produto das relações sociais (Le Breton, 2012, Pires, 2019; Porter, 1992). Pires (2019) considera que o livro *Interpretação dos Sonhos* de Freud, apesar de não ter como foco o estudo do corpo humano, possibilita avançar na compreensão acerca deste para além de uma perspectiva biológica, ao colocar nos sonhos (inconsciente) a possibilidade de compreender as manifestações corporais. No entanto, apesar de elucidar a intrínseca relação entre o corpo e a mente, enfraquecendo o dualismo mente-corpo, a psicanálise permanece privilegiando a mente em detrimento do corpo (Porter, 1992).

No âmbito da medicina, nesse período se observa um avanço mais acelerado do pensamento e dos conhecimentos médico e científico sobre o funcionamento do corpo, os quais contribuíram para a consolidação da ideia de um corpo sadio, ditando o que era necessário para que a saúde fosse alcançada e mantida (Miranda, 2017). Se consolida também uma sociedade do consumo, em que, por meio do discurso, produz espaços de mercado, pela criação de mercadorias que tem como base as relações entre os sujeitos, que não são mais apenas força de trabalho, mas um corpo consumidor (Le Breton, 2012, Santos *et al.*, 2019).

Essa maneira de subjetivação, aliada ao avanço tecnológico da segunda metade do século XX, coloca o corpo no centro da indústria da imagem (Pires, 2019; Santos *et al.*, 2019). Desse modo, a ideia do corpo saudável e os movimentos sociais que surgem nesse período, a partir do suporte também dos meios de comunicação, colaboram para o estabelecimento de um mercado que visa vender um corpo

saudável, por meio do desenvolvimento de técnicas, práticas e tecnologias em saúde, e um corpo estético, que tem em seu centro os cuidados corporais e a moda (Pires, 2019; Santos *et al.*, 2019).

A moda acompanha as mudanças sociais, principalmente a partir da segunda metade do século XX, com o surgimento dos movimentos de contracultura e da intensificação das discussões feministas sobre a revolução sexual (Curado, Jacó-Vilela, 2021; Pires, 2019). Assim, nesse momento, se assiste a um culto ao corpo, que vai desde à cultura do *bodybuilding*, de construção de um corpo másculo, ao *body piercing*, sendo práticas de perfuração ao corpo com objetivo estético e funcional (Curado, Jacó-Vilela, 2021; Pires, 2019). No *bodybuilding*, a educação física ganha destaque na construção - ou modelagem – de um corpo resistente e saudável, por meio do endurecimento de suas fibras (Sant’anna, 1995).

Nesse viés, dois movimentos surgem no início da década de 1960 buscando revolucionar a representação do corpo: o *body art* e o *body modification*. O *body art* refere-se ao movimento que se intensificou na década de 1960, que põe em evidência a crítica ao corpo, as quais visavam gerar transformações das concepções até então construídas sobre este. Assim, o corpo torna-se objeto para as expressões artísticas, *obra viva*, por meio das pinturas e outras marcas corporais que buscavam, por meio do movimento social, revolucionar a relação dos sujeitos com seus corpos (Gonçalves, 2016; Le Breton, 2012; Pires, 2019).

O movimento do *body modification* se intensificou na década de 1970, e era caracterizado por levar seus adeptos a realizarem modificações corporais por meio da autolesão, com o objetivo de *eleva*r suas experiências com o corpo (Gonçalves, 2016; Le Breton, 2012). Tais modificações são realizadas por acessórios externos ao corpo, resultando em alterações corporais artificiais e definitivas (Pires, 2019). Contudo, para Le Breton (2012), tais discursos e práticas de modificação corporal também mantinham o dualismo corpo-mente, ainda que ao inverso - valorização do corpo e das experiências deste, em detrimento da mente que o acompanhava. Para Pires (2019), as manifestações corporais desse período se revelam como uma forma de linguagem, tendo em vista que carrega significados que contribuem, tanto quanto a palavra, para a construção de sentidos pessoais, além de tornar visível aquilo que perpassa no âmbito emocional e do pensamento.

Algumas das práticas do *body modification* passam a assumir na década de 1980 um caráter estético, decorrente da apropriação pela medicina do discurso do

movimento, com vistas a tornar esse um conhecimento legítimo (Le Breton, 2012; Pires, 2019). Assim, a evolução tecnológica e científica citada anteriormente possibilitou o desenvolvimento de práticas de modificação corporal voltadas a alcançar o corpo ideal, motivadas pela ideia do culto ao corpo, especificamente à magreza (Pires, 2019). Nesse período também acontecia a segunda onda do feminismo, caracterizado pela luta política contra a opressão masculina. Assim, dentre outros, reivindicava-se os direitos sexuais e ao prazer, tendo o corpo como centro, em debates como o direito ao aborto e ao uso de contracepção (Felgueiras, 2017).

Esse período da metade do século XX é marcado pela liberdade sexual e a revolução corporal, no entanto, no final do século, com a proliferação do vírus da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS), volta-se à ideia de necessidade da atenção e cuidado ao corpo, retornando ao discurso do século XVII em que o sujeito deveria ser o responsável pela manutenção da sua vida (Le Breton, 2012; Pires, 2019). Pires (2019) aponta que o final desse século, é marcado pela banalização do corpo e sua exposição, em que a violência e a morte passam a representar o cotidiano das pessoas. Nesse sentido, a internet colaborou com a rápida disseminação dessas ideias.

O século XXI é caracterizado pelo [ainda mais] acelerado desenvolvimento tecnológico e científico, tendo a globalização como uma das características, que, em conjunto com as mídias, canais de comunicação, redes sociais e outros recursos digitais, incidem sobre a constituição das identidades dos indivíduos e do discurso acerca do corpo (Magalhães, Sabatine, 2011; Santos *et al.*, 2019). Se intensificam também os vieses mercadológicos sobre o corpo, que vê nos estilos de vida disseminados, como o culto à magreza, o estilo *fitness*, um mercado para manter o *hipercorpo* (Magalhães, Sabatine, 2011; Santos *et al.*, 2019).

Nesse sentido, “no novo regime de produção e consumo, o que conta é a celeridade e a fluidez efêmera das identidades engendradas pelas novas formas de consumo”, que vê na fetichização do corpo uma possibilidade mercadológica (Santos *et al.*, 2019, p. 245). Além disso, Gomes Junior (2020, p. 21) considera que são “as experiências trans desse início de século as que mais têm questionado as estruturas corporais”, uma vez que coloca em risco o discurso conservador sobre gênero.

A historicidade do corpo possibilita a compreensão deste como um fenômeno social e histórico, carregado de significados e sentidos que se modificam ou se complementam a depender do contexto histórico e social que se constitui. As práticas

corporais, atitudes e hábitos relacionados ao corpo são realizadas, em cada tempo histórico e em cada sociedade, a partir do conjunto de símbolos e das representações individuais e sociais sobre este, alguns que se mostram presentes ainda no século XXI. Com isso, será apresentado, em seguida, um panorama dessas práticas no decorrer do século XXI, em que a autolesão também se apresenta.

## 2.2 Práticas, técnicas e cuidados com o corpo

Como visto na seção anterior, a ação de provocar marcas intencionais no próprio corpo tem um aspecto histórico e contextualizado às noções sobre o corpo que são construídas nas sociedades. Nessa perspectiva, para pensar as práticas e cuidados corporais na atualidade, considera-se pertinente retomar o conceito de técnicas do corpo de Marcel Mauss (2003). Em seu texto "*As técnicas do corpo*", Mauss (2003) apresenta uma série de exemplos que revelam que "cada sociedade tem seus hábitos próprios" (p. 403) e que, mesmo os gestos, expressões e hábitos corporais possuem uma localização temporal, histórica e social.

Ao considerar que o corpo é o primeiro e o mais natural instrumento do sujeito, Mauss (2003) conceitua as técnicas do corpo como um ato tradicional, no sentido de tradição, o qual é ensinado e transmitido e eficaz, uma vez que é realizado a partir de uma ordem mecânica, mas com um objetivo social e psicológico estabelecido, ainda que inconsciente. Tais técnicas são ensinadas com o objetivo de adaptar o corpo a seu uso, fazendo deste um instrumento para a vida em sociedade (Mauss, 2003). Para Daoli, Rigoni e Roble (2012), as ideias de Mauss eram uma tentativa de romper com o dualismo mente-corpo de Descartes, demonstrando que as práticas corporais são realizadas a partir da relação entre ambos elementos.

Nesse sentido, o autor destaca o papel da educação na construção de um coletivo de hábitos relacionados ao corpo e suas técnicas, ensinando modos de agir às crianças e aos jovens (Mauss, 2003). Ao tratar do papel da educação na transmissão das técnicas corporais nas culturas, Mauss (2003) se refere tanto à educação informal, quanto à formal. Para o autor, três elementos são essenciais para a análise das técnicas corporais, os quais devem ser compreendidos em sua interrelação: o aspecto biológico, que expressa o objetivo físico, mecânico ou químico da ação; o psicológico, que demonstra o lugar da ação na subjetividade dos sujeitos; e o sociológico, que demonstra o aspecto social, compartilhado da ação. Essa tripla

abordagem é o que o autor chamou de Fator Social Total (FST) (Daoli, Rigoni, Roble, 2012. Mauss, 2003).

Na vida cotidiana, as técnicas corporais podem ser classificadas de acordo com os gêneros e as idades. Há uma série de gestos, posturas e práticas corporais que são substancialmente diferentes para homens e mulheres, assim como para crianças e adultos, por exemplo (Maus, 2003). Para Mauss (2003), o aspecto sociológico é latente nesse aspecto, mas considera que esteja presente também elementos biológicos e psicológicos nessa variação.

A exemplo disso, a pesquisa de Bôas, Camargo e De Rosa (2017), realizada com 120 universitários, homens e mulheres, de diferentes formações acadêmicas de uma instituição de ensino superior brasileira, identificou que as práticas corporais variam significativamente entre os homens e as mulheres. Para as mulheres, há uma maior preocupação com a própria aparência, adotando práticas como se olhar no espelho com mais frequência, realizar com mais frequência dietas restritivas e demonstrar a pretensão de realizar cirurgia estética em algum momento da vida (Bôas, Camargo, De Rosa, 2017).

Ainda quanto a noção de técnicas corporais, Mauss (2003) considera que a adolescência é o período da vida onde as técnicas do corpo são definitivamente aprendidas e reproduzidas ao longo da vida adulta, aprendizagem na qual as instituições familiar e escolar têm papel relevante. No entanto, a era da hiperconectividade também tem impactado na constituição das subjetividades das juventudes (Bispo, 2020), o que pode também produzir e reproduzir técnicas corporais.

Sobre isso, Daola, Rigoni e Roble (2012) consideram que um dos principais legados do autor é a noção de *imitação prestigiosa* nas técnicas corporais, desenvolvida por Mauss. Nessa compreensão, na sociedade, se busca modelos, padrões de sucesso a serem alcançados e as técnicas do corpo são realizadas a partir desse referencial (Daola, Rigoni, Roble, 2012). Desse modo, as mídias sociais têm um relevante papel (Santos *et al.*, 2019), podendo ser citada a profissão contemporânea de *Influenciador Digital*, que reproduz estilos de vida, dicas, produtos e procedimentos, voltados principalmente para os jovens, sobre como cuidar da saúde, como ser bem-sucedido no trabalho e no amor, para onde viajar e como viajar, quais cosméticos usar, qual modelo de corpo alcançar, dentre outros.

Nessa perspectiva, a pesquisa realizada com 79 pessoas, entre jovens e adultos, Camargo, Justos e Alves (2011) revelou que os jovens são os que mais estão submissos às funções sociais do corpo, em especial a função da afetividade, atuando como balizadores dos comportamentos. A exemplo disso, o estudo identificou que quanto maior a dependência afetiva, maior a insatisfação corporal dos pesquisados, aspecto identificado com maior frequência nos jovens pesquisados (Camargo, Justos, Alves, 2011). Assim, revela a importância do contexto cultural e social na construção de hábitos, atitudes e comportamentos relacionados ao corpo.

É, então, na esteira das técnicas corporais, que a prática de provocar marcas intencionais no próprio corpo se apresenta. Pires (2019) considera que podem se desenvolver dois tipos de marcas corporais. A primeira delas são as que funcionam como sinal de inclusão, ou seja, servem como mecanismo para inserir e integrar o sujeito à sociedade, como a tatuagem, piercings e modificações corporais com fins estéticos. É nesse intermédio que o corpo se torna então instrumento de inclusão, ao passo que insere o sujeito na sua teia social (Le Breton, 2012), por meio de práticas culturalmente compartilhadas. Do outro lado, estariam as marcas de exclusão, como as marcas realizadas nos homossexuais e judeus na época da Segunda Guerra Mundial (Pires, 2019).

Nessa perspectiva, algumas marcas podem revelar ainda uma expressão de angústia do sujeito, o qual a autolesão se insere. O fenômeno de provocar marcas intencionais no próprio corpo para fins de alívio do sofrimento psicológico é um fenômeno social contemporâneo, que representa um “ataque [do sujeito] contra os significados que lhe são inerentes” (Le Breton, 2010, p. 27). É sobre esse fenômeno, nomeado de autolesão, que o próximo capítulo tratará.

### **3. AUTOLESÃO E SOFRIMENTO PSÍQUICO: O CORPO EM QUESTÃO**

Aragão Neto (2019) afirma que encontrou registros de estudos sobre autolesão, no Brasil, a partir da década de 1980, mas considera que a recente exposição do fenômeno na internet permitiu sua popularização e o crescimento de pesquisas sobre o assunto. Por essa razão, é possível encontrar na literatura inúmeras nomenclaturas para o mesmo comportamento estudado, como: parassuicídio, automutilação, autoagressão, autolesão, auto dano intencional, auto injúria, escarificação e violência autodirigida (Aragão Neto, 2019; Dettmer, 2018; Gonçalves, 2016). Esses termos, de

uma forma geral, expõe o mesmo fenômeno, possuindo poucas divergências entre si (Aragão Neto, 2019; Dettmer, 2018; Gonçalves, 2016).

Segundo Aragão Neto (2019), a nomenclatura comumente adotada, no Brasil, é automutilação, contudo, o autor afirma que a comunidade científica tem aceito o termo autolesão, tendo em vista a semântica da palavra *mutilação*. Dettmer (2018, p. 28), utiliza o termo em inglês *cutting* na sua pesquisa, entendendo-o como o ato de cortar-se, mas justifica que não pretende, com isso, reduzir a compreensão do fenômeno e sim garantir sua polissemia conceitual. Para o presente trabalho, será utilizado o termo autolesão, tendo em vista a popularidade do termo para se referir ao fenômeno no contexto laboral da primeira autora, a saber, o contexto educacional. Quanto a isso, reitera-se o dito por Dettmer (2018), que com a escolha da nomenclatura não pretendemos nos limitar conceitualmente a ela e tampouco delimitar o fenômeno.

Contudo, a diversidade de nomenclaturas tem se mostrado um desafio em diversos aspectos na relação da sociedade com o fenômeno, desde a sua compreensão, dificultando o avanço dos estudos sobre o tema, até mesmo na construção de políticas públicas voltadas à sua prevenção (Dettmer, 2018; Duarte, 2018; Moreira *et al.*, 2020). Da mesma forma, traz empecilhos para o conhecimento da prevalência do fenômeno nos territórios (Aragão Neto, 2019; Dettmer, 2018), uma vez que cada local pode adotar um termo diferente, inviabilizando pesquisas quantitativas com esse objetivo.

Quanto a isso, Aragão Neto (2019) chama a atenção para o fato de que não há, no Brasil, dados sobre a autolesão, não sendo possível estimar a prevalência do fenômeno no nosso território. No entanto, não se considera que a ciência deve caminhar para unificar diferentes explicações para um mesmo fenômeno, mas essa diversidade demonstra a atenção necessária por parte dos pesquisadores em seus estudos, tendo em vista a complexidade que os fenômenos revelam. Independente da nomenclatura adotada, observa-se que os conceitos relacionados ao ato de ferir a si próprio possuem alguns aspectos centrais, mesmo apresentando variações conceituais relacionadas à intensidade, frequência e gravidade do ato, assim como sua relação com a ideação suicida (Aragão Neto, 2019; Dettmer, 2018; Gonçalves, 2016; Walsh, 2006).

Aragão Neto (2019), utilizando-se do termo Autolesão Sem Intenção Suicida (ASIS), conceitua o fenômeno como o ato de causar, deliberadamente, dano no tecido do próprio corpo, sem intenção suicida aparente e não validado socialmente. Da

mesma forma, a revisão bibliográfica realizada por Dettmer (2018) sobre o assunto, revelou três palavras-chaves presentes nas diferentes teorizações acerca do fenômeno: rigor, em que o sujeito mantém uma organização e critérios nos ferimentos; proposital, sendo as lesões realizadas intencionalmente; e repetitivos, ou seja, são comportamentos que ocorrem com certa frequência. Walsh (2006) conceitua a autolesão como um comportamento de ferimento autoprovocado intencionalmente, em que há a intenção de causar a lesão, possuindo baixa letalidade, ou seja, são realizadas geralmente lesões superficiais que causam pouco ou nenhum risco de morte. Além disso, afirma que uma das características do fenômeno é sua função de redução do estresse psicológico (Walsh, 2006).

O autor reforça que o fenômeno não possui validação social, diferentemente de outras práticas de modificações corporais realizadas no decorrer da história e das culturas (Walsh, 2006), como as apresentadas no capítulo anterior. Dettmer (2018) discute sobre as *lesões autoprovocadas socialmente aceitas*, ou seja, as marcas corporais que são socialmente “permitidas” e validadas, como perfuração de orelha, piercings, tatuagens e outros rituais culturais. Como discutido anteriormente, as práticas sociais em relação ao corpo revelam os discursos sociais, culturais e históricos que se interseccionam e, por essa razão, requer um olhar responsável sobre a complexidade do fenômeno da autolesão (Gonçalves, 2016).

Assim, a validação social também é um aspecto que permeia o fenômeno. As manifestações sociais e modificações corporais como tatuagens e piercings, assim como os ritos de passagem, socialmente aceitas, validadas e endossadas nas culturas, não se constituem enquanto o fenômeno da autolesão aqui discutido, uma vez que assumem um status social validado e por vezes incentivado, tanto na perspectiva estética, de saúde ou de tradição (Aragão Neto, 2019; Dettmer, 2018; Gonçalves, 2016; Le Breton, 2012; Walsh, 2006). Walsh (2006) considera que o comportamento pode ser socialmente reforçado entre adolescentes, mas isso não o leva a ser considerado culturalmente reconhecido.

Quanto a contemporaneidade do fenômeno, Dutra e Maran (2022, p. 12) consideram que:

trata-se de um fenômeno psicossocial da contemporaneidade. É psíquico, pois está associado à capacidade de simbolização, à dor emocional vivida e ao sofrimento que invade o psiquismo. É social, porque envolve a necessidade do olhar do outro e está suscetível a influências sociais, exercidas por fatores como grupos de pares e o contágio através da internet. É contemporâneo, visto que também é produto do mal-estar que assola a

sociedade atual e que provoca sofrimentos comuns aos indivíduos, além do fato de que é na contemporaneidade que se observa a maior incidência da autolesão.

Assim, apesar de haver registros históricos de autolesão, a relação que se estabelece, nas últimas décadas, com o corpo coloca em evidência o fenômeno, sendo necessário o direcionamento de pesquisas sobre o tema. Dutra e Maran (2022) consideram que há uma expansão da autolesão na juventude, o que para elas denota a necessidade de olhar para o fenômeno para além de questões individuais, mas considerando seu contexto histórico e social. Dettmer (2018) evidencia também que o ato de se cortar é um fenômeno social mais frequente no período da adolescência, apesar de ambos os trabalhos não revelarem dados que indiquem a prevalência do fenômeno.

Sousa, Haviaras e Carvalho (2023) analisaram os prontuários de um hospital catarinense e identificaram que 95,7% dos registros de autolesão se tratavam de adolescentes, com predominância de casos em meninas. Da Silva Souza *et al.* (2020), ao realizar uma análise estatística de casos de autolesão em três cidades de Pernambuco também revelaram a predominância em meninas/mulheres. O mesmo foi encontrado por Fonseca *et al.* (2018) ao realizarem pesquisa com 517 adolescentes de 10 a 14 anos. Com isso, é possível afirmar que o gênero feminino é um fator de risco para a autolesão (Moreira *et al.*, 2020).

Para Le Breton (2010), isso se dá em decorrência da educação em gênero, que impõe às mulheres o papel de fragilidade e sedução e aos homens o poder da virilidade. Assim, elas tendem a interiorizar seu sofrimento, podendo entulhar na pele este, de forma solitária e discreta, enquanto os homens tendem a demonstrar sua honra, utilizando muitas vezes da força contra o mundo para exteriorizar seu sofrimento (Le Breton, 2010).

Em vista disso, observa-se como importante compreender as explicações para a ocorrência da autolesão. Nesse sentido, Dettmer (2018) apresenta três explicações encontradas pela autora na literatura sobre a prática. A primeira categoria seriam as explicações neurobiológicas, as quais revelam aspectos cerebrais envolvidos no ato de se autolesionar, em que os ferimentos físicos possibilitariam, no aspecto biológico-cerebral, alívios ao sofrimento psíquico. Uma segunda explicação encontrada pela autora são as diagnósticas, que compreendem o fenômeno enquanto um comportamento patológico, que envolve também um discurso médico. Por último,

identificam explicações sócio-culturais ao fenômeno, apontando, principalmente, a influência dos meios sociais e midiáticos na sua prática (Dettmer, 2018).

Gonçalves (2016) reafirma a predominância do discurso médico sobre a autolesão, sendo recorrentemente associada a disfunções e patologias, a partir das investigações da Medicina, da Psicologia e da Psicanálise. Com isso, a violência autoinfligida foi inserida na quinta edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V) como Autolesão Não Suicida (ALNS), sendo classificada como transtorno psiquiátrico. Contudo, para a autora, é fundamental ter atenção aos conhecimentos dessas áreas e/ou práticas profissionais que, não raramente, ignoram ou mesmo desprezam as dimensões pessoal, social e cultural do fenômeno (Gonçalves, 2016). Ao ignorar a complexidade histórica, cultural, religiosa, entre outras intersecções, tais áreas de conhecimento podem produzir um reducionismo do comportamento, que pouco colabora na sua superação (Gonçalves, 2016).

Alguns estudos têm possibilitado também a compreensão de que a autolesão assume, para aqueles que a realizam, uma função de melhorar um estado de sofrimento ou angústia emocional (Aragão Neto, 2019; Dettmer, 2018; Gonçalves, 2016, Le Breton, 2010; Walsh, 2006;). Para Dettmer (2018, p. 39) há, na autolesão “[...] uma tentativa, mesmo que inadequada, de busca por um estado de bem-estar (ou mesmo uma busca por acabar com algum possível mal-estar)”. A utilização do corpo como estratégia para alívio do sofrimento emocional pode demonstrar uma tentativa de representar neste uma linguagem a qual se vê impossibilitado de dizer (Le Breton, 2010). Além disso, o ferimento na pele possibilita ao sujeito manter no corpo, na matéria, as suas sensações, enquanto que na angústia emocional, o sujeito não encontra recursos na linguagem e no pensamento para a elaboração da angústia (Le Breton, 2010).

Ao realizarem uma revisão integrativa da literatura sobre a autolesão em adolescentes, Moreira, et al (2020) identificaram que os estudos sobre o tema revelam a função da autolesão como reguladora de emoções não-desejadas. Na mesma direção, Fonseca, et al. (2018) realizaram uma pesquisa com 517 adolescentes, de 10 a 14 anos, em quatro escolas estaduais de Minas Gerais, com o objetivo de identificar, dentre outros pontos, as funções ou motivos para a prática da autolesão. Os autores encontraram que a autolesão tem função principalmente de aliviar ou remover estados emocionais indesejados (Fonseca *et al.*, 2018).

Retomando o conceito de Mauss (2003), o autor considera que uma das características das técnicas corporais é que são produzidas e reproduzidas porque revelam uma eficácia, ou seja, cumprem o objetivo social, psicológico e biológico com o qual são executadas. Nesse sentido, Walsh (2006) afirma que o imediato alívio relatado pelas pessoas que praticam a autolesão, faz com que esse comportamento se repita, revelando as motivações psicológicas para tal. Em vista disso, a autolesão pode ser compreendida como um comportamento intencionado de redução do sofrimento (Walsh, 2006).

Na pesquisa de Gonçalves (2016), a autora buscou analisar o que os adolescentes pensam e como justificam as práticas de autolesão, tendo como lócus duas escolas públicas de Uberlândia, uma da rede municipal e outra da rede estadual. Dentre os aspectos discutidos pela autora, percebe-se que a autolesão pode revelar uma dificuldade de acessar e manejar emoções consideradas socialmente *negativas*, como a raiva. Assim, por não conseguir ou saber lidar com essas emoções, é necessário fazê-la cessar. Mas esse movimento não se direciona ao condicionante da emoção, ou seja, aquilo que a gerou, seja uma situação de violência, conflito ou outro, mas sim na busca de extermínio da emoção em si (Gonçalves, 2016). Quanto a isso, Le Breton (2010, p. 29) considera que a autolesão pode representar uma tentativa de restauração do sentido que se rompeu para o sujeito. Com isso, busca-se na lesão “preencher a lacuna do sentido através da qual flui o sofrimento”.

Dutra e Maran (2022) e Aragão Neto (2019) denunciam que a autolesão possui um efeito contágio entre os adolescentes, o que pode estar correlacionado à função que a prática assume, portanto, pode ser incentivada como uma forma de ajuda. Para Aragão Neto (2019), a escola é um lócus propício para a circulação da prática, ao observar que os seus entrevistados possuíam histórias de contato com amigos e colegas na escola que se autolesionavam. Dutra e Maran (2022) apresentam também o papel das redes sociais no contágio, com *blogs* e comunidades dedicadas a autolesão, povoadas, gerenciadas e fomentadas principalmente por jovens, uma vez que gera identificação e pertencimento. As autoras ressaltam, no entanto, que a busca de apoio nas redes sociais, por meio de trocas com desconhecidos *online*, é suscitada pela falta de apoio nas relações presenciais, seja de familiares ou amigos/colegas. Os jovens podem também preferir os contatos *online* pela ausência ou diminuição do peso das normativas sociais, sentindo-se confortáveis para compartilhar suas angústias sem sofrerem julgamentos morais (Dutra, Maran, 2022).

A partir da pesquisa de Aragão Neto (2019), a qual buscou verificar a relação entre autolesão e ideação suicida entre estudantes de uma escola pública, observou-se que, independentemente da forma, intensidade, duração ou a existência ou não de rede de apoio, mas principalmente quando essa não existe, as vivências de violência têm correlação significativa com a motivação inicial para a prática da autolesão. Desse modo, as marcas corporais possibilitam ao sujeito a retomada do controle sobre uma situação (Le Breton, 2010).

No Brasil, no âmbito jurídico, o Governo Federal instituiu, por meio da Lei Federal n. 13.819, de 26 de abril de 2019, a Política Nacional de Prevenção da Automutilação e do Suicídio, que tem como objetivo, entre outros pontos, promover a saúde mental, prevenir a violência autoprovocada e controlar os fatores determinantes e condicionantes da saúde mental (Brasil, 2019, art.3, incisos I, II e III). Dois pontos importantes em relação a referida legislação é que ela não apresenta um conceito de saúde mental que a norteia, dificultando o estabelecimento de diretrizes para a construção da referida Política Nacional, assim como utiliza-se da nomenclatura violência autoprovocada enquanto uma categoria que engloba o suicídio consumado, a tentativa de suicídio e o ato de automutilação, com ou sem ideação suicida (Brasil, 2019).

Um aspecto importante a ser considerado em relação à Política Nacional de Prevenção da Automutilação e do Suicídio é a compreensão expressa da automutilação, enquanto um termo correspondente para autolesão, *com* ou *sem* intenção suicida. Esse questionamento emergiu-se durante as leituras ao observar que algumas nomenclaturas incluem o termo “sem intenção suicida”, enquanto outros autores não adentram nesse aspecto.

Dettmer (2018), nesse sentido, propõe discutir qual a relação do *cutting* com o suicídio, considerando ambos fenômenos relacionados. Para a autora, é possível estabelecer a relação entre os fenômenos, mas observa que a autolesão está relacionada com uma tentativa, pelo sujeito, de manter-se vivo, apesar do sofrimento psíquico intenso, enquanto o suicídio tem como único objetivo a própria morte (Dettmer, 2018). Ela chama a atenção que apesar disso, muitos casos de autolesão levam a morte do sujeito e integra, dessa forma, os dados oficiais de óbito por violência autoinfligida. Para Walsh (2006), no entanto, os casos de autolesão que levam a morte são por cortes realizados geralmente na artéria carótida ou veias jugulares no pescoço e, pelo nível do dano e pelo potencial de letalidade, seria caracterizado como suicídio.

Compreende-se que não há no ato de ferir a si mesmo o objetivo de causar a própria morte (Aragão Neto, 2019; Le Breton, 2010). Nesse sentido, apesar de ambos fenômenos serem considerados complexos e multideterminados, as suas funções se diferem. Para os praticantes de autolesão, de uma forma geral, buscam alívio de sofrimento ou angústia por meio dos ferimentos, enquanto os suicidas buscam cessar a consciência, como alternativa ao sofrimento existente (Aragão Neto, 2019; Dettmer, 2018; Walsh, 2006). Inobstante a isso, a autolesão é atualmente considerada como um dos fatores de risco para o suicídio (Aragão Neto, 2019; Dettmer, 2018; Gonçalves, 2016; Walsh, 2006;). Quanto a isso, Walsh (2006) considera que quando a autolesão perde seu efeito, de alívio da angústia emocional, é quando o risco de evolução para a ideação suicida é emergente.

Apesar da relação estabelecida entre os fenômenos, Walsh (2006) considera que estes devem ser analisados separadamente e, nesse sentido, elenca nove diferenças entre ambos. A primeira distinção que o autor apresenta é em relação à intenção, pois a pessoa suicida busca, por meio do seu comportamento, cessar a consciência, levando ao fim o seu sofrimento. Já a autolesão, tem para o sujeito o objetivo de reduzir a angústia e sofrimento para que possa viver mais um dia (Walsh, 2006). O segundo aspecto que diferencia os comportamentos está no nível do dano e letalidade do ato, principalmente relacionado aos métodos utilizados, uma vez que na autolesão é caracterizada por danos superficiais que possuem baixa ou nenhuma letalidade, em que o corte na pele é o método mais comum e no suicídio, no entanto, o sujeito utiliza-se de demasiada força e violência nos seus métodos com vistas a causar a morte (Walsh, 2006).

Outra diferença elencada pelo autor se refere aos métodos, ao afirmar que as pessoas que se autolesionam costumam utilizar múltiplos métodos, por vezes relacionado ao tipo de sentimento que evoca o comportamento. No suicídio, no entanto, a pessoa geralmente tenta a morte por meio da repetição do mesmo comportamento, utilizando-se do mesmo método (Walsh, 2006). A frequência do comportamento também se revela como um aspecto a ser considerado na diferenciação de ambos fenômenos, tendo em vista que o comportamento suicida apresenta uma frequência menor de repetição no decorrer da vida do sujeito, em comparação com o comportamento autolesivo (Fonseca *et al.*, 2018; Walsh, 2006).

Walsh (2006) continua elencando mais uma distinção, que o nível de sofrimento é mais intenso em pessoas suicidas, em comparação às pessoas que se

autolesionam. Outra diferença estabelecida se relaciona à consciência, uma vez que suicidas geralmente apresentam constrição da consciência, enquanto quem se autolesiona apresenta desorganização da consciência (Walsh, 2006). A sétima distinção está na presença dos sentimentos de desamparo e desesperança no comportamento suicida, enquanto na autolesão esses sentimentos podem ser considerados, inclusive, contraditórios à sua função (Walsh, 2006).

O efeito do comportamento na consciência também se revela como uma diferença entre os fenômenos, pois enquanto na autolesão há uma melhora, quase que imediata, da angústia e sofrimento (Walsh, 2006). No suicídio, no entanto, os sujeitos dizem se sentir piores (Walsh, 2006). Por último, a nona diferença apresentada pelo autor está no problema central. Segundo Walsh (2006), a questão central do suicídio envolve sintomas depressivos, tristeza e raiva. Na autolesão, no entanto, percebe a prevalência em um grupo de questões de imagem corporal e em outro grupo, ainda emergente, de sujeitos que têm estresse intenso, combinado com estratégias inadequadas de enfrentamento e apoio social para a violência autoinfligida.

A escola tem sido um espaço onde a autolesão tem sido revelada, preocupando a comunidade escolar, pais e responsáveis (Costa *et al.*, 2020; Silva, 2021). Pela sua dinâmica, a instituição escolar se constitui como um local privilegiado para a identificação de adolescentes que apresentem autolesão, podendo garantir a intervenção necessária para interromper a prática (Costa *et al.*, 2020; Silva, 2021). A Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul (SED/MS) estabeleceu para as escolas da Rede Estadual de Ensino um protocolo de atuação administrativo-pedagógica diante da identificação de estudantes que apresentem autolesão e comportamento suicida (Mato Grosso do Sul, 2022).

Segundo o Documento Norteador Saúde Mental e Comportamento Suicida (Mato Grosso do Sul, 2022), é necessário que a escola comunique o Conselho Tutelar do município diante dos casos de autolesão ou comportamento suicida, em adequação a Política Nacional de Prevenção ao Suicídio e a Automutilação. Além disso, a família deve ser comunicada da situação e a escola deve realizar, em conjunto com a notificação ao Conselho Tutelar, o encaminhamento do estudante para o atendimento na Rede de Atenção Psicossocial do município, considerando se tratar de uma situação de sofrimento psíquico (Mato Grosso do Sul, 2022).

Ademais, pela sua função social de formação integral, a escola também pode desenvolver estratégias pedagógicas que contribuam para a prevenção da prática da autolesão (Costa *et al.*, 2021). O documento da SED/MS citado, orienta às escolas que seja realizado um plano de ação pedagógico, que considere as áreas de conhecimento, as ações que já são desenvolvidas e aquelas que precisam ser implementadas para a promoção da saúde mental no contexto escolar e prevenção ao comportamento suicida (Mato Grosso do Sul, 2022). Assim, considera-se importante compreender como se constitui o período da juventude, principalmente no Brasil, de forma a contextualizar as interfaces entre o sofrimento psíquico das juventudes e a prática da autolesão. O próximo capítulo apresenta alguns dos principais aspectos que constitui a juventude na atualidade, a partir de um breve resgate histórico.

#### **4. A CONSTITUIÇÃO HISTÓRICA DAS JUVENTUDES E A SITUAÇÃO JUVENIL**

A juventude, enquanto conceito é compreendida como uma categoria histórica e socialmente construída e produzida na Modernidade a partir dos diferentes elementos culturais, históricos e sociais das sociedades acerca do período da vida entre a infância e a vida adulta (Aquino, 2009; Abramovay, Castro, 2015; Esteves, Abramovay, 2008; Groppo, 2017; Pappámikail, 2010; Souza, Paiva, 2012; UNESCO, 2004). Para Weisheimer et al (2013), a concepção de juventude é “fundada em representações sociais segundo as quais se atribui sentido ao pertencimento a uma faixa etária, posicionando os sujeitos na estrutura social” (p. 24).

Nessa perspectiva, diversos autores não consideram a juventude como um conceito universal. Desse modo, ressaltam a importância de falar em juventudes, no plural, tendo em vista as múltiplas vivências e experiências as quais os jovens perpassam, principalmente quando marcados por classe social, gênero, raça e etnia (Aquino, 2009; Esteves, Abramovay, 2008; Groppo, 2017; Souza, Paiva, 2012, Weisheimer *et al.*, 2013;). Outro marcador que também impacta as vivências é o local de moradia, principalmente quanto a experiência de jovens moradores de zona rural (Arantes e Silva, 2021).

O ciclo da vida entre a infância e a adultez como um fenômeno, tal qual como compreendida na atualidade, começa a se constituir na Modernidade, especificamente no período da Revolução Francesa e Revolução Industrial (Groppo, 2017; Pappámikail, 2010). Pappámikail (2010) afirma que “não havia na Europa pré-

industrial qualquer hesitação quanto à subordinação simbólica da infância e juventude em relação à fase adulta do ciclo de vida” (p. 396). Com a consolidação do capitalismo como novo modelo econômico, dois processos sociais vão contribuir para a construção da noção de juventude (Groppo, 2017; Weisheimer *et al.*, 2013).

O primeiro processo é a nuclearização das famílias, que passou cada vez mais a tornar privada suas relações, reduzindo sua configuração a pais e filhos (Weisheimer *et al.*, 2013). Nesse sentido, tornou-se necessária a atenção e o cuidado à formação que se proporciona aos filhos (Weisheimer *et al.*, 2013). O segundo processo, nomeado de universalização do ensino, se dá em decorrência do primeiro que, diante da necessidade de garantir a formação adequada aos filhos, os inserem em espaços formais de educação por meio da escolarização, com vistas à sua preparação para a vida adulta (Pappámikail, 2010; Weisheimer *et al.*, 2013). O período Moderno também é caracterizado pela ascensão da burguesia e pela cada vez maior e mais veloz transformação social, cultural e econômica (Groppo, 2017; Weisheimer *et al.*, 2013).

A compreensão da juventude enquanto ciclo da vida perpassa por aspectos demográficos, biológicos e psicológicos, principalmente quanto às mudanças geradas nestes últimos dois (Groppo, 2017; UNESCO, 2004). No sentido demográfico, a juventude seria definida principalmente pela faixa etária (Groppo, 2017). No Brasil, por exemplo, a Lei Federal n. 12.852, de 5 de agosto de 2013, institui o Estatuto da Juventude, o qual dispõe sobre os direitos dos jovens brasileiros, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e cria o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE (Brasil, 2013). Para tanto, a legislação citada demarca a juventude como o período entre os 15 e 29 anos (Brasil, 2013).

No âmbito biológico, estariam relacionadas às alterações corporais e fisiológicas que demarcam a preparação do corpo para a procriação, a puberdade (Bispo, 2020; Groppo, 2017). As mudanças psicológicas, estariam relacionados ao desenvolvimento da personalidade e da identidade (Groppo, 2017). Também na Psicologia, os trabalhos de Stanley Hall na primeira metade do século XX e Erick Erickson, na segunda metade do mesmo século, contribuíram para a expansão do conceito de juventude, assim como para a consolidação de noções que permeiam os discursos sobre esse ciclo da vida, até a contemporaneidade (Bispo, 2020; Pappámikail, 2010).

A teoria de Hall sobre a adolescência tornou-se hegemônica nas análises da juventude, na qual abordou de forma linearista e biopsicológica o desenvolvimento,

considerando a juventude uma das etapas que levam a vida adulta, ou seja, transitória, sendo necessário seu reconhecimento como tal (Groppo, 2017). Foi em Hall também que se construiu a noção de juventude enquanto período de rebeldia, a concebendo ora como um risco, ora estando em risco (Bispo, 2020; Pappámikail, 2010). Erickson desenvolve a Teoria Psicossocial do Desenvolvimento Humano, em que traça críticas à Hall, mas mantém a noção linearista em suas discussões (Pappámikail, 2010). Erickson aborda a noção de moratória psicossocial, enquanto um período de experimentação necessário na juventude, a qual trouxe importantes contribuições, dentre outras, para as políticas sociais dos Estados Unidos (Bispo, 2020; Groppo, 2017).

Essas teorias impactam também na construção das teorias sociológicas sobre a juventude (Groppo, 2017). Surgem, então, na Sociologia da Juventude, dois grupos distintos, mas complementares de compreensão sobre a juventude (Pappámikail, 2010; Pais, 1990). O primeiro como um grupo social homogêneo, que tem como principal similaridade a questão demográfica (Pappámikail, 2010; Pais, 1990). Esteves e Abramovay (2008) consideram que há algumas outras características comuns à juventude que também devem ser consideradas, tais como “a procura pelo novo; a busca de respostas para situações e contextos antes desconhecidos; o jogo com o sonho e a esperança; a incerteza diante dos desafios que lhes são colocados ou inspirados pelo mundo adulto etc” (p. 26).

O segundo grupo compreende a juventude como grupo social heterogêneo, em que sua multiplicidade é considerada, em decorrência dos diferentes aspectos sociais e culturais que perpassam esses sujeitos (Pappámikail, 2010; Pais, 1990). Tais perspectivas se desdobram na consolidação de duas noções principais no imaginário social sobre a juventude, na primeira metade do século XX (Pais, 1990), a qual encontram raízes também nos trabalhos de Hall e Erickson (Bispo, 2020; Groppo, 2017; Pappámikail, 2010). A primeira noção está relacionada à compreensão da juventude como etapa problemática, principalmente relacionados ao seu potencial de ameaça social e delinquência (Esteves, Abramovay, 2008; Groppo, 2017; Sousa, Paiva, 2012).

Menandro, Trindade e Almeida (2003) identificam esse aspecto nas notícias e comentários circulados na revista *Veja* nos períodos de 1968 a 1974 e 1996 a 2002. Os conteúdos veiculados demonstraram representações sociais de juventude ligadas à ideia de rebeldia, seja no âmbito das suas vestimentas, estilos musicais e

gestualidade, quanto no âmbito da militância, com caráter transgressor, instigados pela sua insatisfação pelo cenário político e social da época (Menandro, Trindade, Almeida, 2003).

Os comportamentos desviantes das juventudes eram associados principalmente a sua condição de pobreza, então, o Estado deveria cercear e controlá-los, para garantir a ordem social (Souza, Paiva, 2012). Essa ideia se consolida no âmbito das políticas e legislação com a promulgação no Brasil, em 1927, do primeiro Código de Menores (Brasil, 2023), medida jurídica que era pautada na Doutrina de Situação Irregular, constituída a partir de uma compreensão da infância e adolescência enquanto objeto de proteção, controle e repressão, pois eram “um problema a ser resolvido” (Maia *et al.*, 2018, p.13).

A segunda noção vê a juventude como um período de transição, a qual influencia parte das políticas sociais voltadas à essa categoria no início do século XXI (Aquino, 2009). Por ser considerada apenas como período intermediário entre a infância e a adultez, a juventude é percebida como devir que, em conjunto com a noção de moratória social, deslegitima a participação social e a autonomia das juventudes (Groppo, 2017). Com isso, o foco das famílias, do poder público e da sociedade em geral está em iniciativas e esforços para preparar os jovens para a vida adulta (Aquino, 2009; Groppo, 2017; Souza, Paiva, 2012).

O estudo de Menandro, Trindade e Almeida (2003) também corroboram com essa concepção, ao identificarem representações sociais de juventude como “a esperança no futuro, como aqueles que darão seguimento ao que já foi construído” (p. 46). Nesse sentido, as autoras observaram o surgimento, no segundo período pesquisado (1996-2002), de discursos profissionais nas matérias para pensar o futuro dos jovens. O trabalho das autoras demonstra que ambas concepções sobre a juventude, dentre outras, circulavam simultaneamente (Menandro, Trindade, Almeida, 2003).

Groppo (2017) aponta ainda que essa concepção de juventude como período de transição é considerada tradicional e surge na sociologia da juventude que se desenvolve nessa época, tendo como influência o estrutural-funcionalismo. A referência central desse conceito é a socialização, em que as instituições sociais, como a família, a escola e os grupos sociais que os jovens se inserem, principalmente formado por pessoas mais velhas, seriam agentes socializadores (Groppo, 2017; UNESCO, 2004). Tais instituições teriam a responsabilidade de transmitir à juventude

os valores, normas sociais e concepções necessárias para a sua posterior entrada na vida adulta (Groppo, 2017; UNESCO, 2004).

Esse viés também contribui para o deslocamento da ideia de desvio do comportamento do jovem para problemas no/do processo de socialização (Aquino, 2009; Groppo, 2017). Ou seja, o jovem em si não é mais o problema, mas sim as questões decorrentes do seu processo de socialização (Aquino, 2009; Groppo, 2017). Em uma concepção mais crítica acerca da juventude, surge a concepção de moratória social, apoiada principalmente nos trabalhos de Erickson (Bispo, 2020; Groppo, 2017). Mesmo que essa ideia ainda seja carregada de elementos da concepção de fase preparatória para a vida adulta, a moratória social possibilita ao jovem a experimentação por ensaio e erro dos papéis sociais, com vistas a favorecer o seu pleno desenvolvimento (Aquino, 2009; Bispo, 2020; Groppo, 2017).

Essas concepções enfraquecem na contemporaneidade, pois tendiam a negligenciar a multiplicidade de vivências dos jovens, principalmente de classes sociais mais populares, momento em que começam a ganhar força as teorias sociológicas sobre a juventude (UNESCO, 2004). No entanto, ainda se mantém presente em muitas análises e políticas atuais (Groppo, 2017).

Nos estudos acerca da juventude, alguns autores discutem ainda sobre as fronteiras da juventude, ou seja, os elementos que indicariam seu início e fim (Groppo, 2017; Pappámikail, 2010; Souza, Paiva, 2012; UNESCO, 2004; Weisheimer *et al.*, 2013). De uma forma geral, há certo consenso que o início da juventude é marcado pelo início da puberdade, enquanto aspecto biológico do sujeito e o início da vida afetivo-sexual, enquanto aspecto psicológico (Groppo, 2017; Souza, Paiva, 2012; UNESCO, 2004; Weisheimer *et al.*, 2013). No entanto, pelo fim do período da juventude ser relacionado a questões sociais, encontram-se divergências quanto às demarcações das fronteiras do início da vida adulta, tendo em vista principalmente as questões de classe social, a qual impactam substancialmente as experiências dos jovens (Arantes e Silva, 2021; Pappámikail, 2010).

Groppo (2017), por exemplo, compreende que a juventude é caracterizada pela dependência relativa ao seu núcleo familiar e se diferencia da infância principalmente por possuir um grau maior de prestígio social e da adultez por possuir menor prestígio social, quando comparado. Nessa perspectiva, o fim do período de escolarização e a inserção no mercado de trabalho seriam, por exemplo, funções sociais assumidas pelos sujeitos que representam em uma sociedade capitalista grande prestígio social,

em conjunto com a consolidação de um núcleo familiar (Groppo, 2017). Com isso, assumir tal posição representaria o fim da juventude e o início da vida adulta (Groppo, 2017).

Para Weisheimer *et al.* (2013), apesar de considerar variar nas diferentes sociedades, consideram que o término da juventude seria marcado por critérios eminentemente sociológicos. Tais critérios estão relacionados principalmente à aquisição da autonomia e independência nos âmbitos cível, quanto à maioridade civil, produtiva, quanto ao trabalho remunerado que garantiria o seu sustento e de sua família e no âmbito familiar, no sentido de constituição de um núcleo familiar com um parceiro estável e filhos (Weisheimer *et al.*, 2013). Souza e Paiva (2012), assim como Groppo (2017), reforçam que a transição da juventude para a adultez é complexa, constituída por diversos fatores, citando também dentre eles a inserção no mercado de trabalho e a constituição de um núcleo familiar próprio. Entende-se, pois, certas aproximações entre essas compreensões, qual seja, que o fim da juventude estaria relacionado ao alcance da sua independência e autonomia (Pappámikail, 2010).

Entretanto, as transformações do mercado de trabalho no Brasil a partir de 1990 afetaram substancialmente a transição da juventude escola-trabalho, uma vez que se viu ameaçada a inserção dos jovens em trabalhos formais (Arantes e Silva 2021; Aquino, 2009). Em decorrência do cenário de instabilidade e das dificuldades de consolidação dos seus papéis sociais, iniciam-se estudos acerca do fenômeno do prolongamento da juventude, sendo caracterizado pela não sincronização das etapas de transição, adiando a conclusão da passagem para a vida adulta (Aquino, 2009; Pais, 1990).

Nesse sentido, alguns autores consideram que a elevação do período de formação escolar, a crise do mercado de trabalho e sua conseqüente escassez de emprego, torna a juventude por um período maior dependentes do seu núcleo familiar (Aquino, 2009; Esteves, Abramovay, 2008; Souza, Paiva, 2012; Pais, 1990). Esse aspecto foi sinalizado por Aquino (2009) ao apontar que há um prolongamento acerca dos papéis sociais relacionados ao emprego e a vida familiar, no entanto, os jovens cada vez mais precocemente se inserem na vida afetivo-sexual. A autora considera que esse fato se relaciona com a moratória de experimentar papéis adultos, sem ainda o assumir completamente (Aquino, 2009).

Mas esse fenômeno, somado com as inúmeras outras experiências juvenis, como dos jovens financeiramente independentes que permanecem morando com sua

família nuclear, indicam que há múltiplas e desiguais formas de transitar da juventude para a vida adulta (Aquino, 2009; Arantes e Silva, 2021). Barbosa (2021) considera que

[...] as demandas dos jovens moradores de periferias e favelas cujas condições de moradia refletem a completa ausência do poder público mediante as precárias condições sociais distinguem-se dos jovens que não habitam nestes contextos sociais cuja vulnerabilidade social é mais acentuada. O mesmo ocorre com jovens negros pobres, segmento social cujas trajetórias ainda são marcadas pela exclusão e discriminação racial, em detrimento dos jovens brancos pobres. Em se tratando da questão de gênero, as mulheres negras apresentam também outras demandas distintas de homens negros em função da lógica patriarcal e sexista presente na sociedade. Nesse sentido, as juventudes do ponto de vista sociológico constituem-se enquanto categorias de análise com contornos plurais (p. 842).

Por um lado, para as classes mais altas, há investimentos sendo realizados para a preparação do sujeito à vida adulta, vistos sempre com bons olhos pela sociedade (Aquino, 2009). No entanto, para as camadas mais subalternas da sociedade, as dificuldades e vulnerabilidades socioeconômicas, principalmente, reforçam no imaginário social perspectivas negativas sobre a juventude pobre, principalmente relacionadas à delinquência (Aquino, 2009).

Sendo assim, as transições que demarcam a passagem da juventude para a vida adulta não são lineares e suas trajetórias são impactadas por inúmeros fatores, tais como local de moradia, condição socioeconômica, situação de vulnerabilidade, gênero, raça e outros (Arantes e Silva, 2021). Pappámikail (2010) considera que a ideia do prolongamento da juventude é complexa e que as evidências dos estudos desse fenômeno não o comprovam. A autora considera que tais estudos, com efeito, denunciam a inadequação das perspectivas teóricas que, por vezes, revelam concepções normativas de juventude enquanto etapa de transição (Pappámikail, 2010). Considerando o exposto, a condição etária seria apenas um dos aspectos, se não o menos importante, a definir as fronteiras da juventude (Barbosa, 2021; Groppo, 2017; Souza, Paiva, 2012).

Na contemporaneidade, a juventude é permeada por transformações sociais substanciais decorrentes dos rápidos avanços científicos, tecnológicos e sociais da era da hiperconectividade e pela intensificação das ideias capitalistas, como a de liberdade, individualidade e meritocracia (Bispo, 2020; Barbosa, 2021; Souza, Paiva, 2012). Com a crise do emprego que se iniciou na década de 1990, começam a emergir movimentos juvenis que irão impactar significativamente a concepção acerca da juventude, passando de um período de transição ou etapa problemática à atores estratégicos do desenvolvimento (Aquino, 2009; Souza, Paiva, 2012).

Esse novo enfoque exige então investimentos das políticas sociais, principalmente na educação, na adoção de propostas e serviços específicos aos jovens, garantindo o protagonismo juvenil (Aquino, 2009; Silva, Andrade, 2009). No entanto, por mais que observa-se certo avanço em relação à essa concepção de controle social das juventudes pobres por meio do novo arranjo institucional criado a partir de 2005, a juventude ainda tem sido colocada como secundária nas dimensões cotidianas, tanto nas ordinárias, como no extraordinário, por exemplo, na construção e definição de políticas públicas voltadas a eles, ou seja, sua participação ainda não é plena (Abramovay, Castro, 2015; Esteves, Abramovay, 2008; Silva, Andrade, 2009). Talvez por isso tem se observado o maior interesse dos jovens em participar de coletivos extra ou não institucionalizados, uma vez que se mostram mais acolhedores aos problemas reais da juventude do que os espaços partidários de participação política (Corrochano, Dowbor, Jardim, 2018).

Nessa perspectiva, Abramovay e Castro (2015) consideram que as curvas ascendentes de violência e criminalidade e uma cultura da violência que se constitui são um dos desafios da juventude contemporânea, cultura essa que se alimenta dos ideais próprios do modelo econômico vigente e pressupõe que o uso da força é o único recurso para a resolução de conflitos. Os jovens têm sido os principais alvos da violência em suas diversas faces, no entanto, esse problema tem fortalecido a concepção da juventude como produtores de uma ameaça social (Abramovay, Castro, 2015; Corrochano, Dowbor, Jardim, 2018; Esteves, Abramovay, 2008).

Outros dois fenômenos observados na contemporaneidade são da *juvenilização da vida adulta*, em que os adultos buscam assumir os costumes e hábitos desse ciclo da vida e a *adultização da juventude*, que, cada vez mais, enfrentam as dificuldades e vulnerabilidades advindas do processo de globalização (Bispo, 2020; UNESCO, 2004). Souza e Paiva (2012) consideram que essa concepção se consolida no século XXI, uma vez que a juventude passa a ser um ideal a ser perseguido pelos adultos, os quais buscam apropriar-se dos valores associados à juventude, de liberdade e transformação. Com isso, constituiu-se uma valorização da juventude, mas não dos jovens, estes últimos permanecem sem espaços sociais para participação social e política (Souza, Paiva, 2012).

Esse processo se dá em meio a uma sociedade de consumo, entendida como um movimento do mercado que busca construir discursos e narrativas a partir de demandas sociais, com fins de potencializar o sistema de produção e o consumo da

população (Santos *et al.*, 2019). Com isso, a juvenilização torna-se terreno fértil para a construção de nichos de mercado baseada nos ideais de liberdade, potência e virilidade, que tem o jovem como consumidor e a juventude como objeto de consumo (Abramovay, Castro, 2015; Esteves, Abramovay, 2008; Groppo, 2017; Santos *et al.*, 2019).

As mídias digitais ganham importante destaque nesse sentido, principalmente na área publicitária, pois possibilita o acesso a um grande volume de informações que passam a compor as identidades juvenis, as sociabilidades, valores e interações (Passarelli, 2020). A sociedade consome por meio da internet em uma velocidade quase que imediata os discursos, simbologias e mercados que as mídias digitais circulam cotidianamente, sendo importantes agentes de socialização para as juventudes, mas que exigem também mediação e atenção (Bispo, 2020; Fernandes, 2019; UNESCO, 2004; Santos *et al.*, 2019).

Tendo isso em vista, a hiperconectividade marcante dos dias atuais reflete na subjetividade dos jovens, na sua relação com seus corpos, saúde e bem-estar (Neto, Mota, 2021; Passarelli, 2020). Observa-se que as relações dos sujeitos com a internet tornaram-se mútuas e interdependentes (Passarelli, 2020), impactando na constituição das subjetividades dos jovens, principalmente aos que se relaciona aos padrões de beleza e saúde que circulam em uma velocidade quase imediata nas redes sociais (Bispo, 2020; Neto Mota, 2021;).

Castanho e Zorzim (2017) realizaram uma pesquisa com jovens universitários de 18 a 29 anos, em sua maioria mulheres, sobre o uso de recursos tecnológicos, mídias e internet, com vistas a identificar seus impactos na vida cotidiana, nas relações interpessoais e hábitos de consumo. As autoras puderam concluir que as subjetividades desses jovens são influenciadas pelas vivências e experiências virtuais, sendo por vezes ferramenta para interações e construção de relações nos ambientes virtuais e em outro empecilho para a manutenção das relações presenciais (Castanho, Zorzim, 2017).

Nessa perspectiva, Gonçalves, Avanci e Njaine (2023) realizaram uma pesquisa em duas comunidades virtuais sobre a autolesão na rede social Facebook, as quais demonstraram ser um espaço de compartilhamento de experiências, busca de apoio social e de queixas. Dentre outras coisas, em uma das comunidades as autoras observaram também o compartilhamento de referências a ídolos, cantoras e bandas que apresentavam o mesmo comportamento ou eram *underground*

(Gonçalves, Avanci, Njaine, 2023). Esse aspecto reitera-se a concepção de *imitação prestigiosa* (Daola, Rigoni, Roble, 2012), em que tais referências remetem aos participantes da comunidade uma noção de status social por partilharem das mesmas experiências que tais ídolos (Gonçalves, Avanci, Njaine, 2023).

Ao se debruçar sobre os resultados da pesquisa *Juventude, juventudes: o que une e o que separa*, Esteves e Abramovay (2008) identificaram, naquele período, que a moda e a aparência foram expressivamente identificadas pelos jovens como a principal característica da juventude na contemporaneidade. Aliada à hiperconectividade contínua, as normativas de beleza e moda circulam nos dias atuais por meio de influenciadores digitais nas redes sociais, publicidades atrativas e informações falsas, o que mantém o consumo em alta em produtos de vestuário, cosméticos e procedimentos estéticos, fato que impacta principalmente meninas e mulheres na busca do *corpo ideal* (Bispo, 2020; Neto, Mota, 2021). Quanto a isso, a glamorização e o aspecto estético dos cortes provocados na autolesão também aparecem nas comunidades online sobre o fenômeno, o que revela, mesmo na dimensão do sofrimento psíquico, a noção de pertença nos jovens (Gonçalves, Avanci, Njaine, 2023).

O corpo é, então, impactado pelos discursos sociais que circulam e se propagam principalmente no mundo virtual, com extrema rapidez, resultando na construção da identidade e subjetividade dos jovens, por vezes permeada de uma série de conflitos (Bispo, 2020; Santos, 2017), principalmente sentimentos de comparação e insatisfação corporal (Gasparini, 2022). Dettmer (2018) considera que há correlação entre a insatisfação corporal e a incidência da autolesão em meninas, argumentando que a prática é produzida pelo contexto histórico, social e político que constitui a subjetividade das meninas. Parece haver, então, relação entre corpo, a conectividade nas mídias sociais e o sofrimento psíquico, que se constitui como contexto adequado para a produção da autolesão.

## **5. A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS COMO FUNDAMENTO TEÓRICO-METODOLÓGICO**

Na construção da Teoria das Representações Sociais, Moscovici teve como fonte principal de inspiração o conceito das Representações Coletivas de Émile Durkheim (Rêses, 2003). O conceito de Representações Coletivas de Durkheim se refere às produções sociais, produzidas ao longo da história por meio da combinação de ideias e sentimentos de diversos atores, que originam conceitos que são impostos

de forma genérica e coercitiva aos coletivos. O sociólogo compreende tais representações como estáticas e, dessa forma, são individualizadas em cada sujeito, mas não dependem destes mesmos para se reproduzirem (Rêses, 2003).

Marková (2017) afirma que Moscovici também encontrou na fenomenologia algumas ideias que colaboraram para a sua construção teórica, com destaque para a *fenomenologia da percepção* de Merleau-Ponty, que o auxiliou na identificação da primazia da representação social. Contudo, foi especialmente na sociologia que Moscovici encontra as direções para a construção do paradigma das representações sociais, também em Simmel, Weber e Marx (Camargo, Schlösser, Giacomozzi, 2018; Marková, 2017; Rêses, 2003).

As representações sociais são formas de conhecimento socialmente elaboradas e compartilhadas, que irão fornecer subsídios para a constituição de modos de ser, pensar e agir dos indivíduos, ligando um sujeito a um objeto (Jodelet, 1989-1993, 2000). Em outras palavras, são formas de conhecimento produzidas que explicam e dão sentido para coisas cotidianas, possibilitando a comunicação e atitudes compartilhadas entre os sujeitos de um grupo (Moscovici, 1978). Assim, a RS tem um aspecto simbólico e outro aspecto da sua materialização na prática cotidiana, sendo o segundo mais fácil de apreender (Moscovici, 1978).

A adoção do termo *sociais* ao invés de *coletivas*, como fez Durkheim, se dá, pois, Moscovici desenvolve uma noção dinâmica das representações, a partir das necessidades cotidianas e modernas, principalmente em decorrência da constituição das sociedades modernas, que produz constantemente novos conhecimentos não-familiares por meio das descobertas e teorias, cabendo aos sujeitos o papel de familiarizar esses conhecimentos no senso comum, por meio de uma teoria que explique e dê sentido aos fenômenos. Aí está também a função das representações sociais (Camargo, Schlösser, Giacomozzi, 2018; Rêses, 2003). Uma representação social é sempre uma representação de um grupo sobre um objeto (Jodelet, 1989-1993; Moscovici, 1978). Assim, cada grupo social apresentará estruturas, conteúdos e contornos característicos de uma representação social (Moscovici, 1978).

As teorias do senso comum são construídas a partir de dois processos: a ancoragem e a objetivação, pressionados à inferência a partir de um fenômeno estranho, não-familiar (Jodelet 1989-1993). Ancoragem diz respeito aos diversos métodos de apreensão da realidade com os quais o sujeito se utiliza para trazer familiaridade ao objeto, como, por exemplo, a observação, as vivências cotidianas, os

diálogos, os documentos, a filosofia e também dos conhecimentos produzidos cientificamente (Jodelet, 1989-1993; Moscovici, 1978). Ou seja, um conhecimento é elaborado com “o que se tem a mão”, para explicar e dar sentido a novos fenômenos, ainda estranhos para o grupo (Jodelet, 1989-1993).

A objetivação diz respeito à imagem construída a partir da ancoragem sobre o objeto (Moscovici, 1978). Essa imagem carrega uma simplificação de conceitos e teorias formuladas sobre o objeto que, até então, é não-familiar, tornando-o familiar, por meios das fontes as quais a teoria é construída. Esse movimento acontece em dialética (Moscovici, 1978). No entanto, esse saber produzido não se constituiu como uma forma de distorção do conhecimento científico acerca de um objeto, mas como um dos elementos que colaboram para a construção de um novo conhecimento, reelaborado mediante as necessidades sociais (Moscovici, 1978).

Moscovici (1978) afirma que as representações sociais possuem três dimensões que possibilitam obter um panorama do seu conteúdo e sentido: a informação, o campo da representação e a atitude. A dimensão da informação diz respeito aos conhecimentos que o grupo possui sobre o objeto social. No campo da representação estão as imagens que são construídas sobre o objeto em questão. Na dimensão da atitude, apresentam-se o posicionamento dos sujeitos sobre o objeto social, podendo ser favoráveis, desfavoráveis ou possuírem atitudes intermediárias. Campos e Rouquette (2003) citam ainda a dimensão afetiva que as representações sociais possuem, afirmando que os elementos de uma representação social são também carregados de uma carga afetivo-emocional, que tanto pode contribuir para a sua manutenção, como pode ser o responsável por sua modificação.

Moscovici foi o responsável pelo desenvolvimento do que é chamado de *grande teoria* das representações sociais, e seus sucessores desenvolveram perspectivas teóricas complementares à inicialmente proposta por Moscovici (Sá, 1998). Na presente pesquisa, será utilizada a abordagem complementar de Jean Claude Abric. Abric é o principal responsável pelo desenvolvimento de uma abordagem estrutural das representações sociais, nomeada de Teoria do Núcleo Central (Mazzotti, 2002; Sá, 1996; 1998). Para Abric, as representações sociais possuem, concomitantemente, um caráter mais estático e consensual e um caráter mais subjetivo e individual (Mazzotti, 2002; Sá, 1996). A partir desse entendimento, é proposto as noções de sistema central e periférico das representações.

O sistema central, ou núcleo central, seria responsável pela sistematização do aspecto coletivo e mais estático das representações, além de revelar as condições sócio-históricas de sua construção e ser pouco sensível às mudanças imediatas no contexto social (Sá, 1996). O sistema central manifesta o pensamento social, ou seja, “crenças coletivamente engendradas e historicamente determinadas” para a manutenção dos modos de vida (Mazzotti, 2002, p. 20). O sistema periférico se constitui em interface com o núcleo central, formado pelas vivências, afetos e características da vida individual, ou seja, o núcleo periférico possui um caráter mais contextualizado à realidade objetiva do sujeito (Sá, 1996). Ambos sistemas funcionam em dialética (Mazzotti, 2002).

A teoria do Núcleo Central possibilita a realização de estudos comparativos entre representações sociais, sendo possível identificar se as distinções nas representações se assentam no nível do sistema central ou no nível periférico (Sá, 1996). Se as distinções se apresentam no sistema central, trata-se de duas representações. Por outro lado, se as distinções estão apenas no sistema periférico, pode-se dizer de uma mesma representação social, que se apresenta de forma variada de acordo com o contexto do indivíduo ou grupo (Sá, 1996).

Sá (1998) afirma que, na pesquisa sob a perspectiva da Teoria das Representações Sociais, é necessário que alguns elementos sejam definidos para a construção de um objeto de pesquisa consistente. Para isso, inicialmente deve-se definir o fenômeno a ser estudado, fenômeno esse que revela um problema a ser estudado sob a perspectiva das representações sociais, análise a qual é necessária ser realizada pelo pesquisador (Sá, 1998). Assim, os fenômenos que estão presentes no universo consensual de pensamento, regidos pelo senso comum, são simplificados teórica e metodologicamente, com vistas a se tornar um problema do universo reificado da ciência, passando a ser regidos pela lógica científica (Sá, 1998). O autor alerta também que a pesquisa deve produzir um novo conhecimento acerca do fenômeno estudado, com perigo da pesquisa em si ser uma representação social.

Considerando que uma representação social de um objeto é sempre uma representação de alguém (sujeito) e de alguma coisa (objeto), também é necessário a delimitação do grupo o qual busca-se conhecer as representações sociais (Jodelet, 1989-1993; Sá, 1998). Em decorrência disso, o estabelecimento dos objetivos possibilitará também a definição da perspectiva teórica na Teoria das Representações Sociais a ser adotada. E por fim, com esse caminho traçado, é necessário a definição

das estratégias metodológicas de pesquisa, possuindo estreita conexão com as definições anteriormente realizadas (Sá, 1998). Tendo em vista essa compreensão, a seguir será apresentado o percurso metodológico a ser adotado na presente pesquisa.

## **6. OBJETIVOS**

### **6.1 Objetivo geral**

Analisar as representações sociais de jovens sul-mato-grossenses sobre o fenômeno da autolesão.

### **6.2 Objetivos específicos**

- Analisar as atitudes, comportamentos e hábitos relacionados às práticas corporais ou cuidados com o corpo entre os jovens;
- Analisar os aspectos estruturais das representações sociais de autolesão para os jovens participantes da pesquisa;

## **7. MÉTODO**

### **7.1 Tipo de pesquisa**

Trata-se de uma pesquisa do tipo qualitativa, a qual considera o fenômeno como construção humana significativa e, por isso, objetiva compreender os significados, interpretações, explicações e atitudes dos sujeitos de pesquisa quanto ao fenômeno pesquisado (Minayo, 2014). Tendo as experiências do senso comum como cenário (Minayo, 2014), a investigação qualitativa demonstra-se, pois, como imprescindível para o desenvolvimento de estudos na perspectiva da Teoria das Representações Sociais (TRS) (Moscovici, 1978).

Segundo Bogdan e Biklen (1999) há cinco características centrais, que surgem em maior ou menor grau na pesquisa qualitativa. A primeira delas é a de que o loco de pesquisa se dá no ambiente natural do fenômeno, natural aqui entendido como o contexto em que esse se expressa. Com isso, é possível compreender os discursos, atitudes, experiências que produzem e reproduzem o fenômeno. A pesquisa qualitativa também apresenta caráter descritivo, uma vez que pretende apreender as situações da forma que se apresentam, permitindo uma análise mais minuciosa do fenômeno.

Uma terceira característica apresentada pelos autores diz respeito à um olhar, na investigação qualitativa, para o processo, ao invés dos resultados. Ou seja, busca-se olhar para os diversos elementos que levam ao fenômeno a ser pesquisado, não somente para o fenômeno em si, de forma superficial. A análise dos dados é outra característica da pesquisa qualitativa, uma vez que essa se realiza de forma indutiva, recorrendo-se a compreende o fenômeno a partir dos dados e não os utilizando para confirmar hipóteses pré-estabelecidas (Bogdan, Biklen, 1999).

Por último, os autores colocam o significado como um elemento central na abordagem qualitativa (Bogdan, Biklen, 1999). Assim, a subjetividade é colocada no cerne do processo de pesquisar, uma vez que possibilita o estudo:

Da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmo, sentem e pensam” (Minayo, 2014, p. 57)

## 7.2 Delineamento do estudo

Para atender ao objetivo da pesquisa, a investigação foi realizada por meio da aplicação de um formulário online, disponibilizado aos jovens participantes da pesquisa, mediante a autorização dos pais/responsáveis.

## 7.3 Local da pesquisa

Para o *locus* de pesquisa, escolheu-se a escola pública, uma vez que se constitui, para além da sua função educativa, também como um importante espaço de socialização, de constituição de grupos sociais e de partilha de experiências e vivências, onde se constroem e circulam discursos (Brasil, 2013). Com isso, na escola, é possível conhecer, compreender e dimensionar diferentes fenômenos que perpassam as juventudes, entre elas, as representações sociais da autolesão. Enquanto contexto sociocultural, permite conceber as interações, socializações e práticas que se relacionam com o objeto de estudo deste trabalho, assim também como pode permitir identificar como os saberes do mundo reificado da ciência, o qual a escola tem como função transmitir aos seus estudantes, se apresenta na estrutura das representações sociais sobre o fenômeno estudado.

A pesquisa se deu em três escolas da Rede Estadual de Ensino de Mato Grosso do Sul (REE/MS), localizadas no município de Campo Grande, capital do Estado, selecionadas pela aproximação da autora com a gestão escolar, em decorrência de trabalhos conjuntos anteriores. A primeira escola está localizada na

região central do município, o que a caracteriza por englobar estudantes não somente da região local, mas de diferentes territórios do município. O bairro que a escola se localiza é caracterizado por índice de vulnerabilidade média, segundo informações do Sistema Municipal de Indicadores de Campo Grande (Instituto Municipal de Planejamento Urbano, 2024). A segunda escola se localiza na região urbana Lagoa, lado oeste da cidade, em um bairro com índice de vulnerabilidade alto (Instituto Municipal de Planejamento Urbano, 2024). A terceira escola também está disposta ao lado oeste da cidade, localizada na região urbana Imbirussu, em um bairro com índice de vulnerabilidade médio (Instituto Municipal de Planejamento Urbano, 2024).

A escolha de escolas do sistema estadual se dá, pois, segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), o Estado é a instância responsável por oferecer, com prioridade, a etapa do Ensino Médio, etapa que acolhe jovens, de forma geral, entre 15 a 17 anos (Brasil, 1996). Dessa forma, o Ensino Médio abrangeu o público participante da pesquisa, qual seja, jovens. As escolas fazem parte do Programa de Educação em Tempo Integral - Escola da Autoria (Mato Grosso do Sul, 2022) e ofertam a etapa do Ensino Médio exclusivamente na modalidade integral.

O Programa Escola da Autoria é caracterizado por promover o aumento da permanência do estudante na unidade escolar, visando sua formação integral e integrada. Para isso, o currículo das escolas de Ensino Médio de Tempo Integral é organizado com os conhecimentos da Formação Geral Básica, compreendido como os conhecimentos da Base Nacional Comum Curricular, organizados por área de conhecimento e os Itinerários Formativos, os quais promovem aprofundamento das áreas de conhecimento, incluindo também a educação profissional (Mato Grosso do Sul, 2022). A REE/MS oferta, no ano de 2024, 219 escolas estaduais de Ensino Médio em Tempo Integral, sendo 51 unidades em Campo Grande - MS.

#### 7.4 Participantes

Para a pesquisa, elegeu-se como grupo os jovens, em processo de escolarização, de quaisquer gêneros, matriculados no Ensino Médio nas escolas públicas da capital sulmatogrossense. A escolha desse grupo se deu pela facilidade de acesso aos jovens, tendo em vista a atividade laboral da autora, técnica da Secretaria de Estado de Educação – SED/MS. Da mesma forma, além de ser espaço de socialização, a escolha se relaciona com o fato desse grupo ter acesso, pela escolarização, ao saber científico, as quais podem integrar a construção das

representações sociais a serem pesquisadas. Além disso, o interesse pela faixa etária refere-se à incidência do fenômeno da autolesão em adolescentes, com predominância em meninas (Da Silva Souza *et al.*, 2020; Fonseca *et al.*, 2018; Moreira *et al.*, 2020; Souza, Haviaras, Carvalho, 2023).

Para integrar a pesquisa, foram considerados os seguintes critérios de inclusão e exclusão, conforme os objetivos da pesquisa. Os critérios de inclusão foram: 1) estar regularmente matriculado em uma das turmas do Ensino Médio; 2) ter interesse em participar da pesquisa; 3) ter sido autorizado pelos pais/responsáveis a participar. Nos critérios de exclusão, foram considerados: 1) não ter sido autorizado pelos pais/responsáveis a participar; 2) não ter interesse em participar; 3) ter desistido da participação no decorrer do desenvolvimento da pesquisa. Participaram do estudo 85 jovens que responderam o formulário online. No entanto, dois respondentes não concordaram em participar como voluntários, sendo descartada sua inserção, por se enquadrar nos critérios de exclusão. Dessa forma, o corpus da pesquisa contou com 83 participações.

#### 7.5 Procedimentos para a coleta e análise de dados

Para a obtenção do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (apêndice A), foi disponibilizado por meio virtual, no grupo de pais/responsáveis das turmas do Ensino Médio, via aplicativo *WhatsApp*, reiterando as informações da pesquisa e solicitando a autorização da participação dos jovens. Também foram apresentados os objetivos da pesquisa durante reunião de pais, disponibilizando o TCLE na sua forma física, para assinatura.

Aos jovens, o convite para participar da pesquisa foi realizado de forma presencial, por meio da apresentação da pesquisadora e dos objetivos da pesquisa nas turmas de Ensino Médio dos locais da pesquisa. O acesso do formulário foi disponibilizado inicialmente na modalidade virtual, por meio dos grupos de mensagem no aplicativo *WhatsApp*, que a escola possuía com as turmas do Ensino Médio, assim como foi disponibilizado o link de acesso e o Qr Code aos jovens, durante a apresentação da pesquisa pela autora.

No entanto, obteve-se baixo engajamento na participação por meio dessa estratégia, sendo articulado com a gestão escolar um espaço para a disponibilização de computadores com acesso ao formulário, sendo os estudantes convidados em pequenos grupos para participar da pesquisa. Reitera-se que participaram somente

os estudantes que demonstraram interesse em contribuir com o estudo. No formulário online, para prosseguir para as perguntas, o jovem inicialmente fez a leitura do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido – (TALE) (apêndice B), sinalizando o seu consentimento com a participação. A pesquisadora disponibilizou também as informações da pesquisa e meios de contato no formulário do TCLE e para a gestão escolar e coordenação pedagógica, para os casos em que a família solicite o contato direto com a pesquisadora, para eventuais esclarecimentos.

O formulário (apêndice C) continha quatro seções, totalizando 20 questões, sendo 11 fechadas e nove abertas, incluindo 3 perguntas referentes a Técnica de Associação Livre de Palavras – TALP. As questões foram elaboradas especificamente para esse estudo, com base na literatura e nos objetivos que se pretendia alcançar. A primeira seção do formulário continha o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE); a segunda seção foi composta pela TALP, a partir do termo indutor *autolesão*; a terceira seção possuía perguntas relacionadas ao contexto sociodemográfico do grupo de participantes e a quarta e última seção questionava sobre a autopercepção sobre saúde mental e corpo, além das experiências pessoais com a prática da autolesão.

A TALP é uma técnica frequentemente utilizada nas pesquisas sob a perspectiva da Teoria das Representações Sociais, em que o sujeito evoca palavras livremente, a partir de um termo indutor (Coutinho, Do Bú, 2017). Em outras palavras, é solicitado ao sujeito que diga X números de palavras que *surgem à mente* quando ouve ou lê uma outra. Por meio da Técnica de Associação Livre de Palavras (TALP), os rótulos verbais expressos colocam em evidência os elementos do núcleo central e periférico das representações sociais pesquisadas (Sá, 1996). Foi solicitado que o participante indicasse as cinco primeiras palavras que viessem à mente a partir da leitura da palavra autolesão. Em seguida, foi solicitado que o jovem organizasse as cinco evocações por ordem de importância.

O termo indutor autolesão também foi utilizado para que os jovens suscitassem as cinco palavras que acreditavam que os seus amigos responderiam. Essa estratégia é utilizada para tentar amenizar as interferências das normativas sociais na construção do campo representacional de autolesão, chamada de zona muda (Walchelke, Wolter, 2011). A zona muda é caracterizada pelas cognições resguardadas pelas normativas sociais, ou seja, representações sociais acerca do

objeto que não são reveladas de imediato, em decorrência das regras sociais (Abric, 2005).

Após a aplicação, os dados dos formulários foram tabulados e organizados em uma planilha, com auxílio do Excel. Foram realizadas análises estatísticas simples e descritiva, apontando a frequência absoluta e relativa das informações. Para a análise da TALP, os dados foram inseridos no *software Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires (Iramuteq)*, considerando palavras com frequência mínima 2. Foram consideradas, para fins de análise, as evocações organizadas, pelos jovens, por ordem de importância e as de acesso à zona muda, processadas no *software* para obtenção de análise prototípica e análise de similitude.

A análise prototípica dispõe as evocações em quatro quadrantes, conforme a frequência (f) e Ordem Média de Evocação (OME). No primeiro quadrante estão localizadas as palavras com alto índice de frequência, ou seja, evocadas por grande parte dos participantes e baixo ordem de evocação, ou seja, que são evocadas prontamente. Quanto as evocações presentes nesse primeiro quadrante, Wachelke e Wolter (2011) chamam a atenção para o fato de que as palavras ali dispostas apresentam hipóteses sobre o núcleo central das representações sociais, mas que é necessário a adoção de outras metodologias para chegar a essa afirmação. Por outro lado, os autores ressaltam que, quando se está diante de uma palavra que apresenta a frequência significativamente maior em relação aos demais é que se pode inferir diretamente tratar-se do núcleo central.

No segundo quadrante da análise prototípica está localizada a primeira periferia das representações sociais, com palavras que apresentaram alta frequência e alta ordem de evocação, ou seja, apareceram recorrentemente, mas tardiamente. As palavras dispostas no terceiro quadrante compõem a zona de contraste, com palavras com baixa frequência e alta ordem de evocação. No quarto quadrante estão as palavras com baixa frequência e alta ordem de evocação, sendo considerada a segunda periferia (Wachelke, Wolter, 2011).

A análise das similitudes organiza as evocações a partir da vinculação com a qual se apresentam quando suscitadas, permitindo identificar as conexões e coocorrências, gerando grafos das palavras e dispondo-as em nuvens, conforme a proximidade em que surgiram (Donato *et al.*, 2017). As nuvens são blocos de palavras que demonstraram maior coocorrência, que, somadas, geram a árvore máxima

(Donato *et al.*, 2017). A análise de similitude também possibilita a confirmação da hipótese da centralidade decorrente da análise prototípica (Donato *et al.*, 2017).

As respostas das perguntas abertas foram submetidas à leitura flutuante e, em seguida, à análise categorial, por meio do tratamento das informações a partir da codificação dos significados e contexto das mensagens, segundo o critério de analogia (Bardin, 2021). Em seguida, as categorias foram submetidas à análise estatística simples, com vistas ao recenseamento das respostas.

#### 7.6 Aspectos éticos

O projeto de pesquisa foi submetido à avaliação da Secretaria de Estado de Educação – SED (anexo A) e da direção pedagógica das escolas (gestão escolar) participantes, recebendo aprovação. O projeto foi submetido também para avaliação do Comitê de Ética em Pesquisas (CEP) com Seres Humanos da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, sendo aprovado por meio do parecer nº 6.512.805 (anexo B).

Todos os participantes foram informados dos objetivos da pesquisa, seus pais/responsáveis assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE e os jovens assinaram o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido – TALE, conforme orientação da Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. Da mesma forma, as informações coletadas por meio do formulário serão armazenadas com a pesquisadora responsável por um período mínimo de 02 anos, sob sua inteira responsabilidade. Após esse período os arquivos contendo as análises serão destruídos pelos próprios pesquisadores.

### **8. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Os resultados são apresentados e discutidos, a seguir, de acordo com as diferentes análises realizadas. Inicialmente, são apresentados os dados das informações acerca das características sociodemográficas, bem como as respostas relacionadas à saúde mental e ao corpo. Em seguida, são apresentados os resultados de duas perguntas abertas do formulário, uma a qual questionava o que os jovens compreendiam que levava alguém a praticar a autolesão e outra que solicitava o que eles acreditavam que poderia ser feito para ajudar quem autolesiona. Logo após, é apresentado o resultado da análise prototípica das evocações organizadas por ordem de importância, a partir do termo indutor autolesão, seguido da análise prototípica da

zona muda. Na sequência, dispõe-se as análises de similitude destas mesmas evocações.

É importante destacar que não se pretendia investigar profundamente as informações sobre as características sociodemográficas, saúde mental e corpo. No entanto, tais questões demonstraram ser importantes para construir o perfil do grupo de participantes da pesquisa que, na Teoria das Representações Sociais, é aspecto fundamental para a discussão dos resultados. Para Ribeiro e Antunes-Rocha (2021), as representações sociais perpassam pela identidade dos sujeitos, orientando suas formas de agir, pensar e sentir e as características sociodemográficas podem ser um primeiro elemento a auxiliar nessa compreensão. Dessa forma, as informações que serão apresentadas podem ser aprofundadas por pesquisadores interessados, em trabalhos posteriores.

#### 8.1 Características sociodemográficas

A Tabela 1 apresenta as características sociodemográficas do grupo constitutivo da pesquisa. De modo geral, o grupo foi constituído por jovens entre 14 e 24 anos, com uma média de idade de 16 anos, havendo uma expressiva participação de adolescentes de 15 (34%) e 17 anos (33%). A faixa etária dos participantes corresponde ao esperado para a etapa do Ensino Médio que, segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Brasil, 1996), corresponde às idades de 15 a 17 anos. A maioria (58%) declarou ser do gênero feminino, enquanto 41% declararam ser do gênero masculino, o que se aproxima do resultado nacional apresentado no panorama do Censo 2022 (IBGE, 2024), que identificou que a população brasileira é constituída, em sua maioria, por mulheres (51,5%). Na população escolar, especialmente no Ensino Médio do Estado de Mato Grosso do Sul, as meninas também são maioria, conforme o resultado do último Censo Escolar (INEP, 2024), realizado em 2023.

No entanto, ao olhar especificamente para a pirâmide etária de majoritária participação nesta pesquisa (15 a 19 anos), os dados do Censo 2022 (IBGE, 2024) indicam que, a nível Brasil, os meninos representam a maior parte (3,6%) que as meninas (3,48%). Ao observar o contexto do Estado do Mato Grosso do Sul, o resultado é quase inalterado: os meninos de 15 a 19 anos representam 3,66% do total da população sul-mato-grossense, enquanto as meninas representam 3,53% (IBGE, 2024). Na tentativa de entender essas informações, observou-se os dados do Censo

Escolar, que indicaram que a evasão escolar<sup>1</sup> tem uma série história, de 2014 a 2020, de maior incidência entre os meninos do que em meninas (INEP, 2024).

Em relação à cor/etnia, a maioria são brancos (44,5%) e negros (44,5%), ambos com igual quantitativo de participantes, o que difere das informações do Censo 2022 (IBGE, 2024), que demonstrou uma parcela maior de pessoas pardas (45,3%) que brancas (43,5%) na população brasileira. No Estado de Mato Grosso do Sul, a diferença populacional é um pouco mais significativa, sendo 46,9% de pessoas pardas e 42,4% de pessoas brancas. Contudo, o Censo Escolar (INEP, 2024) demonstrou um quantitativo maior de matrículas de pessoas brancas, em comparação a negros (pretos/pardos) (INEP, 2024). Ressalta-se também que os dados de evasão escolar do Censo Escolar (INEP, 2024), quando realizado o recorte por cor, tem-se mais evasão de pretos e pardos, do que estudantes brancos (INEP, 2024). Dessa forma, essas informações de gênero e cor nos indicam que, mesmo havendo na população em geral mais meninos que meninas na faixa etária de 15 a 19 anos e mais pessoas pardas, do que brancas, são os meninos negros os que mais se encontram fora da escola na etapa do Ensino Médio.

Tabela 1 - Características sociodemográficas

<b>Variável</b>	<b>N (%)</b>
<b>Gênero</b>	
Feminino	48 (58%)
Masculino	34 (41%)
Outros	1 (1%)
<b>Idade</b>	
14	5 (6%)
15	28 (34%)
16	21 (25%)
17	27 (33%)
18	1 (1%)
24	1 (1%)
<b>Cor/etnia</b>	
Amarelo	6 (7%)
Branco	37 (44,5%)
Indígena	3 (4%)
Negro	37 (44,5%)

1 De acordo com o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP (2024), a evasão escolar é indicada quando um estudante deixa de realizar a matrícula em qualquer escola no ano subsequente.

**Arranjo domiciliar**

Estendido	16 (19%)
Monoparental feminino	27 (33%)
Monoparental masculino	5 (6%)
Nuclear	33 (40%)
Unipessoal masculino	1 (1%)
Guarda compartilhada	1 (%)

**Atualmente, você...**

Apenas estuda	71 (86%)
Estuda e trabalha	12 (14%)

**Renda familiar informada**

Acima de 10 salários-mínimos	4 (5%)
Até um salário-mínimo	19 (23%)
De 1 a 3 salários-mínimos	21 (25%)
De 3 a 10 salários-mínimos	12 (14%)
Não sei informar	27 (33%)

**Segue alguma religião?**

Sim	54 (65%)
Não	29 (35%)

**É praticante da religião?**

Não	23 (28%)
Não sigo nenhuma religião	22 (26%)
Sim	38 (46%)

**Religião**

Religiões afro-brasileiras	3 (5,5%)
Religiões cristãs	47 (85,5%)
Religião oriental	1 (2%)
Não informou	4 (7%)

---

Fonte: elaborado pela autora.

Outro aspecto identificado é em relação à unidade doméstica<sup>2</sup> dos participantes. No formulário, foi solicitado aos jovens que indicassem com quem moravam e, posteriormente, essas respostas foram agrupadas em categorias de arranjos domiciliares que compõem as unidades domésticas. Com isso, chegou-se às seguintes categorias: unipessoal masculino, nuclear, monoparental feminino e

---

<sup>2</sup> A unidade doméstica corresponde ao conjunto de pessoas que convivem em um domicílio particular (IBGE, 2024).

masculino e estendido. Para definir as categorias, utilizou-se como parâmetro as informações da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) (IBGE, 2024).

Na categoria de arranjo familiar *Unipessoal Masculino* foi incluído o único participante que indicou residir sozinho. Na categoria *Nuclear*, incluiu-se aqueles que informaram residir com figuras paternas e maternas, independentemente de haver irmãos, tais quais: composto por ambos os pais; pai e madrasta; mãe e padrasto; e avós. A categoria *Monoparental feminino* foi composta por aqueles que indicaram residir com apenas uma figura feminina de referência, independentemente de haver irmãos, inclusive os que indicaram conviver somente com a avó. A mesma ideia contemplou a categoria *Monoparental masculino*. Na categoria de arranjo domiciliar *Estendido* foram inseridas as respostas que indicavam residir com ambos os pais ou somente um deles, além de outros parentes, inclusive sobrinhos. A categoria *Guarda compartilhada* foi composta pelo único participante que não indicou residentes, apenas a informação que deu nome à categoria.

A partir disso, foi possível identificar que, grande parte dos participantes (40%), convive em um arranjo domiciliar nuclear, seguido de outra grande parte (33%) que indicou um arranjo monoparental feminino, chefiado por uma figura feminina, com ou sem irmãos. Outros 19% informaram ainda um arranjo domiciliar estendido, composto por parentes. De certa maneira, observa-se uma aproximação com as informações da Pesquisa Nacional de Amostragem de Domicílios - Contínua (PNAD) realizada em 2022 (IBGE, 2024), em que se constatou que 66,3% dos arranjos domiciliares brasileiros eram de famílias nucleares. Ressalta-se, no entanto, que a PNAD considera nuclear o arranjo domiciliar composto por um ou ambos os pais, com ou sem filhos. Porém, para a presente pesquisa, considerou-se importante dividir o arranjo nas três categorias (nuclear, monoparental feminina e monoparental masculina), pois os resultados são expressivos em relação ao quantitativo de famílias chefiadas unicamente por mulheres (33%), principalmente ao comparar com as famílias chefiadas unicamente por homens (6%).

A constituição de famílias monoparentais é diversa, podendo se dar em decorrência de divórcios/separações, falecimento de um dos genitores, o abandono da parentalidade pelo outro genitor ou mesmo a decisão de criar sozinho um filho, ainda que essa última seja uma ínfima parcela, dentre outros (Benatti *et al.*, 2021). No entanto, é inegável a influência da cultura patriarcal e dos papéis sociais de gênero em relegar às mulheres, por vezes sem rede de apoio disponível, a atribuição de criar

os filhos, sozinhas (Benatti *et al.*, 2021; Zanello, 2018), o que é demonstrado nos resultados apresentados.

Quanto ao trabalho, buscou-se conhecer quais jovens que, além de estudar, também exerciam funções de trabalho. Com isso, foi possível identificar que 86% dos respondentes apenas estudam, enquanto 14% estudam e trabalham. Ao realizar um recorte por gênero dos jovens que estudam e trabalham, constatou-se que 66% são meninas, enquanto 25% são meninos. Quantitativo idêntico emerge ao analisar por cor, sendo 66% brancos e 25% negros. As informações sobre estudar e trabalhar reflete também as informações a nível nacional, que apontam que, em 2022, 15,6% dos jovens entre 15 a 17 anos estavam inseridos no mercado de trabalho (Leandro, Sobrinho, Abramo, 2023). Dados aproximados emergiram também na Pesquisa *Juventudes no Brasil*, realizada em 2021, em que 13% dos jovens de 15 a 17 anos conciliavam estudo e trabalho (Pinheiro e Silva *et al.*, 2021).

Contudo, é importante ressaltar que o presente estudo foi desenvolvido em três escolas da rede pública de ensino, todas possuindo a etapa do Ensino Médio unicamente na modalidade de Tempo Integral. Assim, os jovens que integraram o grupo pesquisado permanecem cerca de 9 horas diárias na unidade escolar, o que pode dificultar que esses jovens conciliem os estudos com atividades laborais. Apesar desta pesquisa não se interessar pelo vínculo empregatício dos participantes, uma investigação experimental do PNAD sobre o trabalho de crianças e adolescentes entre 5 e 17 anos de idade (IBGE, 2023) identificou que, dos jovens de 16 e 17 anos que realizam atividades econômicas, 76,6% estavam em ocupações informais em 2022 (IBGE, 2023).

Quanto à renda familiar mensal, um terço (33%) dos participantes não soube informá-la. Outros 25% indicaram que a renda familiar está entre 1 a 3 salários-mínimos e 23% informaram a renda familiar de até um salário-mínimo. Daqueles jovens que informaram proventos de até um salário-mínimo e entre 1 a 3 salários-mínimos, a maior parte indicou o arranjo domiciliar nuclear. Ao cruzar as informações de renda familiar mensal, com aqueles participantes que indicaram estudar e trabalhar, observou-se que 42% desses jovens vivem com até um salário-mínimo, enquanto outros 33% informaram renda familiar mensal de um a três. Outros 25% não souberam informar os proventos mensais e não houve participantes que indicaram trabalhar e ter renda maior que 3 salários-mínimos. Essas informações podem indicar identificar a realidade daqueles que necessitam se inserir no mercado de trabalho

concomitantemente aos estudos, como forma de auxiliar e/ou complementar a renda familiar (Barbosa, 2021). Retomando também que os meninos negros são os que mais evadem a escola, principalmente para trabalhar (Ratusniak, Silva, 2022), pode indicar o porquê de meninas brancas serem as que mais exercem atividades laborais conjuntamente à escola.

Considerando também o papel da religião na produção de sentidos e subjetividades, especialmente em relação ao corpo (Luckow, 2022), o questionário constou com algumas questões relacionadas as experiências religiosas do grupo de participantes. A primeira questão buscou saber se os participantes professam alguma religião, sendo identificado que 65% disseram que sim, enquanto outros 35% informaram não seguir nenhuma religião. Daqueles que indicaram seguir alguma religião, 31% declararam não serem praticantes.

O formulário continha uma pergunta aberta sobre qual religião os participantes seguiam, sendo as respostas agrupadas de acordo com a matriz religiosa informada. Com isso, obteve-se as seguintes categorias: religiões cristãs, compostas por respostas que indicam matriz no cristianismo, como “cristão”, “espírita”, “evangélico” e “católica”; religiões afro-brasileiras, que foi composta pelas respostas que indicaram a umbanda como religião; e oriental, que indicou a religião mahikari. Outros não informaram (categoria não informou) e uma jovem informou seguir duas religiões, ainda que de matrizes distintas: afro-brasileira e cristã, as quais foram inseridas respectivamente nas categorias correspondentes. Dessa forma, constatou-se que é significativo o quantitativo de participantes de religiões cristãs (85,5%).

A expressão religiosa dos participantes também se apresenta correspondentes às informações em nível nacional, em que a maior parte (63,41%) dos jovens de 15 a 29 anos declaram-se católicos, outros 21,75% evangélicos e 1,63% espíritas, apenas 0,30% declararam-se umbandistas e candomblecistas e outros 10,13% são sem religião (Pinheiro e Silva *et al.*, 2021). Destaca-se que um dos jovens que afirmou seguir e praticar a religião cristã, diz que é “*obrigado a seguir a religião católica*”, demonstrando uma possível passividade nas escolhas religiosas. Observou-se também que o fato de ser praticante religioso, não necessariamente é correspondente a seguir uma religião, a exemplo do participante 1 que informou não seguir nenhuma religião, mas ser praticante: “*Minha família é cristã, então eu vou na igreja. Mas não necessariamente procuro seguir essa religião daqui pra frente*”.

A resposta desses dois participantes demonstra uma discordância em seguir os preceitos familiares, no que se refere a religião. Esse aspecto é observado por Pinheiro e Silva *et al* (2021) que, ao comparar as informações do Censo 2010, Agenda Juventude Brasil 2013 e Datafolha 2019, constatam uma diminuição da transmissão intergeracional do catolicismo. Ou seja, as experiências religiosas dos jovens adolescentes podem ser influenciadas pelo papel socializador da família sem, no entanto, haver um engajamento ou interesse dos jovens na continuidade da “tradição”.

Portanto, pode-se observar que o grupo dos participantes da pesquisa demonstrou-se ser heterogêneo, o que corresponde a uma juventude diversa. Refere-se a um grupo que as suas caracterizações não se diferem substancialmente dos resultados encontrados em dados oficiais e pesquisas correlatas, mesmo com diferenças em maior ou menor grau. Em seguida, serão apresentados os resultados e as discussões acerca da autopercepção da saúde mental, do corpo e das experiências de autolesão dos participantes.

## 8.2 Autopercepção da saúde mental

Como já discutido nos capítulos anteriores, o fenômeno da autolesão se inscreve no corpo, demonstrando uma angústia e sofrimento que perpassa a vida dos jovens que o praticam (Le Breton, 2010). Com isso, buscou-se conhecer também como o grupo de participantes percebem a própria saúde mental, sendo os resultados apresentados na Tabela 2.

Mediante as discussões de Gama, Campos e Ferrer (2014), para a análise dos resultados, essa pesquisa utilizou-se da compreensão de saúde mental pautada na complexa constituição histórica e social da subjetividade, que se reflete na personalidade e na identidade dos sujeitos e produzem diversas formas de pensar, sentir e agir perante à vida. Com isso, considera-se o sofrimento como inerente ao ser humano, mas a sua constituição é histórica, cultural e social, a partir das vivências sociais, individuais, econômica, familiares, dentre outras, que pode resultar, ou não, em adoecimento psíquico.

Compete esclarecer que não existe um consenso e há certa polissemia sobre o conceito de saúde mental, prevalecendo ora uma concepção no âmbito da dimensão da psiquiatria e os transtornos mentais, que reduz as experiências subjetivas, sociais e culturais a uma noção nosológica, ora uma concepção decorrente da Reforma

Psiquiátrica, que compreende a saúde em seu sentido ampliado, dentre outras (Alcântara, Vieira, Alves, 2022; Gama, Campos, Ferrer, 2014). Os respondentes desta pesquisa não foram questionados sobre as suas próprias concepções do conceito e, dessa forma, registra-se a limitação das discussões em decorrência disto. Assim, o limiar entre considerar a sua própria saúde mental *ótima, boa, razoável, não boa e péssima* perpassa pela experiência subjetiva acerca deste conceito, não tendo sido estabelecido critérios para a autoanálise.

Tabela 2 - Autopercepção de Saúde mental

Variável	N (%)
<b>Autopercepção de saúde mental</b>	
Considero que está ótima	10 (12%)
Considero que está boa	13 (15,5%)
Considero que não está boa	19 (23%)
Considero que está péssima	14 (17%)
Considero razoável	27 (32,5%)

Fonte: elaborado pela autora.

Observou-se que a maior parte (32,5%) considera a sua saúde mental como razoável, seguido de 23% que declararam que a sua saúde mental não está boa. Agrupando as respostas por aspectos positivos, negativos e o razoável, tem-se o seguinte panorama: aqueles que consideram que sua saúde mental está entre ótima e boa (positiva) representam 28% dos respondentes; os que afirmam que a sua saúde mental está entre não boa e péssima (negativa) representam 40%; e aqueles que a consideram razoável representam 32%.

A autopercepção de saúde mental também foi um dos fatores investigados por Gasparini (2022), na pesquisa com jovens adolescentes, estudantes de escolas públicas e privadas de uma cidade do interior paulista, em que eles relataram perceber, de forma geral, que a saúde mental dos jovens não está boa. A primeira e a segunda edição da Pesquisa *Juventudes e a Pandemia do Coronavírus* (Sobrinho, Abramo, Villi, 2022), realizada em 2020 e 2021 e coordenada pelo Conselho Nacional de Juventude (Conjuve), assim como a terceira edição, *Juventudes e a Pandemia: e agora?*, coordenada pela Atlas da Juventude (2022), reiteram que há uma fragilidade no bem-estar subjetivo dos jovens, ao constatarem que grande parte deles relatam ansiedade, cansaço e preocupações constantes e falta de motivação para realizar atividades cotidianas, por exemplo.

A Pesquisa Nacional da Saúde do Escolar (PeNSE, 2021), realizada em 2019, constatou que 17,7% dos estudantes autoavaliaram negativamente a sua saúde mental, relatando ter sentido, na maioria das vezes ou sempre nos 30 dias anteriores da pesquisa, tristeza, preocupação com coisas comuns do dia, irritação, nervosismo ou mau humor e que a vida não vale a pena ser vivida. Ao analisar as Unidades da Federação, Mato Grosso do Sul teve uma média da autopercepção negativa da saúde mental maior que a nível nacional, com 21,1%. Quanto às capitais do Brasil, Campo Grande/MS teve o maior percentual, com 23,6% (PeNSE, 2021).

Os jovens participantes da pesquisa de Gasparini (2022) relataram os elementos que acreditam, na sua percepção, que prejudica a saúde mental, de forma geral. Eles citam as características pessoais (pe. dificuldade de se relacionar e de lidar com frustrações), a consideração pela opinião de outras pessoas e o processo comparativo. Citam também os conflitos com pais/responsáveis como um dos fatores que impactam negativamente a saúde mental, a cobrança da escola em relação ao desempenho e falta de apoio desta instituição, questões relacionadas à adolescência e o distanciamento social provocado pela pandemia do Covid-19. Considerando também os atravessamentos de gênero que incidem sobre a saúde mental e relações com o corpo de meninas e meninos (Zanello, 2018), as informações foram subdivididas também por gênero, conforme a Tabela 3.

Tabela 3 - Autopercepção de Saúde mental por gênero

<b>Variável</b>	<b>N (%)</b>		
	<b>Feminino</b>	<b>Masculino</b>	<b>Outros</b>
<b>Estado de saúde mental</b>			
Considero que está ótima	1 (10%)	9 (90%)	0 (0%)
Considero que está boa	9 (69%)	4 (31%)	0 (0%)
Considero que não está boa	14 (74%)	5 (26%)	0 (0%)
Considero que está péssima	7 (50%)	7 (50%)	0 (0%)
Considero razoável	17 (63%)	9 (33%)	1 (4%)

Fonte: elaborado pela autora.

Ao olhar para as diferenças de gênero dos participantes que informaram possuir ótima saúde mental, quase a totalidade (90%) são meninos. Em contrapartida, daqueles que informaram que a sua saúde mental não está boa, uma expressiva parcela (74%) são meninas. Agrupando as respostas entre aspectos positivos (ótima e boa) e negativos (não boa e péssima) da autopercepção da saúde mental, observa-se que mais da metade (56,5%) dos meninos avaliam positivamente a sua saúde mental e 64% das meninas avaliam negativamente a sua saúde mental.

A pesquisa *Juventudes e a Pandemia do Coronavírus* também observou que as meninas relataram mais frequentemente tristeza, ansiedade, impotência, sobrecarga, exaustão, impaciência, tédio e pessimismo (Sobrinho, Abramo, Villi, 2022). Na PeNSE (PeNSE, 2021), a autopercepção negativa de saúde mental foi três vezes maior em meninas do que em meninos. Além das questões supramencionadas, que impactam a saúde mental dos jovens de forma geral, compreende-se que o sofrimento psíquico feminino se constitui também a partir da própria subjetivação da mulher, que se dá baseada na consolidação histórica e social dos papéis de gênero (Zanello, 2018), com contribuição do discurso religioso (Luckow, 2022; Rigoni, 2016). Para Zanello (2018) os discursos de gênero vão definir que “ser mulher” está associado ao amor e à maternidade, tendo o ideal de beleza como elemento central. Isso porque alcançar esse ideal promove reconhecimento social e aprovação, que as direcionarão ao amor e, conseqüentemente, à maternidade (Zanello, 2018), ao mesmo tempo que promove insegurança e sofrimento, pela dificuldade em alcançá-lo (Gasparini, 2022; Zanello, 2018).

Outros aspectos importantes a serem analisados são referentes à cor e etnia, uma vez que foi possível observar que 83% dos jovens que se autodeclararam amarelos e a totalidade (100%) dos jovens que se autodeclararam indígenas percebem a sua saúde mental negativamente (péssima e não boa), conforme pode ser observado na Tabela 4.

Tabela 4 - Autopercepção da Saúde Mental por cor/etnia

Variável	N (%)			
	Branco	Negro	Amarelo	Indígena
Considero que está ótima	8 (80%)	2 (20%)	-	-
Considero que está boa	7 (54%)	5 (38,5%)	1 (7,5%)	-
Considero que não está boa	10 (52,5%)	5 (26,5%)	2 (10,5%)	2 (10,5%)
Considero que está péssima	5 (36%)	5 (36%)	3 (21%)	1 (7%)
Considero razoável	7 (26%)	20 (74%)	-	-

Fonte: elaborado pela autora.

Em relação à autopercepção negativa da saúde mental dos participantes indígenas e considerando que as vivenciais sociais, culturais e individuais também produzem a saúde mental, considera-se importante citar o contexto de conflito por terras no Estado de Mato Grosso do Sul, de extrema violência sofrida pelos indígenas Guarani Kaiowá, na tentativa de retomada dos seus territórios na região na Terra Indígena Panambi -Lagoa Rica. Circulado na mídia nacional, a violência armada em

decorrência da disputa territorial revela o medo, a preocupação e o sofrimento que permeia esses povos (Depizzol, Moncau, 2024), o que também pode impactar a autopercepção da sua saúde mental, em decorrência do cenário que, apesar de não ser no território campo-grandense, em que os jovens participantes desta pesquisa estão, denotam o contexto de vulnerabilidade dos povos indígenas. A tristeza foi o sentimento mais frequente entre os jovens indígenas da pesquisa *Juventudes e a Pandemia do Coronavírus*, assim como eram os indígenas os que mais relatavam solidão e menos otimismo, acolhimento e segurança (Sobrinho, Abramo, Villi, 2022).

Observou-se também que uma parcela significativa (80%) dos jovens que consideram a sua saúde mental ótima é constituída de brancos e todos (100%) meninos. Os jovens brancos também representaram mais da metade (54%) daqueles que consideraram a sua saúde mental boa. Da mesma forma, ao olhar os aspectos negativos da saúde mental, mais da metade (52,5%) dos jovens que consideram que a sua saúde mental não está boa e outros 36% dos que consideram a sua saúde mental péssima também são brancos. Constata-se, pois, que há um contraponto entre a percepção da saúde mental dos jovens brancos, variando entre positiva e negativamente, enquanto os jovens negros majoritariamente consideram a sua saúde mental como razoável (74%). Isso reforça que a falta de critérios de autoanálise permite que unicamente as experiências subjetivas balizem as avaliações. O estado emocional regular foi relatado por 37% dos jovens pretos e pardos, entre 15 e 17 anos, na pesquisa *Juventudes e a Pandemia do Coronavírus*. Quando analisado por regiões do país, há um aumento para a região do Centro Oeste, com 38%. Em seguida, se apresenta os resultados e discussão sobre o corpo.

### 8.3 Concepção sobre satisfação corporal e práticas corporais

Além da saúde mental, buscou-se também conhecer a autopercepção dos jovens sobre a sua satisfação corporal, a partir de duas questões, uma a qual diretamente questiona sobre a satisfação corporal e outra que indica aspectos que mudariam no próprio corpo, se pudessem. A Tabela 5 apresenta os resultados das duas perguntas correspondentes.

Tabela 5 - Satisfação corporal

Variável	N (%)			
	Feminino	Masculino	Outros	Total
Satisfação corporal				
Sim	19 (47,5%)	21 (52,5%)	0 (0%)	40 (48%)
Não	29 (67,5%)	13 (30,2%)	1 (2,3%)	43 (52%)

**Aspecto que mudaria**

Altura	4 (67%)	2 (33%)	0 (0%)	6 (6,2%)
Aparência	11 (50%)	10 (45,5%)	1 (4,5%)	22 (22,6%)
Cicatriz	2 (100%)	0 (0%)	0 (0%)	2 (2,1%)
Estrutura	1 (100%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (1%)
Nada	8 (53%)	7 (47%)	0 (0%)	15 (15,5%)
Peso e/ou medida	22 (58%)	16 (42%)	0 (0%)	38 (39,2%)
Tudo	8 (73%)	3 (27%)	0 (0%)	11 (11,3%)
Saúde	2 (100%)	0 (0%)	0 (0%)	2 (2,1%)

Fonte: elaborado pela autora

Dessa maneira, constatou-se que 47,5% do grupo de participantes declararam estar satisfeitos com o próprio corpo, enquanto mais da metade (52,5%), não se consideram satisfeitos. Quando é feito recorte por gênero, obtêm-se que uma parcela significativa das meninas (67,5%) está insatisfeita com o corpo, enquanto mais da metade dos meninos (52,5%) relatam satisfação corporal. A imagem corporal foi um dos aspectos de interesse na PeNSE, no ano de 2019, e também demonstrou que os meninos se sentem muito mais satisfeitos com os seus corpos do que as meninas (PeNSE, 2021), assim como observado nessa investigação. Esse aspecto pode estar correlacionado à citada suscetibilidade delas às normativas sociais, em razão, principalmente, do seu processo de subjetivação (Zanello, 2018), favorecendo as críticas ao corpo e a busca por adequar-se às expectativas sobre o que é ser belo (Santos, 2017).

Ao que se refere às respostas sobre o que mudariam no próprio corpo, estas foram categorizadas a partir do agrupamento de respostas semelhantes, apresentadas a seguir. Ressalta-se que uma única resposta pode se inserir em mais de uma categoria, a depender das informações prestadas. As categorias foram criadas a partir dos seguintes critérios: aqueles que explicitamente indicaram a altura, foram incluídos na categoria *Altura*; a categoria *Aparência* agrupou as respostas que indicaram aspectos relacionados à face, como nariz, rosto, dentes, cabelo; aqueles que indicaram explicitamente o desejo de mudar cicatrizes, a exemplo de “*estrias*”, “*manchas*”, “*machucados não cicatrizados*”, foram agrupados na categoria *Cicatriz*. Apesar do desejo de mudar cicatrizes estar relacionado à aparência, foi criado uma categoria por indicarem especificamente esse aspecto.

Um único respondente indicou que mudaria a estrutura e, por não discorrer mais sobre esse aspecto, se estaria relacionado as outras categorias, foi criado a

categoria *Estrutura*; a categoria *Nada* contemplou aqueles que indicaram que não mudariam nada no seu corpo. Importante destacar que todos os participantes dessa categoria indicaram estar satisfeitos com o corpo, assim como nenhum deles indicou que a sua saúde mental está péssima. As respostas relacionadas a ganho ou perda de peso, como “*ser mais magra*” e “*eu queria engordar mais*”, assim como aqueles que indicaram que gostariam de mudar a barriga, coxas/pernas, seios, cintura, que mudariam o físico, que fariam musculação, foram incluídos na categoria *Peso e/ou medida*. Das respostas inseridas nessa categoria, 61% delas também relataram insatisfação com o próprio corpo.

As categorias foram criadas a partir dos seguintes critérios: aqueles que explicitamente indicaram a altura, foram incluídos na categoria *Altura*; a categoria *Aparência* agrupou as respostas que indicaram aspectos relacionados à face, como nariz, rosto, dentes, cabelo; aqueles que indicaram explicitamente o desejo de mudar cicatrizes, a exemplo de “*estrias*”, “*manchas*”, “*machucados não cicatrizados*”, foram agrupados na categoria *Cicatriz*. Apesar do desejo de mudar cicatrizes estar relacionado à aparência, foi criada uma categoria por indicarem especificamente esse aspecto. Um único respondente indicou que mudaria a estrutura e, por não discorrer mais sobre esse aspecto, se estaria relacionado as outras categorias, foi criada a categoria *Estrutura*; a categoria *Nada* contemplou aqueles que indicaram que não mudariam nada em seu corpo. Importante destacar que todos os participantes dessa categoria indicaram estar satisfeitos com o corpo, assim como nenhum deles indicou que a sua saúde mental está péssima.

Na categoria *Tudo*, foram contempladas as respostas que explicitamente indicaram que mudariam tudo, com destaque para as seguintes: “*eu me mudaria dos pés a cabeça*” e “*tudo desde pés até a cor da minha pele odeio tudo do meu corpo*”. Esses participantes consideraram, respectivamente, que a sua saúde mental não está boa e está péssima. Um destaque importante é que nenhum dos participantes da categoria *Tudo* consideraram sua saúde mental boa ou ótima.

A categoria *Saúde* englobou as duas respondentes que indicaram uma mudança relacionada à saúde. Ambas do gênero feminino, uma respondeu que deseja ser “*mais magra e saudável*” e a outra afirmou que não mudaria “*nada, mas faria academia para ter uma saúde melhor*”. Ambas repostas foram inseridas também nas categorias *Peso e/ou medida* e *Nada*, respectivamente. Observou-se que 37,5% dos jovens que se consideraram satisfeitos com o próprio corpo indicaram que não

mudariam nada (categoria *Nada*). No entanto, a maior parte indicou aspectos que mudariam, apesar da satisfação corporal: 35% manifestaram que mudariam algo relacionado a peso e/ou medida; 20% informaram aspectos da aparência; uma resposta demonstrou contradição, uma vez que o participante informou que mudaria *tudo*, mesmo indicando satisfação corporal.

A categoria *Saúde* englobou as duas respondentes que indicaram uma mudança relacionada à saúde. Ambas do gênero feminino, uma respondeu que deseja ser “*mais magra e saudável*” e a outra afirmou que não mudaria “*nada, mas faria academia para ter uma saúde melhor*”. Ambas repostas foram inseridas também nas categorias *Peso e/ou medida* e *Nada*, respectivamente. Observou-se também que a maior parte dos jovens que relatam satisfação corporal, também indicam aspectos que mudariam em seu corpo, revelando certa contradição: 35% manifestaram que mudariam algo relacionado a peso e/ou medida; 20% informaram aspectos da aparência; uma resposta demonstrou contradição, uma vez que o participante informou que mudaria *tudo*, mesmo indicando satisfação corporal.

Ao realizar um recorte de gênero, percebe-se que, daqueles que indicaram o desejo de mudar tudo no corpo (categoria *Tudo*), 73% são meninas. Da mesma forma, as únicas que demonstraram preocupação em relação a saúde, estrutura corporal e cicatrizes foram do gênero feminino. Ao todo, as meninas são as que mais demonstraram desejo de mudar algum aspecto do corpo, dado que corresponde à insatisfação corporal constatada predominantemente em meninas, conforme anteriormente apresentado. Outras pesquisas também se dedicaram a compreender a correlação da satisfação corporal e hábitos de mudança corporal (Nogueira e Albuquerque, 2021; Seitenfus et al., 2023).

A pesquisa de Nogueira e Albuquerque (2021), com 128 adolescentes matriculados no Ensino Médio de escolas públicas e privadas, buscou compreender as repercussões dos padrões de beleza na saúde mental dos jovens. Um dos aspectos identificado pelas autoras é que a maior parte dos jovens (76%) não consideraram a aparência física como um aspecto que interfere nas relações sociais. Apesar disso, os adolescentes também relataram experiências de exclusão, julgamento e *bullying* relacionados à sua aparência (Nogueira, Albuquerque, 2021), demonstrando o impacto que a aparência pode ter nas relações entre pares. Outro aspecto identificado na pesquisa dos autores é que as meninas são as que mais apresentaram sentimentos e sensações consideradas negativas, relacionadas à

aparência física, como, por exemplo, tristeza/mágoa e alterações de humor (Nogueira, Albuquerque, 2021).

A intenção em mudar o próprio peso também foi observada como o elemento de maior desejo de mudança entre os jovens (Nogueira, Albuquerque, 2021), assim como constatado na nossa pesquisa. Na pesquisa de Seitenfus *et al* (2023) com 207 jovens adultos, matriculados em Instituições Federais de Ensino Superior de Santa Catarina, identificou uma correlação de IMC alto com a insatisfação corporal entre os participantes. A satisfação corporal também esteve relacionada aos hábitos e práticas que os jovens adotam, principalmente naqueles que possuem mais acesso às redes sociais (Seitenfus *et al.*, 2023). Dessa forma, o formulário apresentou uma série de opções em que os participantes poderiam assinalar entre “de vez em quando”, “nunca” ou “sempre”, em relação à algumas práticas corporais. Foram inseridas também algumas opções que podem fazer parte do cotidiano dos jovens, tais como o uso das redes sociais, o hábito de leituras e a participação em atividades religiosas. Os dados são apresentados na Tabela 6, a seguir.

Tabela 6 - Práticas corporais e cotidianas

Variáveis	N (%)		
	De vez em quando	Nunca	Sempre
Pratica esportes (por exemplo, basquete, voleibol, entre outros)	44 (53%)	17 (20,5%)	22 (26,5%)
Pratica atividades físicas de baixa intensidade (caminhadas, corridas, entre outros)	54 (65%)	12 (14,5%)	17 (20,5%)
Pratica atividades físicas de alta intensidade (calistenia, musculação, crossfit, entre outros)	25 (30%)	41 (49,5%)	17 (20,5%)
Realiza procedimentos estéticos	8 (9,5%)	68 (82%)	7 (8,5%)
Práticas meditativas e de relaxamento (por exemplo, yoga, meditação, entre outros)	11 (13%)	62 (75%)	10 (12%)
Pratica lutas e artes marciais	14 (17%)	64 (77%)	5 (6%)
Participa de atividades religiosas	31 (37%)	32 (39%)	20 (24%)
Consome alimentação saudável	47 (57%)	4 (5%)	32 (38%)
Uso das redes sociais	12 (14,5%)	4 (5%)	67 (80,5%)
Lê livros ou outros textos por prazer	37 (44,5%)	16 (19,3%)	30 (36,2%)
Faz passeios/rolê	38 (46%)	8 (9,5%)	37 (44,5%)

Fonte: elaborado pela autora.

Nesta pergunta, dentre as opções contidas no formulário, alguns resultados podem ser destacados. O primeiro aspecto é referente às atividades religiosas, cujas

informações se relacionam com os dados apresentados anteriormente, demonstrando que a maior parte dos jovens participa de atividades religiosas, alguns (37%) de vez em quando e outros (24%) sempre. Destaque também merece ser dado no uso das redes sociais, em que uma parcela significativa (80,5%) de jovens relatou usar sempre, enquanto outros 14,5% relataram o uso de vez em quando.

Na realização de procedimentos estéticos, um número expressivo de jovens (82%) afirma nunca ter realizado. Apesar disso, destaca-se que outros 18% têm o hábito de realizar procedimentos estéticos, sendo 8,5% com frequência (*sempre*). Ao correlacionar a realização de procedimentos estéticos com outras das atividades citadas, percebe-se que estes são jovens que consomem alimentação saudável (53% *sempre* e 47% *de vez em quando*), estão conectados a maior parte do tempo nas redes sociais (73% *sempre* e 27% *de vez em quando*) e participam de atividades sociais (66,5% fazem passeios/rolê *sempre* e 27% *de vez em quando*). Da mesma forma, são jovens que, em sua maioria (60%), indicaram estar satisfeitos com o próprio corpo.

Segundo Seitenfus *et al.* (2023), as representações sociais do corpo giram em torno de dois aspectos centrais, sendo a beleza e a saúde. A beleza estaria relacionada ao âmbito relacional, mediado pelo olhar do outro sobre si, em que as práticas corporais estariam mais relacionadas à busca pela magreza e aos cuidados estéticos, uma vez que são os meios para alcançar o ideal do que é ser belo (Seitenfus *et al.*, 2023). As representações sociais de corpo relacionadas à saúde, estão vinculadas as práticas de bem-estar e cuidado com o corpo, a partir da compreensão da responsabilidade individual do sujeito para a manutenção da sua saúde (Seitenfus *et al.*, 2023).

Para Santos *et al.* (2019), o discurso de “corpo saudável” vai se constituindo com forte influência das mídias e do marketing, reverberando na subjetividade e identidade dos jovens, assim como nas suas práticas corporais. Em 2023, o acesso à conteúdos de alimentação saudável (58%) e exercícios físicos (45%) foram os dois conteúdos mais acessados na internet pelos adolescentes de 11 a 17 anos (CGI,br, 2024), sendo as meninas as mais influenciadas por esses conteúdos, a exemplo da pesquisa de Seitenfus *et al.*, (2023), que identificou uma maior submissão feminina a intenção de realizar cirurgias plásticas e a adesão a dietas.

Em relação às práticas corporais, a interface entre a beleza e a saúde também emerge na pesquisa de Nogueira e Albuquerque (2021) em que os exercícios físicos,

os procedimentos dentários, a academia, adesão a dietas e as cirurgias plásticas foram as mais relatadas como medidas para a adequação do corpo ao conceito de beleza, assim como para a manutenção da saúde. Dessa forma, as práticas corporais terão a beleza e a saúde como eixo, influenciada também pelo olhar do outro, em que a rede social terá impacto sobre elas. Na pesquisa de Seitenfus *et al.* (2023), o uso das redes sociais revelou ter relação com as práticas de cuidado com o corpo, influenciado principalmente pelo olhar do outro sobre si, assim como a exposição constante na rede social *Instagram* esteve relacionada, na pesquisa de Caetano *et al.* (2023), a sentimentos recorrentes de comparação com aquilo que é acessado virtualmente. A comparação foi, inclusive, um dos elementos que os jovens consideraram impactar negativamente na saúde mental (Gasparini, 2022).

A questão do acesso à internet e as mídias sociais e a sua correlação com o corpo e a saúde mental dos jovens é outro elemento de preocupação em diferentes estudos, principalmente em relação ao seu impacto na subjetividade de crianças e jovens. Assim como os resultados desta investigação demonstraram, a pesquisa TIC Kids Online Brasil, que tem buscado, desde 2012, levantar evidências sobre os dados de usuários de internet entre 9 e 17 anos, constatou que, em 2023, 95% da população brasileira nessa faixa etária são usuários da internet, principalmente via telefone celular, com frequência diária (CGI.br, 2024), resultante também do período pandêmico da Covid-19 (Atlas da Juventude, 2022; Sobrinho, Abramo, Villi, 2022). Ou seja, são jovens hiperconectados, com acesso cada vez mais antecipado em relação a idade, principalmente em razão de crianças e adolescentes que nasceram em uma cultura mediada pela tecnologia (CGI.br, 2024), mas que, esse uso excessivo é relatado pelos jovens como um dos fatores que impacta negativamente a saúde mental, pois favorece a comparação com situações irreais e gera sentimentos de inferioridade (Gasparini, 2022).

Em relação às plataformas virtuais mais acessadas, o *Youtube* e o *TikTok* foram as plataformas mais citadas entre os jovens de 9 a 12 anos, enquanto o *Instagram* esteve como a mais utilizada entre os jovens de 13 a 17 anos (CGI.br, 2024). O *Instagram* foi citado como a rede social mais utilizada pelos jovens adultos matriculados em Instituições Federais de Ensino Superior de Santa Catarina, participantes da pesquisa de Seitenfus *et al.* (2023). Caetano *et al.* (2023) também observou, entre os jovens que participaram da sua pesquisa, que a rede social *Instagram* tem sido a mais utilizada, uma vez que as suas funcionalidades permitem

uma maior interação e acesso à conteúdos no aplicativo. No entanto, os autores apresentam algumas ressalvas em relação ao uso frequente desta rede social, que demonstrou resultar em insatisfação corporal, no aumento dos sintomas ansiosos e depressivos, no prejuízo nos hábitos de sono e vigília e nas relações interpessoais presenciais (Caetano *et al.*, 2023).

O interesse pela rede social Instagram pode estar relacionado às funcionalidades que dispõe, uma vez que possibilita o compartilhamento uma realidade virtual, que, por vezes, não condiz com a sua realidade presencial, mas que contribui para a uma inserção social (Caetano *et al.*, 2023). A internet e as mídias vão assumir também impactar na relação com o corpo e com o ideal de beleza, ao passo que moldam o comportamento dos jovens em prol da “reprodução externa do ideal de corpo exibido midiaticamente” (Gama *et al.*, 2021; Vera, 2019, p. 28), tanto que, a satisfação corporal em adolescentes escolares demonstrou ser maior entre aqueles que não possuem acesso à tecnologia (Pacheco, 2023). A pesquisa de Nogueira e Albuquerque (2021), com jovens matriculados no Ensino Médio, identificou que as redes sociais e a mídia são os principais fatores que influenciam no conceito de beleza, em que as meninas e mulheres são especialmente interpeladas. É importante destacar que o uso das mídias sociais não representa uma relação de causa e efeito com a satisfação corporal e a saúde mental, mas o ambiente virtual é um dos espaços de socialização e, nesse sentido, também perpassam as vivências dos jovens.

A publicidade também se ocupa das representações de juventude e beleza para vender os seus produtos, (re)produzindo noções de beleza em que não há espaço para cicatrizes, sinais de envelhecimento, gordura corporal, entre outras “imperfeições” (Gama *et al.*, 2021), o que é percebido também nos resultados desta pesquisa, em que exclusivamente meninas indicam o desejo de mudar as suas cicatrizes corporais. Ou seja, a saúde mental feminina é retomada, pois “quanto maior a insatisfação das mulheres com seus corpos, maior a possibilidade de lucro do mercado da beleza” (Zanello, 2018, p.86).

Além do papel da internet na construção das noções de beleza e saúde e nas práticas corporais, outro elemento que pode se correlacionar com os resultados da pesquisa no que se refere à insatisfação corporal é a própria constituição do grupo de participantes, o qual seja, majoritariamente jovens cristãos. A presença de uma concepção religiosa sobre o corpo, carregada de aspectos que o associam à dimensão do sagrado, o corpo guardião da alma, mas que deve estar em vigilância

constante, para não colocar em risco a salvação eterna, vai impactar também em práticas corporais de cuidado (Pires, 2019; Sant'anna, 2022). Os discursos religiosos, apesar de perder força com a expansão dos métodos científico-tecnológicos de cuidados com o corpo, ainda vão produzir impactos na relação dos jovens com os seus corpos, principalmente nos corpos femininos, em que, às mulheres, principalmente mulheres cristãs, resta a maternidade, ao mesmo tempo que estas devem evitar, a todo o custo, qualquer expressão da sua sexualidade (Rigoni, 2016; Luckow, 2022).

#### 8.4 Experiências com a autolesão

Foram questionadas também sobre as experiências de autolesão do grupo de participantes, em que os resultados foram sistematizados na Tabela 7. A primeira pergunta buscou saber se os jovens conheciam alguém que já havia se lesionado, sendo que mais da metade declarou que sim (65%). Em seguida, perguntou-se se eles próprios já haviam se autolesionado, obtendo que mais da metade (50,6%) praticaram autolesão, sendo 30,1% em algum momento anterior da vida, hoje não mais (*sim, mas hoje não mais*), e outros 20,5% se autolesionavam até o dia da realização da pesquisa (*sim, até hoje*). Contrário a isso, 49,4% informaram nunca ter praticado (*não, nunca autolesionei*).

Tabela 7 - Experiências de autolesão

<b>Variável</b>	<b>N (%)</b>
<b>Conhece alguém que autolesionou</b>	
Sim	54 (65%)
Não	29 (35%)
<b>Já se autolesionou</b>	
Não, nunca autolesionei	41 (49,4%)
Sim, até hoje	17 (20,5%)
Sim, mas hoje não mais	25 (30,1%)

Fonte: elaborado pela autora.

Na pesquisa de Dettmer (2018), a autora identificou que grande parte dos adolescentes conheciam amigos que se autolesionavam, assim como os nossos dados indicaram e uma outra parte (19,37%) relatou que se autolesiona. Não houve questão, na pesquisa da autora, sobre histórico de lesões (Dettmer, 2018). Um estudo transversal, utilizando os dados de 2.548 respostas da Pesquisa de Comportamentos de Risco Juvenis de Delaware, realizadas com jovens estudantes do Estado norte

americano em 2007, identificou que cerca de 30% dos jovens indicaram que se engajaram em autolesão nos últimos doze meses da pesquisa (Bakken, Gunter, 2012). Isso demonstra que a incidência da autolesão está presente nos jovens também em outros países e desde a primeira década do século.

Ao olhar para as diferenças de gênero nas experiências individuais de autolesão, dos 50,6% que declararam já ter se autolesionado, mais da metade (52%) delas são meninas. A prevalência da autolesão em meninas também é identificada em Dettmer (2018), Gonçalves (2016) e Bakken e Gunter (2012), este último em Delaware (EUA).

Xiao *et al.* (2022) realizaram uma busca sistemática de artigos publicados entre 2010 e 2021, com o objetivo de analisar a prevalência global de autolesão em adolescentes, o que os levou a identificar uma prevalência significativamente maior da autolesão em meninas, comparado a meninos, tanto em contextos europeus, americanos e asiáticos. Os autores consideram que esse dado se justifica em razão de alterações hormonais, dificuldade em controlar emoções e por serem, as meninas, mais suscetíveis a influências negativas (Xiao *et al.*, 2022).

Para Dettmer (2018), a insatisfação corporal está profundamente a incidência da autolesão em meninas. A autora realizou pesquisa com jovens estudantes de escolas pública e privadas do município de Dourados, também no Estado de Mato Grosso do Sul e constatou a predominância feminina na prática da autolesão, comentando que “a mulher ser a representante do *cutting* é algo pensado e planejado, por uma ciência ideológica e porque não dizer, patriarcal” (Dettmer, 2018, p. 65). De grosso modo, o patriarcado é um sistema político que produz discursos sobre o ser mulher e o ser homem, colocando em privilégio este último, que reverberam em subjetividades e práticas culturais e sociais (Zanello, 2018). Assim, esse sistema produz processos sociais que dita as formas às quais mulheres devem sentir e expressar emoções, construindo sofrimentos específicos a elas que, aliados à lógica da patologização da vida, caminha em direção a subjetividades femininas adoecidas (Dettmer, 2018; Zanello, 2018).

Os jovens participantes da pesquisa de Gonçalves (2016) reforçam os estereótipos de gênero, na tentativa de justificar o porquê da prevalência da autolesão em meninas. Dentre outras coisas, eles citam que as mulheres são mais frágeis e homens são mais fortes, o que justificaria o porquê de elas sofrerem mais e recorrerem a autolesão como uma forma de expressão (Gonçalves, 2016). Esses aspectos

parecem estar refletidos também na nossa pesquisa, por termos um grupo de jovens hiperconectadas, insatisfeitas com o seu corpo que, em sua maioria, possuem experiências com o objeto de estudo, seja praticando ou socializando com pessoas que o praticaram.

#### 8.5 Determinantes para a prática da autolesão

No formulário aplicado aos jovens, uma das perguntas abertas questionava o que eles acreditavam que leva uma pessoa a se autolesionar, buscando, com isso, identificar possíveis determinantes para a prática, na perspectiva dos participantes. As respostas foram categorizadas e contabilizadas, conforme demonstrado na Tabela oito. A primeira categoria foi dos determinantes emocionais (*Emocional*), que englobou diferentes estados afetivos citados pelos jovens, como possíveis motivações para a prática da autolesão. Dentre elas, emergiram a culpa, o medo, a solidão, o cansaço, a tristeza, a raiva e a dor.

Tabela 8 – Determinantes para a autolesão

<b>Determinante</b>	<b>N (%)</b>
Cognição	42 (34%)
Emocional	32 (26%)
Familiar	11 (9%)
Pessoal	13 (10,5%)
Social	21 (17%)
Sem informação	4 (3,5%)
<b>Total</b>	<b>123 (100%)</b>

Fonte: Elaborado pela autora

Os sentimentos e emoções também se destacam em outras pesquisas, como relacionadas ao fenômeno da autolesão. A tristeza e a desesperança foram os preditores mais significativos da probabilidade de realizar autolesão, segundo a pesquisa realizada em Delaware (EUA) (Bakken, Gunter, 2012). Na pesquisa de Dettmer (2018), diferentes sentimentos também são destacados como propulsores para o *cutting*, como a tristeza, a raiva, o ódio, irritações e estresse. A categoria *Familiar* foi constituída a partir das respostas que indicam as questões familiares como determinantes para a autolesão, a exemplo dos relatos:

**Problemas com a família** ou consigo mesmo  
**Problemas familiares** ou na rua  
 Preconceitos, bullying e também **brigas familiares**  
 Frustrações, relacionamentos perdidos, **relacionamento ruim com os pais**,  
 depressão

Outros estudos reiterar a influência do convívio familiar na saúde mental dos jovens, algo já visto anteriormente na pesquisa de Gasparini (2022), em que os jovens consideraram os conflitos familiares como prejudicial para a saúde mental. Na pesquisa realizada por Santos e Ferreira (2024) com atendentes-docentes do Programa Pode Falar, sobre as suas percepções acerca das principais queixas apresentadas pelos adolescentes, a falta de escuta no ambiente familiar foi um dos temas erguidos, em que os autores acreditam estar relacionada também à estigmatização da saúde mental.

A pesquisa de Aragão Neto (2019) identificou que a separação dos pais e a ausência paterna foram elementos de sofrimento, presentes no histórico de vida dos jovens que praticavam autolesão. Os problemas familiares também emergem como fatores propulsores para a prática do *cutting*, segundo a pesquisa de Dettmer (2018). Moraes *et al.* (2020) realizou uma pesquisa com prontuários do Centro de Atenção Psicossocial infantojuvenil (CAPSi) de Goiânia (GO) e grupo focal com 07 adolescentes, buscando identificar os fatores de risco para a prática da automutilação. As questões familiares foram consideradas pela autora como um dos fatores de adversidade para a autolesão, citando, dentre outros, os conflitos familiares, a falta de suporte e a separação dos pais (Moraes *et al.*, 2020).

Na categoria *Pessoal*, se enquadraram as respostas que demonstraram as relações com o corpo e consigo mesmo, como:

*O medo, o pânico, a insatisfação com o próprio corpo, o 'não pertencer' a si mesmo, como se seu corpo não fosse mais seu*  
*Falta de auto estima*  
*No meu ponto de vista, a mente da pessoa está cheia de problemas e que não tem a escapatória*  
*Falta de apoio dentro de casa, solidão principalmente na escola, não estar satisfeito com seu próprio corpo*

Como visto anteriormente, a relação com o corpo tem impacto significativo na saúde mental dos jovens, principalmente das meninas. Dessa forma, é esperado que sejam citadas as questões corporais como preditores para a autolesão, uma vez que essa demonstrou ser um dos fatores de produção de sofrimento. A baixa autoestima, por exemplo, é citada por Moraes *et al.* (2020) como um dos fatores de risco para a autolesão, reforçando as discussões anteriormente apresentadas e reiterado nessa categoria. Os participantes também manifestaram elementos relacionados à função que a autolesão exerce e à noção psicopatológica do sofrimento, os quais foram englobados na categoria *Cognição* por demonstrarem que os aspectos psicológicos e

emocionais perpassam pela cognição e se enquadram em categorias. Como exemplos de respostas inseridas nessa categoria, elencamos:

*Talvez seu psicólogo, a pessoa esteja enfrentando uma **depressão***

**Ansiedade e depressão**

*Problemas familiares, **buscar a dor através da autolesão para se sentir vivo, descontar as próprias frustrações***

**Descontar frustrações, raiva, dor, tristeza em si mesmo, do que em outras pessoas. Forma de aliviar dor mental**

Foram inseridas na categoria *Social* as respostas relacionadas à diferentes questões sociais citadas, como formas de violência, dentre elas o bullying e a pressão social sobre a juventude. Na pesquisa de Moraes *et al.* (2020), o bullying também é citado como uma das adversidades da vida que é fator de risco para a autolesão. Diferentes formas de abuso (físico, emocional e sexual) estiveram presentes nos históricos dos participantes da pesquisa de Aragão Neto (2019), sendo considerado pelo autor como um dos fatores de risco para a prática da autolesão. Aragão Neto (2019) identificou o *bullying* como um dos preditores para a prática da autolesão, considerando as vivências de violência sistemática como um fator de risco. Um estudo norte americano também identificou que os jovens que relataram vivenciar mais frequentemente situações de *bullying* demonstraram mais propensos a praticar autolesão (Bakken, Gunter, 2012). Nesta categoria, também foram consideradas as duas respostas que indicavam uma correlação da autolesão com o suicídio, expresso nas respostas, em razão de ser um fenômeno social que apresenta, em diferentes estudos, essa aproximação (Aragão Neto, 2019; Walsh, 2006).

*Pode **levar a morte**, ou ficar depressiva*

*[...] **é igual o suicídio**, é você tentar fugir de uma realidade [...]*

O relato abaixo, inserido no formulário por um participante, demonstra também a pressão e a cobrança que os jovens enfrentam da família, da escola e da sociedade, assim como a falta de oportunidade de se expressar e ser ouvido nas suas angústias.

*“Olha, é muito difícil, porque o auto lesionar é como se fosse uma escapatória daquilo que o nosso peito tá falando, é como se fosse um alívio. É igual o suicídio, é você tentar fugir de uma realidade que você tem que ser o melhor filho, que você só tem que tirar nota 10. É complicado quando falamos disso, porque muitos jovens que estão perdidos, porque a única forma de escapar desse mundo cruel é se auto lesionando, é uma dor que é um alívio na maioria das vezes, eu mesmo quando eu tava em crise eu via que quando eu fazia isso me sentia aliviada por matar essa dor”*

Este relato sintetiza as principais razões para a prática da autolesão, manifestadas pelos jovens participantes do estudo na pergunta aberta. Por fim, a categoria *Sem informação* englobou as respostas que não possibilitaram o enquadre

em outras categorias, como respostas incompletas “*ele estres*”, a resposta negativa “*não*”, “*não sei o que é isso*” e “*sla*” (sei lá).

#### 8.6 O que fazer para ajudar jovens que praticam autolesão? Concepções a partir deles mesmos

No formulário aplicado nesta pesquisa, uma das perguntas abertas buscava entender, na perspectiva dos jovens participantes, o que poderia ser feito para ajudar outros jovens que estejam praticando autolesão. As respostas foram organizadas em algumas categorias de análise, com base em respostas aproximadas ou que demonstraram o mesmo entendimento. Os resultados são apresentados na tabela a seguir.

Tabela 9 – Formas de ajuda à jovens que se autolesionam

<b>Variável</b>	<b>N (%)</b>
Ajuda profissional	28 (27%)
Acolhimento e presença	44 (42,5%)
Orientação e instrumentalização	9 (8,5%)
Desconhecimento	8 (8%)
Entender as motivações	4 (4%)
Família	8 (8%)
Enfrentamento à violência	1 (1%)
Não há como ajudar	1 (1%)
<b>Total</b>	<b>103 (100%)</b>

Fonte: Elaborado pela autora

Grande parte dos jovens (42,5%) acreditam que a ajuda está no acolhimento e na presença. Eles indicam de forma significativa a importância de conversar com os jovens que praticam autolesão, de oferecer companhia e conforto. O acolhimento também está presente em outras pesquisas, como a de Aragão Neto (2019), que observou que a falta de acolhimento e espaço para dialogar sem julgamento sobre as vivências estava presente nas trajetórias de vida dos jovens praticantes de autolesão que compuseram a seu *corpus*. Na pesquisa de Gasparini (2022), os jovens participantes também indicam que ter uma rede de apoio e espaços de acolhimento é um aspecto favorável à saúde mental. Na categoria do Acolhimento e presença, um dos comentários foi de que a conversa não deve exigir que o jovem fale sobre o que lhe gera sofrimento, sendo apenas uma companhia para conversar. Na contrapartida, alguns jovens (4%) entendem a importância de compreender as motivações da prática da autolesão, de forma que, a partir daí, possam auxiliar na resolução dos problemas.

É importante ressaltar que, no âmbito da conversa e do acolhimento, emergiram também aqueles jovens que especificam o papel da família nesse processo. A família é, em geral, a primeira e principal instituição socializadora de crianças e adolescentes e, por essa razão, ela foi categorizada à parte. Assim, uma parte dos jovens (8%) compreendem que a ajuda necessária poderá vir de uma conversa com os pais, da parceria e do apoio deles e da família, de modo geral. Essa categoria vai ao encontro das motivações para a prática da autolesão, em que emergiram os conflitos com os pais como uma das situações que levam à prática. A relação com os pais também foi apontada pelos jovens na pesquisa de Gasparini (2022) como um aspecto que impacta negativamente a saúde mental, quando permeada de conflitos.

Dentre as possibilidades de ajuda, alguns jovens (8,5%) entendem que a orientação e instrumentalização dos jovens praticantes da autolesão pode auxiliar, ensinando técnicas para acalmar a ansiedade, dando conselhos, ajudando a administrar a rotina e o tempo, atividades extracurriculares, são aspectos que irão distraí-lo e auxiliar o jovem a extravasar a sua dor. Alguns relataram não saber qual seria a ajuda necessária a jovens que praticam autolesão (desconhecimento: 8%), que engloba tanto aquele que respondeu “*não sei o que é isso*”, assim como aqueles que relatam vivências com o fenômeno e, por essa razão, não sabem dizer qual seria a ajuda necessário, expresso nesses dois relatos: “*não sei muito bem, até porque eu nunca pedi ajuda para ninguém com medo de ser julgado*” e “*não sei, pois estou no mesmo caminho*”.

Uma significativa parcela (27%) dos jovens acreditam que a ajuda deve ser profissional, indicando a necessidade de terapias, ir à psicólogos ou psiquiatras, assim como a necessidade de ter psicólogos nas escolas. Essa indicação também está de acordo com os determinantes citados pelos jovens, estando a ansiedade e a depressão entre elas. No entanto, gera preocupação a hegemonia da ciência médica, que constrói a noção de que o sofrimento precisa perpassar pelo olhar do especialista e só poderia, por ele, ser cuidado (Reis *et al.*, 2023; Zanello, 2018). O acolhimento não é uma exclusividade do profissional da saúde mental, sendo que as práticas de cuidado psicossocial para as juventudes podem ser realizadas por qualquer profissional que conviva com jovens, contribuindo para o seu desenvolvimento saudável (Reis *et al.*, 2023).

Esse acolhimento não se refere a qualquer tipo de conversa, possuindo alguns cuidados e pontos de atenção em relação a como deve se dar, como, por exemplo, o não julgamento (Reis *et al.*, 2023). Por isso, é importante que todos os profissionais que convivem com jovens, assim como os seus familiares, tenham a oportunidade de desenvolver habilidades para promover os cuidados psicossociais necessários às juventudes. Nesse sentido, a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) ofertou em 2023 o Curso de Aperfeiçoamento em Saúde Mental e Atenção Psicossocial de Adolescentes e Jovens, voltado a todas as pessoas interessadas em aprofundar tais conhecimentos. De forma semelhante, a UNICEF Brasil (2024), por meio de uma rede de instituições, vem desenvolvendo o projeto Canal Pode Falar que oferece escuta acolhedora, conduzida por jovens universitários, ao público juvenil, demonstrando que o acolhimento e a escuta não se restringem a áreas específicas do conhecimento.

Dentre essa categoria da ajuda profissionais, os jovens também citam a necessidade de ter mais psicólogos nas escolas. Compreende-se que a escola é um espaço privilegiado para o desenvolvimento de ações de promoção a saúde, por reunir jovens que convivem a maior parte do ano juntos (Mato Grosso do Sul, 2022). Aragão Neto (2019) considera o *lócus* da escola como um espaço fundamental para o desenvolvimento de ações de prevenção e cuidado aos jovens com sofrimentos graves, envolvendo a participação de professores e demais profissionais ali presentes. Os próprios adolescentes reconhecem que a presença de um profissional da psicologia nas escolas, auxiliaria na construção de espaços de acolhimento e de discussão sobre questões que permeiam e impactam a saúde mental das juventudes (Gasparini, 2022).

No âmbito da Rede Estadual de Ensino de Mato Grosso do Sul, em que os jovens participantes desta pesquisa estavam matriculados, a Lei Federal n. 13.935, de 11 de dezembro de 2019, que dispõe sobre a prestação de serviços de psicologia e serviço social nas redes públicas de ensino, foi implementada por meio do Serviço Especializado de Apoio ao Processo Educativo e suas interfaces – SEAPE, com a Resolução SED n. 4.021, de 06 de abril de 2022. O SEAPE é composto por profissionais da psicologia e do serviço social educacional, que atuam, em conjunto com as equipes escolares, na identificação, intervenção e prevenção, por meio de ações pedagógicas, de situações de sofrimento psíquico e violências (Mato Grosso do Sul, 2022).

A falta de acolhimento no ambiente escolar é uma outra queixa dos jovens, identificada por Santos e Ferreira (2024), em que os autores discutem a importância de ambientes escolares acolhedores, tanto para o bom desenvolvimento acadêmico, como para o bem-estar e desenvolvimento socioemocional dos estudantes. As duas seções seguintes apresentarão os principais aspectos observados na análise prototípica e análise de similitude das evocações realizadas a partir da TALP. Logo após, discorreremos sobre a estrutura das representações sociais, a partir dos levantamentos realizados.

### 8.7 Análise prototípica das evocações de autolesão

Na Tabela 10 encontra-se a análise prototípica das evocações que emergiram por meio do termo indutor “*autolesão*”, após categorizadas por ordem de importância pelos participantes. Ao olhar para as evocações, observa-se que o primeiro quadrante foi composto pelas palavras “*dor*”, “*machucado*”, “*corte*”, “*depressão*”, “*ansiedade*” e “*lesão*”, com destaque para as três primeiras palavras que apresentam uma frequência significativamente alta em relação as demais. A primeira palavra (*Dor*) foi evocada 280% vezes mais que a última palavra desse quadrante (*Lesão*). As palavras “*ansiedade*” e “*depressão*” também surgem de forma significativa neste quadrante.

As palavras “*tristeza*”, “*sangue*” e “*machucar*”, do segundo quadrante, também aparecem com alta frequência, mas foram evocadas tardiamente, apresentando alta ordem de evocação. Ainda assim, apesar de apresentar-se morfologicamente de forma distinta, a palavra “*machucar*” pode apresentar aproximações com a palavra “*machucado*”, presente no primeiro quadrante. O mesmo ocorre com as palavras “*corte*” e “*cortar*”, localizadas no primeiro e terceiro quadrante, respectivamente.

Tabela 10 - Frequência e ordem de evocação (OME) para o termo indutor “autolesão

	OME ≤ 2,91			OME > 2,91		
	Evocações	f	OME	Evocações	f	OME
≥ 6,38	Dor	31	2,9	Tristeza	14	3,4
	Machucado	21	2,7	Sangue	11	3,5
F	Corte	20	2,6	Machucar	10	3,6
R	Depressão	15	1,9			
E	Ansiedade	10	2,1			
Q	Lesão	8	2,5			
U						
Ê	Evocações	f	OME	Evocações	f	OME
N	Suicídio	6	1,5	Sufrimento	6	3,3
C	Cortar	5	2,2	Medo	5	3,3

I A < 6,38	Ferimento	3	2,7	Lâmina	5	3,6
	Mutilação	3	1,7	Solidão	5	3,4
	Agressão	3	2,3	Queimadura	5	3
	Psicológico	2	1,5	Pressão	4	3,5
	Automutilação	2	1,5	Ferida	4	4,5
	Alívio	2	2,5	Raiva	4	3
	Morte	2	2	Hematoma	4	3,5
	Estilete	2	2	Faca	4	4,2
				Briga	3	3,3
				Arranhão	3	4
			Culpa	3	3,7	
			Angústia	3	4	
			Fratura	2	3	
			Dor física	2	5	
			Calma	2	4	
			Problema	2	3	

Fonte: elaborado pela autora, a partir dos dados processados pelo *Software Iramuteq*. Nota: número total de palavras = XX; número de palavras diferentes = XX; Hapax = XX.

Em relação a centralidade da palavra *dor*, destaca-se que essa mesma palavra foi citada pelos jovens, no formulário, como um dos fatores que provocam a autolesão (categoria *emocional*). Algumas delas são apresentadas a seguir:

*A dor de um passado e de um presente, monstros q saíram dos livros para vida real.*

*Sinto que esse alguém passa por dores.*

*Uma pessoa com muita angústia quer apenas acabar com a dor. É "melhor" a dor física do que a emocional.*

*Aquela dor que você sente que não é física, então te leva a se machucar para ver se aquela dor passa, para sentir uma dor maior que a mental.*

Na zona de contraste, se destacam as palavras “suicídio” e “morte”, pela possibilidade de haver relação entre os fenômenos, no entendimento dos jovens, assim como visto em outras pesquisas. Alguns instrumentos utilizados para a prática da autolesão também aparecem evocados, um deles na zona de contraste (*estilete*) e outros dois na segunda periferia (*lâmina* e *faca*). Nesses dois quadrantes também se destacam outras formas de lesão, além do corte, estando as palavras “ferimento”, “mutilação” e “automutilação” na zona de contraste e “queimadura”, “ferida”, “hematoma”, “arranhão” e “fratura”, presentes na segunda periferia.

Ainda se destacam as palavras “psicológico”, na zona de contraste e as palavras “sofrimento”, “medo”, “solidão”, “pressão”, “raiva”, “briga”, “culpa”, “angústia” e “problema”, pela possibilidade de representar uma relação de causa e efeito com a autolesão. Como visto anteriormente, os jovens citam diversos sentimentos como

propulsores da autolesão, o que nos auxilia a compreender as evocações aqui apresentadas. Destaque também deve ser dado para a palavra “*alívio*”, presente na zona de contraste e a palavra “*calma*”, presente no quarto quadrante, indicando as funções da autolesão para os jovens

A pesquisa também contou com a TALP de acesso à zona muda, a partir do termo indutor “*autolesão*”, solicitando aos jovens participantes que respondessem as cinco palavras que eles acreditariam que os seus amigos responderiam. Referente a análise prototípica da zona muda, o resultado pode ser observado na Tabela 11.

Tabela 11 - Frequência e ordem de evocação (OME) para o termo indutor “*autolesão*”, zona muda

		<b>OME ≤ 2,68</b>		<b>OME &gt; 2,68</b>			
		<b>Evocações</b>	<b>f</b>	<b>OME</b>	<b>Evocações</b>	<b>f</b>	<b>OME</b>
<b>≥ 4,95</b>	<b>F</b>	Dor	21	2,3	Depressão	19	2,9
	<b>R</b>	Corte	19	2,3	Sufrimento	8	2,9
	<b>E</b>	Tristeza	12	2,4	Ansiedade	6	3,5
	<b>Q</b>	Suicídio	9	2,2	Medo	6	3
	<b>U</b>	Machucado	8	2,5	Lâmina	5	3,6
	<b>Ê</b>	Machucar	8	2,6			
	<b>N</b>	Não sei	5	1			
<b>&lt; 4,95</b>	<b>C</b>	Sangue	5	2,6			
	<b>I</b>						
	<b>A</b>	<b>Evocações</b>	<b>f</b>	<b>OME</b>	<b>Evocações</b>	<b>f</b>	<b>OME</b>
		Alívio	4	2,5	Corpo	4	2,8
		Ferimento	3	2,3	Raiva	4	3
		Ruim	2	1	Ferida	3	3,7
		Cortar	2	1,5	Angústia	3	3,3
		Autossabotagem	2	2	Culpa	3	3,7
		Infelicidade	2	1,5	Lesão	2	3,5
		Mutilação	2	1,5	Cicatriz	2	4
		Morte	2	2,5	Ódio	2	5
		Hematoma	2	1	Alma	2	4,5
		Estilete	2	2	Escape	2	4
					Matar	2	3,5
				Marca	2	5	
				Atenção	2	3	
				Solidão	2	3	
				Desconto	2	3	
				Triste	2	3,5	

Fonte: elaborado pela autora, com base nos dados processados pelo *Software Iramuteq*. Nota: número total de palavras = XX; número de palavras diferentes = XX; Hapax = XX.

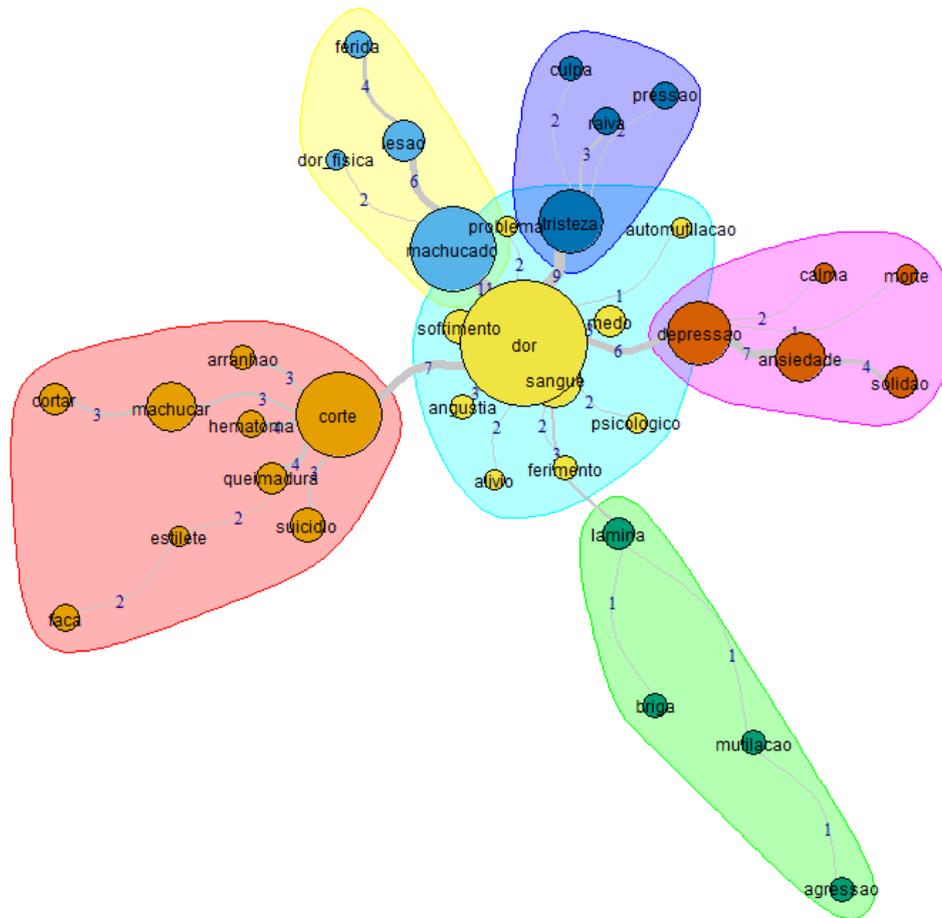
Observa-se que as palavras “*dor*”, “*corte*” e “*machucado*” permanecem no primeiro quadrante, assim como passam a integrar as palavras “*tristeza*”, “*machucar*” e “*sangue*”, anteriormente dispostas no segundo quadrante. Destaca-se o surgimento da expressão “*não sei*”, que não esteve presente na primeira evocação e, na zona muda, aparece com alta frequência. As palavras “*ansiedade*” e “*depressão*” surgem de forma significativa na primeira evocação, mudando a sua posição neste momento, mas a sua presença pela alta frequência demonstra uma correlação da prática da autolesão com o sofrimento psíquico, em uma dimensão psicopatológica deste. Destaca-se a mudança da palavra “*suicídio*”, anteriormente disposta no terceiro quadrante, chamada de zona de contraste, que na técnica de evocação da zona muda, surge no primeiro quadrante, apresentando alta frequência.

#### 8.8 Análise de similitude das evocações de autolesão

Os termos das análises prototípicas foram utilizados para gerar as análises de similitudes, permitindo identificar a conexão das evocações com o núcleo central (Figura 1). O primeiro apontamento importante é a permanência da palavra “*dor*” com centralidade, com forte vinculação às palavras “*machucado*”, “*tristeza*”, “*corte*” e “*depressão*”. É possível observar também que a nuvem composta pela palavra “*corte*” apresenta conexidade com termos que demonstram outras formas de ferimento, como “*queimadura*”, “*hematoma*”, “*arranhão*” e “*suicídio*”. Isso indica que um dos blocos da periferia das representações sociais sobre a autolesão, para esse grupo de jovens, elenca as formas de lesões, em que o corte, apesar de demonstrar ser o mais comum, não é a única forma de lesão conhecida por eles.

O mesmo é observado na nuvem composta da palavra “*machucado*”, em que a expressão “*dor física*” e as palavras “*lesão*” e “*ferida*” parecem evidenciar os resultados materiais da prática da autolesão, demonstrando a consequência da ação – produzir uma lesão, uma ferida, que causa dor, mas, nesse momento, uma dor que é física.

Figura 1 - Análise de Similitude dos evocadores, a partir do termo indutor “autolesão”



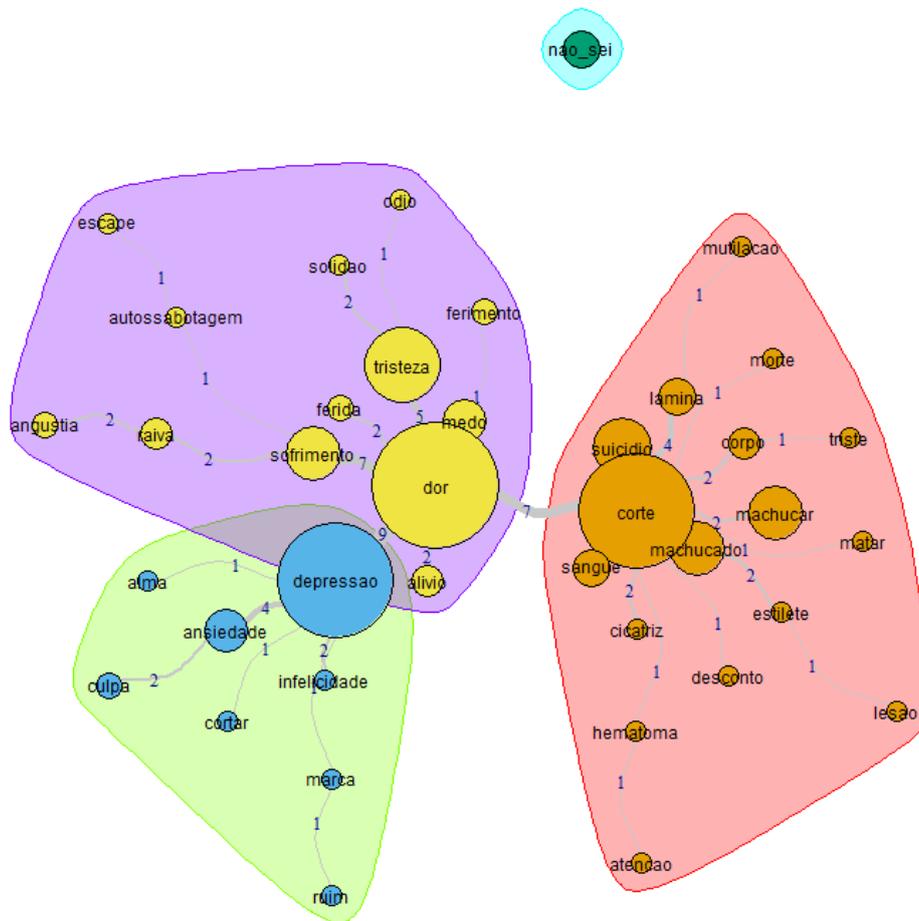
Fonte: Software Iramuteq.

Observou-se forte conexão entre as palavras “depressão” e “ansiedade”, esta última com forte vinculação também à palavra “solidão”. Esse destaque é importante, uma vez que a ansiedade foi relatada por 61,2% dos jovens participantes da pesquisa *Juventudes e a Pandemia do Coronavírus* em 2021, assim como 16,9% relataram depressão, com maior predominância em meninas (Sobrinho, Abramo, Villi, 2022). Já em 2022, na pesquisa *Juventudes e a Pandemia: e agora?*, a ansiedade foi relatada por 63% e a depressão por 18% dos jovens, como resultado direto ou indireto do período pandêmico (Atlas da Juventude, 2022). A pesquisa de Sousa, Haviaras e Carvalho (2023), ao analisar prontuários de crianças e adolescentes atendidos por autolesão em um hospital catarinense, no período de 2018 a 2021, constatou que 31,56% dos atendimentos foram associados à depressão e outros 13,47% a ansiedade. A ansiedade também foi relatada de forma significativa pelos jovens em pesquisas realizadas no decorrer da pandemia (Atlas da Juventude, 2022; Sobrinho, Abramo, Villi, 2022).

É possível observar que a palavra central “*dor*” apresenta vinculações no bloco com as palavras “*sangue*”, “*sofrimento*” e “*medo*”, além de “*angústia*”, “*alívio*”, “*ferimento*”, “*psicológico*”, “*automutilação*” e “*problema*”. O alívio é compreendido como uma das funções da prática da autolesão (Fonseca et al., 2018; Moreira et al., 2020; Walsh, 2006), ou seja, a dor emocional é amenizada, aliviada, por meio da autolesão, demonstrada pela vinculação entre ambas palavras.

Quanto à análise de similitude da zona muda (Figura 2), observa-se que o termo “*dor*” se mantém de forma centralizada, com linha de conexão robusta com as palavras “*depressão*” e “*corte*”. O termo “*dor*” ainda apresenta conexidade marcante com as palavras “*sofrimento*” e “*tristeza*”. Em conjunto com as demais palavras desse bloco, o termo “*dor*” aparece mais correlacionado à dimensão afetiva das representações sociais. A palavra “*corte*” apresenta grande proximidade com “*suicídio*”, “*sangue*” e “*machucado*”, além de possuir conexão com outros termos que também apresentam uma relação com a dimensão física do fenômeno, com palavras como “*cicatriz*”, “*hematoma*”, “*corpo*”, relacionados à essa dimensão material. Destaca-se que o suicídio é um fenômeno que aparece nas pesquisas como confundida ou correlacionada a autolesão (Aragão Neto, 2019; Dettmer, 2018). Nas entrevistas realizadas por Aragão Neto (2019), o pesquisador observou que tanto a prática da autolesão, quanto a ideação suicida esteve presente em 70% dos jovens entrevistados. No entanto, ambos fenômenos apresentam diferenças quanto a intenção, função, método, letalidade, entre outros aspectos, como visto em Walsh (2006) na revisão bibliográfica.

Figura 2 - Análise de Similitude dos evocadores, a partir do termo indutor “autolesão”, zona muda



Fonte: Software Iramuteq.

Na nuvem que tem como centralidade a palavra “*corte*”, emergem também conexões com os instrumentos anteriormente citados, como “*lâmina*” e “*estilete*”. Tais palavras remetem aos instrumentos mais utilizado pelos jovens para a prática da autolesão, destacados na pesquisa de Dettmer (2018) sobre os objetos utilizados para a autolesão. À parte, está a expressão “*não sei*”, demonstrando a falta de vinculação com outros termos, ou seja, indicando que não foi possível acessar a zona muda desses participantes. Ela pode estar relacionada àqueles jovens que não convivem e não praticam a autolesão, o que pode ter dificultado a eles imaginar o que os amigos pensam sobre o fenômeno, pela pouca proximidade com o fenômeno. Destaca-se ainda que essa expressão não emerge na primeira evocação, ou seja, há um saber que circula entre esses jovens, mesmo que não tenha contato com o fenômeno.

A estrutura das representações de autolesão foi sistematizada e apresentada na seção seguinte.

## 9. RS DA AUTOLESÃO PARA OS JOVENS

Os resultados da investigação permitem identificar alguns elementos que constituem o sistema de representações sociais da autolesão, em que a dor e o corte demonstraram ser os elementos centrais, sendo os mais estáveis, não se alterando mesmo a partir da técnica de acesso a zona muda. A estabilidade e a consensualidade denotam que ambos configuram o núcleo central das representações sociais de autolesão para o grupo de jovens estudantes, em que a sua conexão demonstra que não se trata de qualquer dor, assim como não se trata de qualquer corte, mas sim da dor que é provocada e que provoca o corte. A partir desses dois elementos vão se derivar os sentidos e a organização dos demais elementos desta representação social, constituída também a partir das vivências individuais dos jovens participantes, mas que também expressa as representações sociais no cotidiano (Sá, 1996).

O primeiro elemento da periferia está relacionado às causas para a autolesão, em que emergem de forma significativa diferentes sentimentos, emoções e vivências juvenis, que seriam os determinantes para uma dor emocional. Destaca-se que não emergiram possíveis causas orgânicas, somente aquelas relacionadas aos sentimentos e emoções, assim como a aspectos sociais da vivência dos jovens, como a insegurança em relação ao futuro, os conflitos e as dificuldades em lidar com eles, os abusos e violências, a insatisfação com o corpo e a pressão e a cobrança da família e da escola. Diversas pesquisas reiteram a presença de tais desafios vivenciados no período da juventude (Barbosa, 2021; Esteves, Abramovay, 2008; Souza, Paiva, 2012).

Esse cenário gera angústia, tristeza, medo, dentre outros sentimentos que, atrelado à dificuldade em encontrar espaços acolhedores de diálogo, produz sofrimento nos jovens e podem resultar na prática da autolesão. Assim, os sofrimentos da juventude são compreendidos como uma dor emocional, que é invisível, da qual os jovens podem não encontrar recursos subjetivos de compreender e lidar com essa dor. A pesquisa realizada por Dettmer (2018) com estudantes do Ensino Fundamental e Ensino Médio de escolas públicas e privadas e Dourados/MS também identificou que os problemas familiares, os sentimentos de tristeza, raiva, ódio e estresse, a insatisfação com o corpo, o bullying, o medo, e a pressão e a cobrança como vivências que provocam sofrimento e desaguam na autolesão (Dettmer, 2018).

O sofrimento é uma condição humana, mas os seus conteúdos e as suas expressões encontram inscrição no contexto histórico, político e social que atravessa

a vida (Bortoloti, 2020), provocado principalmente pela globalização, em que a noção de liberdade e a infinidade de possibilidades produzidas, aumentam a sensação de desorientação e angústia na produção da subjetividade dos indivíduos, em especial dos jovens, o que resulta em um mal-estar contemporâneo, o qual é marcada pela dor (Bortoloti, 2020; Dutra, Maran, 2022). Bortoloti (2020) considera que o empobrecimento da linguagem e a individualização, presente no cenário globalizado atual, distanciam o convívio e as trocas subjetivas, que impacta na (não) vasão da dor. Esses elementos vão ser o cenário propício para a instauração dos “discursos médicos através da biologização do sofrimento e da medicalização da dor, retirando da pauta a elaboração simbólica (Bortoloti, 2020, p. 56).

Isso fica expresso na significativa presença da ansiedade e da depressão na periferia das representações sociais da autolesão para os jovens. Dettmer (2018) considera que a psicologia contribui para a construção dessa narrativa, em que a noção de sofrimento psíquico deve ser enquadrada em uma dimensão psicopatológica, em que as diversas formas de sofrimento e angústias devem passar por uma análise científica e serem enquadradas em uma categoria nosológica.

Assim, a autolesão seria uma maneira de materializar o sofrimento, por meio da dor física, provocando alívio e calma à dor que, antes, era emocional. Esse demonstrou ser o outro aspecto da periferia das representações sociais da autolesão, a das funções que a prática possui, qual sejam, transferir a dor emocional para a dimensão material, promover alívio e acalmar as angústias. As funções da autolesão parecem se estruturar em uma dimensão funcional das representações sociais, o qual justificaria a ação, tal qual a noção de imitação prestigiosa discutida por Mauss (2003). Outros pesquisadores também discutem sobre as funções da autolesão, compreendendo que a lesão seria uma forma de autorregulação (Dettmer, 2018; Fonseca *et al.*, 2018; Gonçalves, 2016; Le Breton, 2010). Para Dutra e Maran (2022):

A conversão da dor para a ação oferece vazão para os conteúdos emocionais que não foram possíveis de serem expressos de outra maneira. Nestes casos, a automutilação não seria uma forma de autoexterminio, mas sim um meio de autopreservação do sujeito que se encontra devastado psicicamente (p. 10)

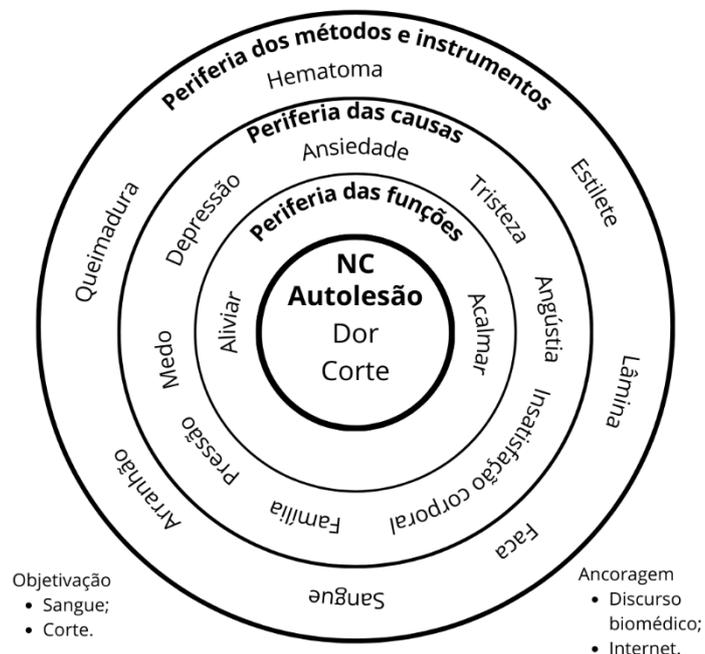
O pensamento social dos jovens também se estrutura em torno dos métodos e instrumentos da autolesão, sendo esta outra organização da zona periférica, em que o corte é o mais recorrente, produzido por um estilete ou lâmina. Há uma ação, de cortar, com um objeto adequado, com uma intenção específica de lesionar, com vistas a produzir o efeito esperado, de aliviar, acalmar. Outros métodos menos comuns

(Aragão Neto, 2019; Dettmer, 2018) também compõem essa estrutura, como a queimadura, o arranhão e o hematoma, denotando o caráter individual que a zona periférica também possui.

Percebe-se que as representações sociais de autolesão se produzem também a partir das imagens do ferimento, do sangue e do estilete, circuladas no cenário virtual. Fabrinni (2021), ao realizar uma etnografia virtual no grupo “automutilação” na rede social *Facebook*, identificou que é comum a publicação de imagens das lesões autoprovocadas, como as de braços cortados. O mesmo estilo de publicação foi encontrado na pesquisa de Gonçalves, Avanci e Njaine (2023), também em comunidades online da mesma rede social. Entende-se, assim, que tais palavras podem demonstrar a correlação da prática da autolesão com o corpo, podendo indicar também a objetivação do fenômeno para o grupo de jovens participantes, ou seja, a imagem que possuem acerca da autolesão.

A estrutura das representações sociais de autolesão é sintetizada na Figura 3.

Figura 3 - Estrutura das representações sociais da autolesão para os jovens



Fonte: elaborado pela autora

Apesar da literatura discutir a correção e, por vezes, a confusão, entre autolesão e suicídio (Aragão Neto, 2019; Walsh, 2006) e mesmo emergindo evocações relacionadas ao suicídio, considera-se que não foram suficientemente

significativas para considerar que o suicídio está presente na periferia das representações sociais.

Compreendendo a estrutura das representações sociais da autolesão, pode-se afirmar que a autolesão é um objeto social que possui uma dimensão afetiva muito marcante, pois é produzido em torno da carga emocional que perpassa as vivências juvenis e a prática em si. Destaca-se que inúmeros fatos, vivências, experiências e sentimentos podem produzir uma dor e o corte, apesar de ser a forma mais comum da autolesão, outras formas menos comuns também são aceitas e englobadas nessa categoria. Isso nos permite compreender que a periferia das representações sociais de autolesão parece cumprir a sua função de proteger, de forma substancial, o seu núcleo central, uma vez que as vivências individuais dos jovens podem produzir inúmeras significações para a autolesão, sem, no entanto, alterar o conteúdo do seu núcleo. Ainda assim, retomando o dito por Sá (1998, p. 160), a “indiscutibilidade encontra-se, de qualquer modo, além do alcance dos recursos mobilizados na presente pesquisa”.

## **10. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Retomando os objetivos iniciais da pesquisa, compreende-se que o caminho metodológico adotado permitiu identificar e analisar a estrutura das representações sociais da autolesão, demarcando a centralidade da dor na sua constituição, sendo a partir dela que o comportamento dos jovens se organiza em relação ao fenômeno. Constatou-se haver, contudo, uma distinção entre a dor emocional e a dor física, mas que se entrelaçam na constituição da prática da autolesão, uma vez que a dor emocional é determinante para a realização da lesão autoprovocada, que gera a dor física. Os conhecimentos sobre as dores compõem a zona periférica das representações sociais, reverberando na forma como organizam e vivenciam os conhecimentos sobre o fenômeno, de forma que retratam as causas, os métodos e as funções da prática. Isso demonstrou também que a autolesão é um objeto social com um marcante campo afetivo, que tanto compõe a estrutura das representações sociais, em sua dimensão central e periférica, quanto conduz as práticas e atitudes em relação ao fenômeno.

Senso assim, a partir dos demais elementos que emergiram tanto nas evocações quanto nas perguntas abertas, nota-se que as dores relacionadas a autolesão são provocadas por diversas vivências juvenis. Os jovens destacam

algumas delas, sendo as pressões e cobranças familiares, da escola e sociais, cobranças relacionadas ao seu corpo, ao seu desempenho acadêmico ou a seu futuro; vivências de conflitos, principalmente familiares; o medo; a falta de acolhimento e cuidado; a insatisfação corporal; o não pertencimento; e as situações de violências.

Em relação ao seu núcleo central, compreende-se que as representações sociais da autolesão para esse grupo de jovens possuem uma interdependência de funções: tanto determina as práticas sociais, como também é por elas determinada. A dor emocional, nesse sentido, é o que provoca a autolesão, uma vez que o seu objetivo é aliviá-la. Mas, ao mesmo tempo, a autolesão provoca uma dor que é física, evidenciada por meio das evocações relacionadas ao ato, em si. É importante destacar também uma preocupação com a patologização da vida cotidiana, expressa pela significativa presença da ansiedade e depressão nos resultados. A noção psicopatológica do sofrimento emocional tem enquadrado as vivências em sintomas e categorias nosológicas, desconsiderando os processos históricos, sociais, culturais e subjetivos que constituem os sofrimentos e os processos de adoecimento.

Destaca-se alguns limites em relação à pesquisa, relacionados principalmente à caracterização do grupo de participantes e à metodologia. Em relação à caracterização do grupo, acredita-se que alguns elementos poderiam ser melhor agrupados ou questionados, como, por exemplo, o levantamento das informações sobre religiosidade, que dificultou uma identificação mais precisa. Ao mesmo tempo, não se enquadrava nos objetivos da pesquisa tais aprofundamentos, o que pode ser adequado para pesquisas futuras que tenham interesse em conhecer, de forma mais profunda, o entrelaçamento da autolesão com os elementos de caracterização do grupo. Ainda assim, as informações foram importantes para a construção do perfil de participantes, direcionando a análise das representações sociais de autolesão, objeto principal desta pesquisa.

Quanto às limitações relacionadas à metodologia, o primeiro ponto de atenção esteve na necessidade de adequar as etapas da pesquisa ao calendário de provas e outras atividades escolares. Da mesma forma, foi necessário adequar-se à forma de condução da pesquisa, que inicialmente buscou dar autonomia aos jovens para participar, sendo que, observando o pouco engajamento, necessitou que a autora repensasse a estratégia adotada. Ainda assim, o diálogo próximo à gestão e coordenação pedagógica das unidades escolares foi o que possibilitou o bom andamento da pesquisa, apesar das necessidades de ajustes.

Por fim, afirma-se que a autolesão é sentida pelos jovens como uma forma de autorregulação, uma tentativa de se expressar, de ser visto, de ser cuidado. Possibilitar ao jovem um espaço em que ele possa se expressar e ser acolhido sem julgamentos, que possa superar os sofrimentos que se produzem ao longo da vida, é um dos principais caminhos para a prevenção e cuidados dos jovens que praticam a autolesão, o que fica expresso nas suas indicações sobre formas de ajudar quem se autolesiona. Acolher os seus sofrimentos não é colocá-los em uma posição passiva de aceitação da sua condição de sofrimento, mas na posição ativa de, ao falar sobre ele, buscar as maneiras de superar as condições que o provoca.

Acredita-se, da mesma forma, que a presença de psicólogos nas escolas, espaço esse que aglutina jovens, pode contribuir para o desenvolvimento psicoeducativo dos estudantes e da comunidade escolar, por meio de um trabalho coletivo e contextualizado para a conscientização, prevenção e enfrentamento desta e de outras questões que impactam a juventude sul-mato-grossense. Por essa razão, considera-se fundamental a efetiva implementação, pelas redes de ensino, da Lei Federal n. 13.935, de 11 de dezembro de 2019, que dispõe sobre a presença de serviços de psicologia e serviço social nas redes públicas de ensino. Na perspectiva de uma educação integral, esse é um caminho para fortalecer o desenvolvimento de jovens e alcançar os objetivos educacionais.

## 11. REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary Garcia. Ser jovem no Brasil hoje: políticas e perfis da juventude brasileira. Rio de Janeiro: **Cadernos Adenauer**, n. 1, v. XVI, 2015.
- ABRIC, Jean-Claude. A zona muda das representações sociais. In: D. C. Oliveira & P. H. F. Campos (Orgs.). **Representações sociais: Uma teoria sem fronteiras** (p. 23 - 34). Rio de Janeiro: Museu da República, 2005.
- ALCÂNTARA, Vírnia Ponte; VIEIRA, Camilla Araújo; ALVES, Samara Vasconcelos. Perspectivas acerca do conceito de saúde mental: análise das produções científicas brasileiras. **Revista Ciência e Saúde Coletiva**, 27(1): 351-361, 2022. Disponível em <https://www.scielo.br/j/csc/a/Q3q7tgFtypyLXf9c9tRHMNr/abstract/?lang=pt> Acesso em jan 2025.
- ARAGÃO NETO, Carlos Henrique de. **Autolesão sem intenção suicida e sua relação com ideação suicida**. 2019. 174 f., il. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica e Cultura)—Universidade de Brasília, Brasília, 2019.
- ARANTES E SILVA, Fernanda. Estudos sobre transição para a vida adulta: perspectivas para novas pesquisas. **Cadernos do Aplicação**: Porto Alegre, v. 34, n. 1, 2021.
- AQUINO, Luseni Maria Cordeiro de. A juventude como foco das políticas públicas. In: CASTRO, Jorge Abrahão de; AQUINO, Luseni Maria Cordeiro de; ANDRADE, Carla Coelho de (org.). **Juventude e políticas sociais no Brasil**. Brasília: Ipea, 303 p, 2009.
- Atlas da Juventude. **Juventude e a Pandemia; e agora?** 2022. Disponível em: <https://atlasdasjuventudes.com.br/juventudes-e-a-pandemia-do-coronavirus/> Acesso em set 2024
- BAKKEN, Nicholas W.; GUNTER, Whitney D. Self-cutting and suicidal ideation among adolescents: Gender differences in the causes and correlates of self-injury. **Deviant Behavior**, v. 33, n. 5, p. 339-356, 2012.
- BARBOSA, Juliana Souza. Juventude (s): afinal, que sujeitos sociais são estes? **Cadernos do Aplicação**, v. 34, n. 1, 2021.
- BARBOSA, Maria Raquel, MATOS, Paula Mena, COSTA, Maria Emília. Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje. **Psicologia e Sociedade**, 23 (1), p. 23-34, 2011.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2021.
- BISPO, Luciana Santos. **Adolescência contemporânea e a busca pelo sentido da vida: contribuições a partir de um contexto escolar**. Tese (doutorado) – Faculdades EST. São Leopoldo: EST/PPG, 2020.
- BÔAS, Luana Michele da Silva Vilas, CAMARGO, Brígido Vizeu, DE ROSA, Annamaria Silvana. O pensamento social de universitários sobre beleza e cirurgia

estética. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, 69 (2): 187-206, 2017.

BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Porto Editora, 1999.

BRASIL. Ministério da Educação; Secretaria de Educação Básica; Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão; Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Conselho Nacional de Educação; Câmara de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica**. Brasília: MEC; SEB; DICEI, 2013. 565p.

BRASIL. **Lei Federal n. 12.852, de 5 de agosto de 2013**. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude – SINAJUVE. Diário Oficial da União: Brasília-DF, p. 1, 2013.

BRASIL. **Lei Federal n. 13.819, de 26 de abril de 2019**. Institui a Política Nacional de Prevenção da Automutilação e do Suicídio, a ser implementada pela União, em cooperação com os Estados, o Distrito Federal e os Municípios; e altera a Lei nº 9.656, de 3 de junho de 1998. Diário Oficial da União, Brasília-DF, ed 81, seção 1, p. 1, 2019.

BRASIL. **Lei Federal n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília – DF, p. 27.833,1996.

BENATTI, Ana Paula, et al. Famílias monoparentais: uma revisão sistemática da literatura. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 41 (n.spe 3), e209634,1-14, 2021.

BORTOLLOTTI, Patrícia Aparecida. **Leituras do mal-estar na contemporaneidade capitalista: construindo diagnósticos do presente**. Londrina, 2020. 143 p. Dissertação (mestrado do Programa de Pós-graduação em Psicologia). Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2020

CAETANO, Catarina Lopes et al. **Os impactos do uso do Instagram na saúde mental dos adolescentes**. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Centro Universitário Ateneu.

CAMARGO, Brígido Vizeu; JUSTO, Ana Maria; ALVES, Catarina Durante Bergue. As funções sociais e as representações sociais em relação ao corpo: uma comparação geracional. **Temas em Psicologia**, v. 19, n. 1, p. 269-281, 2011.

CAMARGO, Brígido Vizeu. JUSTO, Ana Maria. JODELET, Denise. Normas, Representações Sociais e Práticas Corporais. **Revista Interamericana de Psicologia**, Vol. 44, Num. 3, pp. 449-457, 2010.

CAMARGO, Brígido Vizeu; SCHOLÖSSER, Adriano; GIACOMOZZI, Andréia I. Aspectos epistemológicos do paradigma das representações sociais. **Representações sociais e práticas psicossociais**, p. 47-60, 2018.

CAMPOS, Pedro Humberto Faria; ROUQUETTE, Michel-Louis. Abordagem estrutural e componente afetivo das representações sociais. **Psicologia: Reflexão e Crítica**. 16(3), pp.435-445, 2003.

CARACIOLA, Carolina Boari. A influência da moda na sociedade contemporânea. **Dossiê Consumo e Subjetividade**, v. 7, n. 2. 2018.

CASTANHO, Marisa Irene Siqueira; ZORZIM, Terezinha José Inácio. Internet, cultura do consumo e subjetividade de jovens. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**: São João Del Rei, 12 (1, 2017).

CGI.br. **Pesquisa sobre o uso da internet por crianças e adolescentes no Brasil**. ICT Kids Online Brasil, São Paulo, 2023. Disponível em: <https://cetic.br/pt/pesquisa/kids-online/publicacoes/> Acesso em out 2024

Conselho Federal de Psicologia (CRP). **Referências técnicas para atuação de psicólogos(os) na educação básica**. 67 p, 2. ed. — Brasília: CFP, 2019.

COUTINHO, Maria da Penha de Lima. DO BÚ, Emerson. A Técnica de Associação Livre de Palavras sobre o prisma do Software Tri-Deux-Mots (version 5.2). **Revista Campo do Saber**, v. 3, n. 1, 2017.

CORROCHANO, Maria Carla; DOWBOR, Monika; JARDIM, Fabiana A. A. Juventudes e participação política no Brasil do século XXI: quais horizontes? **Laplage em Revista**: Sorocaba, vol.4, n.1, p.50-66, 2018.

COSTA, Luiza Cesar Riani et al. Autolesão não suicida e contexto escolar: perspectivas de adolescentes e profissionais da educação. **SMAD, Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas (Edição em Português)**, v. 16, n. 4, p. 39-48, 2020.

CURADO, Jacy Correa, JACÓ-VILELA, Ana María. Estudos de Gênero na Psicologia (1980-2016): Aproximações e Distanciamentos. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 41, e219132, 1-16, 2021.

DA SILVA SOUZA, Iandra Camila, et al. Dados epidemiológicos da automutilação em municípios da região da Mata Norte de Pernambuco. **Temas em Saúde**, v. 20, n. 2, p. 315-328, 2020.

DAOLIO, Jocimar, RIGONI, Ana Carolina Capellini, ROBLE, Odilon José. Corporeidade: o legado de Marcel Mauss e Maurice Merleau-Ponty. **Pro-Posições**, v. 23, n. 3 (69), p. 179-193, 2012.

DEPIZZOL, Iolanda; MONCAU, Gabriela. **Retomadas Kaiowá em Douradina (MS) completam dois meses como epicentro do conflito fundiário por demarcação: 'Estamos na guerra'**. Brasil de Fato, Douradina (MS), 13 set 2024. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2024/09/13/estamos-na-guerra-retomadas-kaiowa-em-douradina-ms-se-tornam-epicentro-do-conflito-fundiario-por-demarcacao> Acesso em set 2024

DETTMER, Sabrina Estefânia Silva. **Cutting: uma caracterização do fenômeno em escolas de Dourados (MS)**. 2018. 131 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, MS, 2018.

DONATO, Sueli Pereira *et al.* Abordagem estrutural das representações sociais: da análise de similitude ao grupo focal, uma proposta metodológica. **Revista Educação E Cultura Contemporânea**, 14(37), 367–394. 2017.

DUARTE, Eva. **Dialectos da dor: representações sociais sobre as funções dos comportamentos auto-lesivos em adolescentes**. 2018, 246 f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica)—Instituto Universitário, Lisboa - Portugal, 2018.

DUTRA, Suzanna Martins; MARAN, Maria Luísa Casillo Jardim. Automutilação na adolescência: um fenômeno psicossocial da contemporaneidade. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 12, 2022.

ESTEVES, Luiz Carlos Gil; ABRAMOVAY, Miriam. **Juventude, juventudes: pelos outros e por elas mesmas**. UNESCO Brasil, 2008. Disponível em: [http://www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo/conteudo-2010-2/Educacao-MII/2SF/Juventude\\_juventudes.pdf](http://www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo/conteudo-2010-2/Educacao-MII/2SF/Juventude_juventudes.pdf). Acesso em jan de 2023.

FELGUEIRAS, Ana Cláudia M. Leal. Breve Panorama Histórico do Movimento Feminista Brasileiro. Das Sufragistas ao Ciberfeminismo. **Revista Digital Simonsen**, n. 6, 2017. Disponível em: [www.simonsen.br/revistasimonsen](http://www.simonsen.br/revistasimonsen)

FERNANDES, Sílvia. Sociologia da juventude – olhares interdisciplinas e intertemáticos. **Revista Contemporânea** v. 9, n. 2 p. 339-350, 2019

FONSECA, Paulo Henrique Nogueira da et al. Autolesão sem intenção suicida entre adolescentes. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 70, n. 3, p. 246-258, 2018.

GAMA, Cláudio Oliveira da. Corpo, identidade e imagem corporal: uma revisão narrativa. **Lecturas: Educación Física y Deportes**, 26(278), 159-171.

GAMA, Carlos Alberto Pegolo da; CAMPOS, Rosana Teresa Onocko; FERRER, Ana Luiza. Saúde mental e vulnerabilidade social: a direção do tratamento. **Rev Latinoam. Psicopat. Fund.**, São Paulo, 17(1), 68-84, marc. 2014. Disponível em <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/Lz5jfWb83DWP7prFwC4XXL/> Acesso em jan 2025.

GASPARINI, Danieli Amanda. **Saúde mental e sofrimento psíquico na perspectiva de adolescentes**. 2022. 155 p. Dissertação (Mestrado em Terapia Ocupacional) - Programa de Pós Graduação em Terapia Ocupacional, Universidade Federal de São Carlos, 2022.

GOMES JÚNIOR, João. O corpo na história: breve análise dos discursos sobre o corpo. **Revista Albuquerque**, vol. 12, n. 23, 2020.

GONÇALVES, Jacqueline Nascimento. **“Vocês acham que me corto por diversão?” Adolescentes e a prática da automutilação.** Uberlândia, 2016. Dissertação (mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação). Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2016.

GOTTSCHELL, Carlos Antonio Mascia. **Medicina Hipocrática: antes, durante e depois.** Porto Alegre: Stampa, 2007.

GROPPO, Luís Antonio. **Introdução à sociologia da juventude.** Paco Editorial, 2017.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Panorama Censo Demográfico do Brasil de 2022.** Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/>. Acesso em jun de 2024.

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). **Censo Escolar da Educação Básica de 2023.** Disponível em: <https://app.powerbi.com/view?r=eyJrljoiN2ViNDBjNDEtMTM0OC00ZmFhLWlyZWYtZjl1YjU0NzQzMTJhliwidCI6IjI2ZjczODk3LWw4YWMtNGIxZS05NzhmLWVhNGMwNzc0MzRiZiJ9>. Acesso em jun de 2024

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Características gerais dos domicílios e dos moradores 2022.** Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2012/2022, Coordenação de Pesquisas por Amostra de Domicílios. Rio de Janeiro: IBGE, 2024. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102004\\_informativo.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102004_informativo.pdf). Acesso em jun de 2024.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Trabalho de crianças e adolescentes de 5 a 17 anos de idade 2016/2022.** Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, Coordenação de Pesquisas por Amostra de Domicílios. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102059\\_informativo.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102059_informativo.pdf). Acesso em jun de 2024.

JODELET, Denise. Le corps, la personne et autrui. In: MOSCOVICI, Serge. **Psychologie sociale des relations à autrui.** Paris: Nathan/HER, pp 41-68, 2000.

JODELET, Denise. Représentations sociales: un domaine en expansion. In: JODELET, Denise (Ed.) **Les représentations sociales.** Paris: PUF, 1989, pp. 31-61. Tradução: Tarso Bonilha Mazzotti. UFRJ- Faculdade de Educação, dez. 1993.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo.** 6. ed. Petrópolis – RJ: Editora Vozes, 2012.

LE BRETON, David. Escarificações na adolescência: uma abordagem antropológica. **Horizontes Antropológicos**, v. 16, p. 25-40, 2010.

LIMA FILHO, Acacio Vaz de. Organização política, jurídica e social do Egito no antigo império. **Revista da Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo**, v.

104, p. 39-70, 2009. Disponível em:  
<https://www.revistas.usp.br/rfdusp/article/view/67849>. Acesso em: 1 out. 2023.

LUCKOW, Fabiane Behling. O corpo (re)existe: reflexões sobre gênero, colonialidade e fundamentalismos no contexto evangélico brasileiro. **Revista de Estudos Feministas em Teologia e Religião**. São Leopoldo, v. 8, n. 2, p. 129-143, 2022.

MAGALHÃES, Bóris Ribeiro; SABATINE, Thiago Teixeira. A saúde como estilo e o corpo como objeto de intervenção. In: SOUZA, L. F; SABATINE, T. T; MAGALHÃES, B. R (org). **Michel Foucault: sexualidade, corpo e direito**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, p133-154, 2011.

MAIA, Ana Paula, et al. **A escola na rede de proteção dos direitos de crianças e adolescentes: guia de referência**. São Paulo: Ação Educativa, 2018.

MATO GROSSO DO SUL. **Resolução/SED n. 4.115, de 14 de dezembro de 2022**. Dispõe sobre a organização curricular do ensino médio em tempo integral para as unidades escolares do Programa de Educação em Tempo Integral, denominado “Escola da Autoria”, da Rede Estadual de Ensino de Mato Grosso do Sul, e dá outras providências. Diário Oficial Eletrônico n. 11.014, p. 32-40, 2022.

MATO GROSSO DO SUL. Secretaria de Estado de Educação. **Documento norteador: Saúde Mental e comportamento suicida**. Campo Grande-MS: Coordenadoria de Psicologia Educacional, 2 ed, 2022. Disponível em:  
<https://www.sed.ms.gov.br/wp-content/uploads/2022/05/FINAL-Comport-suicida.pdf>.

MARKOVÁ, Ivana. A fabricação da teoria de representações sociais. **Cadernos de pesquisa**, v. 47, p. 358-375, 2017.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. Cosac & Naify, 1º ed, 2003.

MAZZOTTI, Alda Judith Alves. A abordagem estrutural das representações sociais. **Revista Psic. Da Ed.**, São Paulo, 14/15, 1º e 2º sem. De 2002, pp. 17-37.

MENANDRO, Maria Cristina Smith; TRINDADE, Zeidi Araújo; ALMEIDA, Angela Maria de Oliveira. Representações sociais da adolescência/juventude a partir de textos jornalísticos (1968-1974 e 1996-2002). **Arquivos Brasileiros de Psicologia**: Brasília-DF, v. 55, n. 1, p. 42-55, 2003.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MIRANDA, Carlos Alberto Cunha. **A arte de curar nos tempos da colônia: limites e espaços de cura**. Recife: Editora UFPE, 3. Ed, 2017.

MOREIRA, Érika de Sene et al. Automutilação em adolescentes: revisão integrativa da literatura. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, p. 3945-3954, 2020.

MORAES, Danielle Xavier *et al.* “Caneta é a lâmina, minha pele o papel”: fatores de risco da automutilação em adolescentes. **REBEn: Revista Brasileira de Enfermagem**. 2020. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2020-0578>. Acesso em nov de 2024.

MOSCOVICI, Serge. **A Representação Social da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

NETO, Antônio Rocha; MOTA, Daniela. Juventude, saúde mental e o uso de internet: uma abordagem social e histórica. **Cadernos de Psicologia**, v. 3, n. 6, 2022.

NOGUEIRA, Marina Águila; ALBUQUERQUE, Paloma Pegolo de. Adolescência e saúde mental: repercussões dos padrões culturais de beleza. **Psic. Rev. São Paulo**, volume 30, n. 1, 76-101, 2021.

PACHECO, Maria Eduarda Fernandes. **O impacto do acesso às tecnologias de informação e comunicação na saúde mental e na imagem corporal de escolares brasileiros**. 2023. 131 p Dissertação (Mestrado Profissional em Saúde Coletiva) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2023.

PAIS, José Machado. A construção sociológica da juventude - alguns contributos. **Análise Social**, v. XXV, p. 139-165, 1990.

PATRIARCA, Paola. **Jovem que teve testa tatuada com 'eu sou ladrão e vacilão' é preso após tentar furtar apartamento em Cotia, Grande SP**. G1: São Paulo, 28 nov. 2022. Disponível em <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/11/28/jovem-que-teve-testa-tatuada-com-eu-sou-ladrao-e-vacilao-e-presos-apos-tentar-furtar-casa-em-cotia-grande-sp.ghtml>. Acesso em 2023

PASSARELLI, Brasilina. Jovens brasileiros em conectividade contínua: estudos e tendências. **Revista Juventude e Políticas Públicas**, Brasília, v. 1, Edição Especial, p. 1-16, fev. 2020.

PAPPÁMIKAIL, Lia. Juventude (s), autonomia e Sociologia: questionando conceitos a partir do debate acerca das transições para a vida adulta. **Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, v. 20, p. 395-410, 2010.

PeNSE. **Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar**. IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais. Rio de Janeiro: IBGE, 2021.

PIRES, Beatriz Ferreira. **Piercing, implante, escarificação, tatuagem: o corpo como suporte da arte**. São Paulo, SP: Editora SENAC, 2019.

Instituto Municipal de Planejamento Urbano. **Sistema Municipal de Indicadores de Campo Grande (Sisgran)**. Campo Grande: 2024. Disponível em <https://sisgranmaps.campo grande.ms.gov.br/>. Acesso em nov de 2024.

PORTER, Roy. História do corpo. In: BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora UNESP, 1 ed., 1992.

REIS, Aline Henriques et al. **Cuidados psicossociais nas adolescências e juventudes** [livro eletrônico]. Campo Grande, MS: Fiocruz Pantanal, 2023.

RÊSES, Erlando da Silva. Do conhecimento sociológico à teoria das representações sociais. **Sociedade e cultura**, v. 6, n. 2, p. 189-199, 2003.

RIBEIRO, Luiz Paulo; ANTUNES-ROCHA, Maria Isabel. Identidade e representações sociais: evidências e correlações a partir de pesquisas da área da Educação. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, v. 18, n. 52, p. 402-435, 2021.

RIGONI, Ana Carolina Capellini. Um breve ensaio sobre corpo e religião: relações e transformações ao longo da história. **Ciências da religião: história e sociedade**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 127-145, jan./jun. 2016

SÁ, Celso Pereira de. **A construção do objeto de pesquisa em representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

SÁ, Celso Pereira de. Representações sociais: teoria e pesquisa do núcleo central. **Temas em Psicologia**, v. 4, n. 3, p. 19-33, 1996.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. Corpo e história. **Cadernos de subjetividade**. Núcleo de estudo e pesquisa da subetividade – Programa de estudo de pós-graduação em psicologia clínica – PUC/SP, p. 243-266, 1995.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. É possível realizar uma história do corpo? In: SOARES, Carmen Lúcia (org). **Corpo e história**. Campinas, SP: Autores Associados, 4. Ed, 2022.

SANTIAGO, Leonéa Vitória et al. Representações sociais do corpo: um estudo sobre as construções simbólicas em adolescentes. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 26, n. 04, p. 627-643, 2012.

SANTOS, Cristina. A corporeidade na contemporaneidade: algumas reflexões sobre o discurso publicitário. **Vista**, n. 1, p. 137-163, 2017.

SANTOS, Manoel Antônio dos *et al.* Corpo, saúde e sociedade de consumo: a construção social do corpo saudável. **Saúde Soc.** São Paulo, v.28, n.3, p.239-252, 2019.

SANTOS, José Arthur da Silva; FERREIRA, Hugo Monteiro. A escuta sensível de adolescentes atravessada por uma perspectiva docente no programa pode falar (UNICEF). **Debates em Educação**, v. 16, n. 38, 2024. DOI: 10.28998/2175-6600.2024v16n38pe16574

SEITENFUS, Karen Angélica et al. Redes sociais virtuais, satisfação corporal e práticas corporais: um estudo com jovens adultos. **Revista Saúde e Pesquisa**, 2023, 16(3):e-11192.

SILVA, Savia Jesus. Representações sociais de autolesão na adolescência: um olhar sobre a escola. In: **Anais do XXIX Seminário de Educação**. SBC, p. 1372-1383, 2021.

SILVA, Enid Rocha Andrade da; ANDRADE, Carla Coelho de. A política nacional de juventude: avanços e dificuldades. In: CASTRO, Jorge Abrahão de; AQUINO, Luseni Maria Cordeiro de; ANDRADE, Carla Coelho de (org.). **Juventude e políticas sociais no Brasil**. Brasília: Ipea, 303 p, 2009.

SOBRINHO, André Luiz da Silva; ABRAMO, Helena Wendel; VILLI, Marisa de Castro (org.). **Jovens e saúde: revelações da pandemia no Brasil 2020-2022**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2022. 390 p. il.

SOUSA, Antônio Edervaldo Pereira de; HAVIARAS, André Coelho; CARVALHO, Emanuela Rocha. Análise epidemiológica de crianças e adolescentes com autolesão atendidas em um hospital referência em Santa Catarina nos anos de 2018-2021. **Debates em Psiquiatria**, Rio de Janeiro, v. 13, p.1-19, 2023.

SOUZA, Candida de; PAIVA, Ilana Lemos de. Faces da juventude brasileira: entre o ideal e o real. **Estudos de Psicologia (Natal)**, v. 17, p. 353-360, 2012.

UNESCO. **Políticas públicas de/para/com juventudes**. Brasília: UNESCO, 2004.

UNICEF Brasil. Rede Pode Falar, 2024. Canal de escuta acolhedora. Disponível em: <https://www.podefalar.org.br/>. Acesso em nov 2024.

VERAS, Webert Soares. Juventude, corpo e ciberespaço: as novas configurações das gerações x, y e z. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes**, Vol. 2, N. 20, 2019.

WACHELKE, João; WOLTER, Rafael. Critérios de Construção e Relato da Análise Prototípica para Representações Sociais. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 27, n. 4, pp. 521-526, 2011.

WALSH, Barrent W. **Treating self-injury: a practical guide**. The Guilford Press: New York, 2006.

WEISHEIMER, Nilson et al. **Sociologia da juventude**. Curitiba: InterSaberes, 2013.

XIAO, Qingqing *et al.* Global prevalence and characteristics of non-suicidal self-injury between 2010 and 2021 among a non-clinical sample of adolescents: A meta-analysis. **Frontiers in psychiatry**, 13, 912441. <https://doi.org/10.3389/fpsy.2022>.

ZANELLO, Valeska. **Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação**. Editora Appris, 1. ed. Curitiba: 2018.

## APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE

### Autorização para a participação na pesquisa *As representações sociais de autolesão para jovens escolares: o corpo em questão.*

**Título da Pesquisa:** As representações sociais de autolesão para jovens escolares: o corpo em questão.

**Pesquisador Responsável:** Alberto Mesaque Martins. Endereço: Estrada Ew-06, nº 183, Chácara dos Poderes – Campo Grande – MS. Cep: 79037-810. Tel.: (67) 99325-1423 E-mail: alberto.mesaque@ufms.br

**Pesquisadora Assistente:** Amanda Ferreira de Andrea. Endereço: Avenida Julia Maksoud, n. 593, Monte Castelo, Campo Grande/MS. CEP: 79.011-904. Tel.: (67) 99641-1723. E-mail: amanda\_ferreira@ufms.br

**Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos:** Campus da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, prédio das Pró-Reitorias - Hércules Maymone – 1º andar, Av. Costa e Silva, s/nº - Bairro Universitário, Campo Grande –MS - CEP: 79070900 – E-mail: cepconep.propp@ufms.br – Tel.: (67)3345-7187

\* Indica uma pergunta obrigatória.

#### 1. E-mail \*

#### **Caro responsável,**

O seu (ua) filho (a) está sendo convidado (a) a participar da pesquisa de uma mestranda em Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, que tem como objetivo principal identificar e analisar as representações sociais de jovens escolares em relação a autolesão. Em outras palavras, pretendemos entender o que os adolescentes pensam sobre a prática de machucar o próprio corpo, que é comum e tem impactado principalmente os jovens. Com os resultados dessa pesquisa, esperamos também auxiliar a prática de educadores e de profissionais da saúde a prevenir a autolesão e a ajudar jovens que estejam em sofrimento.

Para participar da pesquisa, o (a) adolescente precisa estar matriculado na escola e ter a sua autorização, por meio desse formulário, para participar do estudo. Por isso, gostaríamos de solicitar a sua permissão para a participação do (a) seu (ua) filho (a) na pesquisa, que consiste na aplicação de um formulário online, com duração média de 15 minutos.

Garantiremos o seu anonimato, assim como o do (a) adolescente, ou seja, somente a pesquisadora e o seu orientador terão acesso aos dados dos participantes. Também garantimos a sua liberdade e a do (a) adolescente, de decidir a qualquer momento não participar mais da pesquisa, sem que disso resulte qualquer prejuízo para vocês. É importante dizer que a pesquisa não lhe oferece, tampouco ao adolescente, riscos diretos, sejam físicos ou psicológicos. Mas, é possível que os participantes apresentem sentimentos de angústia, medo, tristeza, impotência, dentre outros. Se isso acontecer, iremos garantir a (o) seu (ua) filho (a) atendimento psicológico gratuito na Clínica de Psicologia da UFMS.

Os dados obtidos serão utilizados exclusivamente para fins desta pesquisa e para a produção de artigos e outros textos científicos, sem que haja nenhuma identificação de quem foram os participantes. As informações do formulário ficarão guardadas em arquivos com a pesquisadora responsável por um período mínimo de 02 anos, sob sua inteira responsabilidade. Após esse período, esses arquivos serão destruídos pelos próprios pesquisadores. Informamos também que a participação do (a) adolescente, caso você concorde com ela, tem caráter voluntário, ou seja, vocês não receberão qualquer tipo de ressarcimento ou remuneração. Contudo, caso seja comprovado algum tipo de dano relacionado à participação do (a) adolescente na pesquisa, garantiremos a indenização, conforme determina a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde.

Ressaltamos que a pesquisa foi autorizada pela Secretaria de Estado de Educação, pela direção escolar, assim como possui parecer favorável do Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos, sob n. 6.512.805. Você receberá uma cópia desse termo no e-mail informado e, caso tenha qualquer dúvida, poderá entrar em contato com o pesquisador responsável (Alberto Mesaque Martins) e, em caso de dúvida sobre questões éticas, poderá entrar em contato com o Comitê de Ética da UFMS, por meios dos contatos informados na descrição desse formulário.

2. Seu nome completo: \*

---

3. Nome completo do (a) adolescente sob sua responsabilidade: \*

---

4. Eu declaro ter sido informado (a) e manifesto sobre a concordância da participação do (a) adolescente supramencionado como voluntário (a) na referida pesquisa. \*

*Marcar apenas uma oval.*

Sim, eu autorizo a participação do (a) adolescente sob minha responsabilidade a participar da pesquisa.

Não, eu não autorizo a participação do (a) adolescente sob minha responsabilidade a participar da pesquisa.

---

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

## APÊNDICE B – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido – TALE

### *Pesquisa As representações sociais de autolesão para jovens escolares: o corpo em questão.*

#### 🗨️ INFORMAÇÕES DA PESQUISA

**Título da Pesquisa:** As representações sociais de autolesão para jovens escolares: o corpo em questão.

**Pesquisador Responsável:** Alberto Mesaque Martins. Endereço: Estrada Ew-06, nº 183, Chácara dos Poderes – Campo Grande – MS. Cep: 79037-810. Tel.: (67) 99325-1423 E-mail: alberto.mesaque@ufms.br

**Pesquisadora Assistente:** Amanda Ferreira de Andrea. Endereço: Avenida Julia Maksoud, n. 593, Monte Castelo, Campo Grande/MS. CEP: 79.011-904. Tel.: (67) 99641-1723. E-mail: amanda\_ferreira@ufms.br

**Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos:** Campus da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, prédio das Pró-Reitorias - Hércules Maymone – 1º andar, Av. Costa e Silva, s/nº - Bairro Universitário, Campo Grande –MS - CEP: 79070900 – E-mail: cepconep.propp@ufms.br – Tel.: (67)3345-7187

\* Indica uma pergunta obrigatória

#### 1. TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TALE \*

Olá,

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa de uma mestranda em Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, que tem como objetivo principal identificar e analisar as representações sociais de jovens escolares em relação a autolesão. Em outras palavras, pretendemos entender o que vocês, jovens, pensam sobre a prática de machucar o próprio corpo. Além de entender o que vocês pensam, esperamos, por meio do resultado da pesquisa, auxiliar a prática de educadores e de profissionais a prevenir a autolesão e a ajudar jovens que estejam em sofrimento.

Para que a sua participação na pesquisa seja considerada, você precisa ter sido autorizado (a) pelo seu responsável para isso. A pesquisa consiste na aplicação desse formulário, que você demora, em média, 15 minutos para responder. Não se preocupe, garantiremos o seu anonimato, ou seja, somente a pesquisadora e o seu orientador saberão quem você é! Também garantimos a sua liberdade de decidir a qualquer momento não participar mais da pesquisa, sem qualquer prejuízo para você quanto a isso.

É importante dizer que a pesquisa não lhe oferece nenhum risco direto, sejam físicos ou psicológicos. Mas, pode ser que no decorrer do formulário, você sinta angústia, medo, tristeza, impotência, dentre outros. Se isso acontecer, iremos garantir atendimento psicológico gratuito para você na Clínica de Psicologia da UFMS.

Os dados obtidos serão utilizados exclusivamente para fins desta pesquisa e para a produção de artigos e outros textos científicos, sem que haja nenhuma identificação de quem foram os participantes. Em outras palavras, quem ler o resultado final da pesquisa, não saberá que você foi um dos participantes. As informações coletadas no formulário ficarão guardadas em arquivos com a pesquisadora responsável por um período mínimo de 02 anos, sob sua inteira responsabilidade. Após esse período, esses arquivos serão destruídos pelos próprios pesquisadores.

Informamos também que a sua participação tem caráter voluntário, ou seja, você não receberá qualquer pagamento em dinheiro por isso. Contudo, caso seja comprovado algum tipo de dano resultante da sua participação do (a) adolescente, garantiremos a indenização, conforme determina a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde.

Caso tenha qualquer dúvida, você poderá entrar em contato com o pesquisador responsável (Alberto Mesaque Martins) e, em caso de dúvida sobre questões éticas, poderá entrar em contato com o Comitê de Ética da UFMS, por meios dos contatos informados no início desse documento.

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim, declaro ter sido informado e concordo com a participação como voluntário na pesquisa.
- Não, eu não concordo com a participação como voluntário na pesquisa.

## APÊNDICE C – Formulário online

2. Seu nome completo: \*

---

3. Telefone para contato (com DDD): \*

Entraremos em contato caso o seu responsável não tenha assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE, que autoriza a sua participação nessa pesquisa.

---

Que bom te ver aqui... 🤗

Ficamos muito felizes que você aceitou participar da pesquisa "As representações sociais de autolesão para jovens escolares: o corpo em questão". De forma resumida, esperamos entender o que vocês, jovens, pensam sobre a prática da autolesão. Por isso, pedimos que você seja sincero nas suas respostas.

Não buscamos respostas certas ou erradas, mas buscamos entender o que você pensa sobre essa prática. Você vai demorar em média 15 minutos para responder essas perguntas, mas pode ser que termine antes disso ou que demore mais que o esperado.

Para começarmos, vamos jogar um pouco? 🎲

### 🎲 TÉCNICA DE ASSOCIAÇÃO LIVRE DE PALAVRAS (TALP)

O jogo que propomos é chamado de *Técnica de Associação Livre de Palavras (TALP)*. De uma forma simples, consiste em dizer (ou melhor, escrever) as palavras que surgem à mente quando você lê uma outra palavra. Pedimos que evite escrever frases - você precisa apenas escrever cada palavra por vez. Também pedimos que leia os enunciados com atenção. Quanto mais rápido você escrever as palavras que pensou, melhor. 😊

Saiba que, para esse jogo, não tem resposta certa ou errada...

4. Quando você lê a palavra **AUTOLESÃO**, quais são as *cinco primeiras palavras* \* que vem na sua mente? Escreva uma embaixo da outra ou separe-as por ponto e vírgula.
5. Agora, organize as palavras que escreveu por ordem de importância: *da mais importante para a menos importante para você*. \* Escreve uma embaixo da outra ou separe-as por ponto e vírgula.

---



---



---

6. Quando você lê a palavra **CORPO**, quais são as *cinco primeiras palavras* que vem na sua mente? Escreva uma embaixo da outra ou separe-as por ponto e vírgula. \*

---

---

---

---

---

7. E quando você lê a palavra **JOVEM**, quais são as *cinco primeiras palavras* que vem na sua mente? Escreva uma embaixo da outra ou separe-as por ponto e vírgula. \*

---

---

---

---

---

**Vamos continuar fazendo o mesmo exercício...**

Mas agora, pedimos que você responda imaginando o que **OS SEUS AMIGOS** responderiam.

8. Em relação a palavra **AUTOLESÃO**, quais são as cinco palavras que você acredita que os seus amigos responderiam? Escreva uma embaixo da outra ou separe-as por ponto e vírgula. \*

---

---

---

---

---

**Eita! Fomos de 0 a 100 muito rápido...**

Gostaríamos de te conhecer um pouquinho mais antes de prosseguir

9. 🤖 Quantos anos você tem? \*

---

10. 🗨️ **Com qual gênero você se identifica? \***

*Marcar apenas uma oval.*

- Feminino
- Masculino
- Outros

11. 🏳️ **Quanto a sua raça/cor, você se autodeclara: \***

*Marcar apenas uma oval.*

- Amarelo
- Branco
- Indígena
- Negro
- Pardo

12. 🏠 **Com quem mora você atualmente? \***

---

---

---

---

---

13. **Atualmente, você... \***

*Marcar apenas uma oval.*

- Apenas estuda 📖
- Estuda e trabalha 📖👤

14. 💰 **Somando a sua renda com a das pessoas que moram com você, quanto é, aproximadamente, a renda mensal familiar? \***

*Marcar apenas uma oval.*

- Até um salário mínimo (R\$ 1.412,00)
- De 1 a 3 salários mínimos (de R\$ 1.413,00 a R\$ 4.236,00)
- De 3 a 10 salários mínimos (entre R\$ 4.237,00 e R\$ 14.120,00)
- Acima de 10 salários mínimos (acima de R\$ 14.121,00)
- Não sei informar

15. 🙏 **Você segue alguma religião? \***

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não

16. 🗨️ **Se sim, qual religião?**

---

17. 🙏 **Você é praticante da sua religião? \***

Por praticante, entende-se aquela pessoa que frequenta os templos/igrejas/terreiros/cultos, participa de coletivos religiosos e/ou outras atividades relacionadas a sua religião.

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não
- Não sigo nenhuma religião

**Obrigada por suas respostas! Mas, antes da gente terminar... 😊**

Temos mais algumas perguntas pra você responder (as últimas, eu juro! 🙏). É só seguir para a seção seguinte 🌟

👉 🙏 👉 **Estamos quase lá...**

18. **Me conta, como você avalia o seu estado de saúde mental hoje? \***

Marcar apenas uma oval.

- Considera que está ótima
- Considero que está boa
- Considero razoável
- Considero que não está boa
- Considero que está péssima

19. **Você se sente satisfeito com o seu corpo? \***

Marcar apenas uma oval.

- Sim 🙏
- Não 🙏

20. Se você pudesse mudar algo no seu corpo, o que seria? \*

---



---

21. Com que frequência você realiza as atividades a seguir? \*

Marcar apenas uma oval por linha.

	Sempre	De vez em quando	Nunca
 pratica esportes (por exemplo, basquete, voleibol, entre outros)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
 pratica atividades físicas de baixa intensidade (caminhadas, corridas, entre outros)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
 pratica atividades físicas de alta intensidade (calestrenia, musculação, crossfit, entre outros)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
 realiza procedimentos estéticos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
 práticas meditativas e de relaxamento (por exemplo, yoga, meditação, entre outros)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
 pratica lutas e artes marciais	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
 participa de atividades	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

religiosas

 **consome**  
alimentação  
saudável

 **uso das**  
redes sociais

 **lê livros ou**  
outros textos  
por prazer

 **faz**  
passeios/rolê

22. **Você conhece algum jovem que se autolesiona? \***

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

23. **E você, já se autolesionou? \***

Marcar apenas uma oval.

Sim, até hoje...

Sim, mas hoje não mais.

Não, nunca autolesionei.

24.  **O que você acha que leva alguém a autolesionar? \***

---



---

25.  **O que você acha que poderia ser feito para ajudar quem autolesiona? \***

---



---



---



---

26. **Para finalizar (ufa! 🙌)... Se você pudesse deixar uma mensagem para os jovens que autolesionam, o que você diria? \***

---



---

## ANEXO A – Autorização da Secretaria de Estado de Educação – SED/MS



Ofício n. 5194/SUPED/GAB/SED/2023

Campo Grande/MS, 23 de Agosto de 2023.

Senhor Professor,

Noticia-se o recebimento do expediente datado de 18 de agosto de 2023, mediante o qual se solicita autorizar a realização da pesquisa **Corpo e autolesão para jovens escolares: um estudo de representações sociais**, a ser desenvolvido por **Amanda Ferreira de Andrea**, investigadora principal do projeto de pesquisa no Programa de Pós-graduação em Psicologia da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, *Campus* Universitário, sob orientação de Vossa Senhoria.

Frisa-se que o objetivo do mencionado Projeto de Pesquisa é “Identificar e analisar as representações sociais de jovens escolares em relação ao corpo e a autolesão.”

Assim, após apreciação da proposta, informa-se que esta Secretaria se **manifesta favoravelmente** à solicitação.

Para essa finalidade, devem ser observadas as seguintes orientações sobre o desenvolvimento da pesquisa, para que seja possível sua realização:

- Agendamento prévio e aprovação da gestão da escola, no sentido de preservar a rotina da instituição, de modo a evitar qualquer alteração decorrente da realização das ações;
- Por envolver profissionais da educação, é necessário que tenha aprovação e entendimento prévio dos envolvidos em todas as atividades que serão realizadas e autorizem formalmente a participação na pesquisa;
- Enfatiza-se a necessidade, vez que envolve seres humanos, que a pesquisa seja conduzida com a devida autorização do Conselho de Ética, por meio da Plataforma Brasil. Essa exigência reflete compromisso inalienável com a ética e o respeito aos direitos e ao bem-estar dos participantes;
- Ocorrências não previstas, durante a realização das ações programadas, devem ser relatadas para que sejam tomadas as medidas necessárias.

Considerada a importância do trabalho a ser desenvolvido, sugere-se que, ao final, os resultados da pesquisa sejam compartilhados para posterior análise e possíveis encaminhamentos.

Ao Senhor  
 Prof. Dr. ALBERTO MESAQUE MARTINS  
 Faculdade de Ciências Humanas - UFMS  
 Av. Costa e Silva, s/n, Setor 03, Bloco 18 - Cidade Universitária  
 79070-900 - CAMPO GRANDE - MS

Elaborado por: fmalesquis

Este ofício possui anexo(s)  
 Encaminhado ao(s) email(s): ppgpsico.fach@ufms.br, amanda\_ferreira@ufms.br

Avenida Dueta Manoel de Barros, 1770, Bairro dos Dourados, Governador Badur Daltrobian, Bloco V - CEP 79031350 - Campo Grande/MS - CNPJ -

Assinado digitalmente por HELIO QUEIROZ DAHER: 83468328191 - Hora do servidor: 23/08/2023 10:42:23  
 Este documento é cópia do original. Para conferir o original, acesse o site [www.educ.ms.gov.br](http://www.educ.ms.gov.br), e informe o código 0F9263982 na opção "Valide aqui seu documento"

Protocolo: \_\_\_\_\_  
 Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_



Ofício n. 5194/SUPED/GAB/SED/2023 - 2

Esta Pasta coloca a Coordenadoria de Formação Continuada à disposição para informações adicionais, se necessário, por meio do telefone 3341-0462.

Atenciosamente,

HELIO QUEIROZ DAHER  
Secretário de Estado de Educação  
Assinado Digitalmente

Assinado digitalmente por HELIO QUEIROZ DAHER:83468528191 - Hora do servidor: 23/08/2023 10:42:23  
Este documento é cópia do original. Para conferir o original, acesse o site [www.edoc.ms.gov.br](http://www.edoc.ms.gov.br), e informe o código 0F02619B2 na opção "Valide aqui seu documento"

Protocolo: \_\_\_\_\_  
Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

## ANEXO B – Parecer Consubstanciado do CEP



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** O CORPO E A AUTOLESÃO PARA JOVENS ESCOLARES: UM ESTUDO DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

**Pesquisador:** Alberto Mesaque Martins

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 74812423.1.0000.0021

**Instituição Proponente:** Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 6.512.805

#### Apresentação do Projeto:

Conforme as informações apresentadas no cadastramento da Plataforma Brasil o pesquisador apresenta que "Sendo o corpo constituído por representações individuais e sociais a ele associadas, toda e qualquer atividade corporal é realizada a partir dos imaginários sociais, assim como pelos sentidos pessoais atribuídos. Na esteira das práticas corporais, a ação de provocar marcas intencionais no próprio corpo com o objetivo de promover alívio do sofrimento psicológico é entendida como um fenômeno social e contemporâneo. A autolesão, uma das terminologias utilizadas para nomear esse fenômeno, a qual será adotada nesse trabalho, apresenta duas características centrais: as lesões não possuem intenção suicida e não são validadas socialmente. Diversos autores consideram que a autolesão é praticada principalmente por jovens, sendo a prática por vezes reforçado entre os adolescentes. Observa-se, dentre outros aspectos, que a hiperconectividade marcante dos dias atuais tem refletido na subjetividade dos jovens, principalmente nas meninas e mulheres, na sua relação com seus corpos, saúde e bem-estar, sendo impactados pelas normativas de beleza e moda que circulam socialmente, na busca do corpo ideal, magro e saudável. O corpo aparece, para os jovens, como objeto de importância social. Dito isso, convém compreender como a juventude sul-mato-grossense tem concebido a noção de corpo e da autolesão, enquanto prática corporal. Com isso, essa pesquisa tem como objetivo geral identificar e analisar as representações sociais de jovens escolares em relação ao corpo e a

**Endereço:** Av. Costa e Silva, s/nº - Pioneiros ç Prédio das Pró-Reitorias çHércules Maymoneç ç 1º andar  
**Bairro:** Pioneiros **CEP:** 70.070-900  
**UF:** MS **Município:** CAMPO GRANDE  
**Telefone:** (67)3345-7187 **Fax:** (67)3345-7187 **E-mail:** cepponep.propp@ufms.br